

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MARIA FLORENCIA GUARCHE RIBEIRO

**A REVOLUÇÃO EM ROJAVA: JIN, JIYAN, AZADÎ (MULHERES, VIDA,
LIBERDADE).**

MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO

Santana do Livramento

2015

MARIA FLORENCIA GUARCHE RIBEIRO

**A REVOLUÇÃO EM ROJAVA: JIN, JIYAN, AZADÎ (MULHERES, VIDA,
LIBERIDADE).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa–
UNIPAMPA.

Orientador: Prof. Dr. Victor Hugo Veppo
Burgardt.

Co-orientador: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha
Beaklini

Santana do Livramento

2015

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

R484r Ribeiro, Maria Florencia Guarche
A REVOLUÇÃO EM ROJAVA: JIN, JIYAN, AZADÎ (MULHERES, VIDA, LIBERADADE) / Maria Florencia Guarche Ribeiro.
147 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação) -- Universidade Federal do Pampa, RELAÇÕES INTERNACIONAIS, 2015.
"Orientação: Victor Hugo Veppo Burgardt".

1. Rojava. 2. Revolução curda. 3. Curdistão. 4. Confederalismo democrático. 5. PKK. I. Título.

MARIA FLORENCIA GUARCHE RIBEIRO

**A REVOLUÇÃO EM ROJAVA: JIN, JIYAN, AZADI (MULHERES, VIDA,
LIBERIDADE).**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do grau
de Bacharel em Relações Internacionais pela
Universidade Federal do Pampa –
UNIPAMPA.

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: ___/___/___.

Banca examinadora

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Antônio José Guimarães Brito
(UNIPAMPA)

Prof. Dr. Flávio Augusto Lira Nascimento
(UNIPAMPA)

À resistência em Rojava.

AGRADECIMENTO

Este trabalho jamais poderia ter sido executado sem a ajuda, compreensão e apoio de inúmeras pessoas. Tantas foram elas que não há palavras suficientes que demonstrem minha gratidão. Guardo em mim um profundo respeito e admiração a todas essas pessoas que me cativaram com sua luta e me inspiraram a acreditar neste projeto.

Agradeço aos meus pais, meu irmão e ao meu companheiro, Alisson, por acreditarem em mim e por me incentivarem diariamente, independente das adversidades. Aos meus pais, especialmente, por nunca terem medido esforços para que eu possa realizar meus sonhos e me desenvolver como ser humano. A eles, todo meu amor e dedicação, para sempre.

Sou extremamente grata aos meus colegas, pelo apoio, companhia e amizade durante esses quatro anos de curso. A vocês, meus amigos, lhes desejo as maiores alegrias e torço para que possamos nos encontrar inúmeras vezes em nossa jornada. Do mesmo modo, não posso deixar de agradecer, especialmente, aos meus mestres, professores e professoras que me encantaram e contribuíram para a minha formação como um ser humano melhor. Obrigada a todos e todas por terem me ensinado muito mais do que teorias, mas como ser (e como não ser) uma pessoa melhor. Aqui, quero agradecer ao meu orientador, Prof. Victor Hugo que com todo carinho e respeito, aceitou este desafio e me acolheu como orientanda. Obrigada!

Um agradecimento especial aos Comitês de Solidariedade ao Curdistão que criam uma força-tarefa incentivando e contagiando pessoas mundo afora a conhecer a revolução. Obrigada as mulheres do Comitê de Porto Alegre e Montevideo pelo acolhimento, pelo apoio e por, sobretudo, contribuir para a expansão da solidariedade internacional.

Meus mais sinceros sentimentos de gratidão a Melike Yasar, minha grande inspiração! A Carlos Pazmiño, por me manter focada e me oferecer uma voz calma e sensata nos momentos de desespero. Ao Prof. Bruno Lima Rocha, meu co-orientador, pelo apoio e por ser um grande referencial do Brasil no assunto e a Thoreau Redcrow, grande parceiro e professor em diversos momentos. Certamente muito do que aprendi veio de vocês.

Um agradecimento especial ao Paulo, amigo de longa data, do qual tenho grande admiração e agradeço por ter me apresentado à Revolução.

Sei que as palavras jamais serão suficientes para expressar minha gratidão e admiração por todas essas pessoas que confiaram em mim e contribuíram um pouco para a execução deste trabalho. Contudo, não posso deixar de demonstrar minha gratidão às protagonistas desta revolução. Agradeço do fundo do meu coração, a todas essas mulheres que dão sua vida

por aquilo que acredito ser a maior revolução dos últimos tempos. Minha completa e total admiração a vocês, mulheres, que tomaram as rédeas de suas vidas e conduzem este fantástico experimento em meio à guerra e a opressão. Desejo que todas nós, feministas do mundo, sejamos capazes de conhecê-las e unir forças para o fim do sistema patriarcal em cada canto deste planeta.

*“Desconfiai do mais trivial,
na aparência singelo.
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente:
não aceiteis o que é de hábito como coisa
natural, pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural,
nada deve parecer impossível de mudar”.*
Bertold Brecht

Berxwedan jiyane. (A resistência é a vida)- Lema curdo.

RESUMO

O povo curdo é a maior nação sem Estado do mundo. Como apátridas, vivendo no sistema de Estado-nação, encontram-se numa complexa condição de vulnerabilidade social para além de sua localização geográfica, centrados em território de quatro Estados (Turquia, Irã, Iraque e Síria), enfrentam graves desafios políticos, sociais e econômicos, o que ameaçam a sua sobrevivência. Limitados pelas estruturas dos Estados à sua volta, cercados pelas fronteiras e subjugados por décadas aos interesses dos grupos dominantes, os curdos viram na luta armada e, mais recentemente, no Confederalismo Democrático uma alternativa efetiva para dar voz a um novo modelo de sociedade, contrastando com o modelo chauvinista de construção nacional, típico do Oriente Médio. Tal sistema social, idealizado por Abdullah Öcalan, líder do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK), reúne conceitos de Murray Bookchin (municipalismo libertário e ecologia social) e Immanuel Wallerstein, estruturando-se sobre três eixos: a democracia radical de base, libertação das mulheres (luta antipatriarcal) e ecologismo (anticapitalismo). Os últimos vinte anos foram decisivos na reestruturação da ideologia do PKK, principalmente se considerarmos o papel essencial desenvolvido pelas mulheres. Foram as mulheres curdas que trouxeram, em maior medida, a necessidade da construção de um sistema social que se opusesse ao patriarcado, dada a necessidade de estruturação de um projeto político e social que tenha como eixo central a libertação das mulheres, surge assim a *jineology*. Considera-se que o Estado é o problema, sendo o grande replicador da desigualdade, do sexismo e o pilar que sustenta a sociedade patriarcal. O processo revolucionário implementado em Rojava ganha força a partir da guerra civil síria aplicando o Confederalismo Democrático a despeito das estruturas vigentes. Tal revolução resultou na criação de três cantões, autogestionados e estruturados em autonomia democrática. São eles: Cizre (Al-Jazeera), Kobanê e Efrin, objetos de nossa pesquisa. A revolução em Rojava busca a libertação curda pelas vias da autonomia, a autogestão e a participação política e social de todos seus participantes.

PALAVRAS-CHAVE: Confederalismo Democrático. Curdistão. Rojava. Jineology. Ecologismo.

RESUMEN

El pueblo kurdo es la mayor nación sin Estado del mundo. Como apátridas, habitantes de un sistema de Estado-nación, se encuentran en una compleja condición de vulnerabilidad social más allá de su localización geográfica, centrados entre el territorio de cuatro Estados (Turquía, Irán, Irak y Siria), enfrentan graves desafíos políticos, sociales y económicos que amenazan su supervivencia. Limitados por las estructuras de los Estados a su alrededor, cercados por las fronteras y subyugados a los intereses de los grupos dominantes por décadas, los kurdos encuentran en la lucha armada y, recientemente, en el Confederalismo Democrático, una efectiva alternativa para dar voz a un nuevo modelo de sociedad, contrastando con el modelo chauvinismo de construcción nacional, típico de Medio Oriente. Este sistema, idealizado por Abdullah Öcalan, líder del Partido de los Trabajadores de Kurdistan (PKK), reúne conceptos de Murray Bookchin (municipalismo libertario y ecología social) e Immanuel Wallerstein, estructurándolo en tres bases: democracia radical de base, liberación de las mujeres (lucha antipatriarcal) y ecologismo (anticapitalismo). Los últimos años fueron decisivos en el proceso de reestructuración ideológica del PKK, principalmente si considera-se el rol esencial cumplido por las mujeres. Fueron ellas, las mujeres kurdas, que aportaron, en mayor medida, la necesidad de construcción de un sistema social que fuera opuesto al sistema patriarcal, dada la necesidad de estructuración de un proyecto político y social que tenga como eje central la liberación de las mujeres. Surge así la ciencia de las mujeres, jineology. Se considera al Estado como un problema, siendo el gran reproductor de la desigualdad, del sexismo y el pilar que sustenta la sociedad patriarcal. El proceso revolucionario implementado en Rojava gana fuerza a partir de la guerra civil Siria, aplicando el Confederalismo Democrático independiente de las estructuras vigentes. Tal revolución resultó en la creación de tres cantones autogestionados y estructurados sobre las bases del sistema ideológico kurdo. Son ellos: Cizre (Al-Jazeera), Kobanê e Efrin, objetos de nuestra investigación. La revolución en Rojava busca la liberación kurda por vías autónomas de autogestión y participación política y social de todos sus participantes.

PALABRAS CLAVE: Confederalismo Democrático. Kurdistan. Rojava. Jineology. Ecologismo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO PKK: A INFLUÊNCIA DA REPRESSÃO NA FORMAÇÃO DA RESISTÊNCIA CURDA	19
2.1 ORIGENS DA QUESTÃO CURDA, ANTECEDENTES DA LUTA ARMADA.	19
2.2 FORMAÇÃO DO PARTIYA KARKERÊN KURDISTAN (PKK) E O DESENVOLVIMENTO DA GUERRA DE GUERRILHA.....	32
2.3 A DÉCADA DE 1990: PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES E AS MUDANÇAS IDEOLÓGICAS DO PKK.....	41
2.4 O CONTEXTO POLÍTICO SÍRIO, FORMAÇÃO DO PYD, TEV-DEM E UNIDADES DE PROTEÇÃO POPULAR – YPG/YPJ.	61
3 O CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO	71
3.1 ESTRUTURA GERAL.....	71
3.2 INFLUÊNCIAS TEÓRICAS AO CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO.....	81
3.3 <i>JINEOLOGY</i> , A CIÊNCIA SOCIAL DAS MULHERES.	92
4 A REVOLUÇÃO EM ROJAVA	107
4.1 KOBANÊ E A RESISTÊNCIA FRENTE AO ESTADO ISLÂMICO	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

LISTA DE ABREVIATURAS

- AKP - Partido da Justiça e Desenvolvimento.
- ARGK - Exército do Curdistão de Libertação do Povo.
- AYÖD - União de Educação Superior em Ankara.
- CNFORS - Coalizão Nacional das Forças de Oposição e Revolução Síria.
- DBK - Comitê Supremo Curdo.
- DDKO - Corações culturais revolucionários do Leste.
- DEV-Genç - Federação da Juventude Revolucionária da Turquia.
- DİSK - Confederação de Sindicatos Revolucionários da Turquia.
- ERNK - Frente de Libertação Nacional do Curdistão.
- FDLP – Frente Democrática de Libertação Palestina.
- FPLP – Frente Popular da Libertação Palestina.
- GAP - Projeto Sudeste Anatólia.
- GKK - Guardas aldeãs
- HDP – Partido Democrático do Povo.
- HPG – Forças de Defesa Popular.
- HRK - Forças de defesa do Curdistão do Leste.
- KCD - Coordenação das Comunidades Democráticas do Curdistão.
- KCK - Confederação dos povos do Curdistão.
- KDP – Partido Democrático do Curdistão Iraquiano.
- KJK - Comunidade de mulheres curdas.
- KNC - Conselho Nacional Curdo.
- KRG – Governo Regional do Curdistão.
- OTAN – Organização do Tratado do Atlântico Norte.
- PÇDK – Partido da Solução Democrática do Curdistão.
- PJAK - Partido da Vida Livre do Curdistão
- PKK – Partido dos Trabalhadores do Curdistão.
- PPKK - Partido Obreiro de Vanguarda de Curdistão.
- PUK - União Patriótica do Curdistão.
- PYD – Partido da União Democrática.

SK - Revolucionários Curdos.

TEV-Dem - Movimento por uma Sociedade Democrática.

THKP-C - Partido de libertação Popular (Front Turco).

TIP - Partido dos trabalhadores da Turquia.

TKSP - Partido Socialista do Curdistão Turco.

UKP - Exército de Libertação Nacional.

YBŞ - Unidade de Resistência de Shengal.

YDK - União Popular Democrática.

YJAK - Associação das Mulheres Livres do Curdistão.

YJWK - União das Mulheres Patrióticas do Curdistão.

YPG – Unidades de Proteção ao Povo.

YPJ – Unidades de Proteção das Mulheres.

1 INTRODUÇÃO

Existe uma revolução dentro da Revolução. Aqui o processo é pautado pelas mulheres, e implementada por meio de um sistema altamente democrático em que as decisões são tomadas desde a base. Este processo revolucionário que tem como cerne a libertação das mulheres e a extinção do patriarcado tem como bases a autodeterminação e a negação do modelo de Estado-nação. O desejo de criar uma sociedade livre do Estado é pautado na democracia direta e implementado através de conselhos mais locais, comitês e a federalização do sistema político tendo como base um modelo inspirado em preceitos anarquistas.

O segundo capítulo busca resgatar os elementos que levaram à formação da questão curda, bem como retratar um breve histórico da formação da resistência armada e do PKK. De igual modo, dá-se destaque às mudanças ideológicas implementadas à partir da segunda metade da década de 1990 e a emergência do movimento de mulheres curdas neste processo.

Inicia-se o trabalho fazendo um breve retrospecto, recordando os principais acontecimentos que nos levam a uma melhor compreensão das decisões e reações atuais, principalmente em Rojava (Curdistão Sírio), o recorte geográfico que se propõem analisar. Tal região encontra-se geograficamente no Estado da Síria, ao norte, fazendo fronteira com a Turquia e o Iraque. É uma República autônoma proclamada de fato desde 2012 pelo Partido da União Democrática (PYD¹), liderado por Salih Muslim Muhammad, formada por três cantões: Cizre (Al-Jazeera), Kobanê e Efrin, e é o palco principal desta revolução.

Sabe-se que as fronteiras que hoje desenharam os países do Oriente Médio foram circunscritas em 1916 no Acordo Sykes-Picot pela França e Grã-Bretanha, delimitando suas esferas de influência. Neste acordo quem mais saiu perdendo, sem dúvida, foram os curdos. Traídos e perseguidos durante grande parte do século XX, lhes foi negada qualquer chance de independência ou respeito às suas vidas e seus costumes. Buscando manter o máximo possível do controle sobre suas zonas de influência, as potências européias mantinham seu *status quo* dando o poder a pequenas minorias étnicas ou religiosas encarregadas de governar sob seu comando.

Foi durante praticamente todo o século XX que os curdos sentiram de forma mais intensa a repressão social, política e econômica implementada contra eles, especialmente pelos governos da Síria, Turquia, Irã e Iraque, países nos quais encontra-se a maior população

¹ Em curdo: Partiya Yekîtiya Demokrat.

curda no mundo. Após passarem grande parte do século sendo perseguidos e hostilizados pelos governos destes países, foi em território Turco que surgiu o PKK, em 1978 por um grupo de estudantes liderados por Abdullah Öcalan (“Apo”) e, ao mesmo tempo, foi o palco dos maiores conflitos entre a resistência curda e os governos da região. As relações entre a formação da resistência e a emergência dos movimentos de libertação correspondem à reação deste povo frente aos acontecimentos geopolíticos da região.

No capítulo terceiro, buscou-se analisar o modelo político e social produzido pelo PKK e as mudanças dadas a partir da segunda metade da década de 1990, levadas à frente pelo Movimento de Libertação das Mulheres curdas (KJK²). A inclusão do feminismo curdo, *jineology*, e a ampla participação feminina na construção de um modelo social democrático são de vital importância para a compreensão da revolução em Rojava e para a projeção de novas alternativas políticas para a região, no recorte temporal que abrange os anos de 1978 até 2015. Nesses cantões, é implementado, política e socialmente, o modelo do confederalismo democrático sobre o amparo teórico do PKK, a organização do Grupo de comunidades do Curdistão (KCK³) e a implementação do PYD.

Com a aplicação de conceitos extraídos de teóricos e teóricas anarquistas e feministas, bem como conceitos da segurança internacional, tenta-se analisar a revolução em Rojava como um laboratório a céu aberto que aplica a teoria do confederalismo democrático na região, sendo esta uma alternativa inovadora e autêntica que emerge no seio do Oriente Médio. Assim cria-se uma estrutura que vai de encontro ao sistema capitalista-patriarcal incentivando a plena participação popular.

Considerando que os processos políticos e sociais são como um rio, não se pode cortá-lo ou fragmentá-lo, por isso torna-se muito difícil limitar a análise somente a um aspecto ou lapso temporal. Sendo assim e, considerando a limitação deste trabalho, concentra-se nos principais acontecimentos, sem esquecer da necessidade de dar continuidade a este trabalho e aprofundar a análise sobre esta revolução. Ademais, deve-se lembrar que este trabalho foi realizado durante a segunda metade do ano de 2015, enquanto as guerrilhas do YPJ e YPG travavam respeitáveis batalhas e conquistavam importantes territórios na região e a população de Rojava se organizava diariamente em novos conselhos, comitês e organizações populares. Sempre atenta às diferentes mídias tenta-se fazer uma análise dos elementos fundamentais da Revolução, permitindo que os leitores tenham uma visão global sobre o conflito,

² Em curdo: Komalên Jinên Kurdistan.

³ Em curdo: Koma Civakên Kurdistan.

compreendendo sua verdadeira natureza. Uma vez que a revolução continuará e as estruturas continuarão sendo construídas diariamente acredita-se que em breve será necessária uma grande atualização deste trabalho. Inicialmente, a primeira conclusão que se pode adiantar é que desde 2012 (ano que se declara a autonomia da região) a revolução tem ganhado força e se consolidado como um farol democrático em meio ao Oriente Médio. Neste sentido, é de essencial importância que fique se compreenda que o processo democrático reivindicado nesta revolução vai além do conceito democrático vinculado ao modelo liberal e burguês. A ideia de democracia que será tratada neste trabalho está relacionada à perspectiva radical de base, proposta aos moldes do Confederalismo Democrático. Assim sendo o quarto, e último capítulo, propõe uma breve análise sobre a implementação do confederalismo democrático em Rojava, bem como a resistência frente ao Estado Islâmico e aos conflitos da região.

Parte-se da ideia de que existe uma revolução e ela tem demonstrado ser muito efetiva e objetiva em seus propósitos. Assim, questiona-se: será este modelo social uma alternativa adequada para estabelecer uma sociedade capaz de quebrar com as estruturas estadocêntricas, patriarcais e chauvinistas da região obtendo a tão disputada independência? Frente a este problema, a hipótese levantada nesta pesquisa é de que a revolução em Rojava constitui um marco na história, não só da resistência curda, mas de todo o Oriente Médio, especialmente no que diz respeito à organização política e social da região, sendo necessário seu reconhecimento e importância, principalmente no que tange à jineology.

Sabe-se que apesar da ampliação das teorias que permitem abordagens mais adequadas dos diferentes temas nas agendas internacionais e, de igual modo, da crescente importância de atores antes ignorados no sistema internacional, o Estado ainda constitui o cerne dos debates sobre política internacional. O modelo estadocêntrico (aos modelos de Westfália) constitui o dogma principal dentro desse sistema. Aos olhos do movimento de independência curdo esse é o principal problema: é incompatível com a liberdade e, portanto é a causa de muitos problemas sociais, começando por ser essencialmente o reprodutor principal do patriarcado e das desigualdades sociais. Desse modo, estabelece-se um novo modelo social, completamente diferente do que presencia-se hoje. O Confederalismo democrático, de Abdullah Öcalan traz consigo elementos essenciais como o municipalismo libertário e a ecologia social de Murray Bookchin, bem como bases sólidas de igualdade de gênero e democracia radical de base. Assim, é de vital importância o questionamento sobre novas organizações sociais e políticas que permitam a real participação dos cidadãos, bem como a oportunidade de maximizar suas potencialidades livres de limitações ou desigualdades

de gênero. De igual modo, o enfrentamento ao modelo de produção capitalista torna-se essencial para a manutenção da vida na terra. A ecologia social, proposta por Bookchin e levada à diante pelo modelo político proposto por Öcalan é essencial para o estabelecimento de um modo de produção justo, auto-sustentável e que permita a manutenção dos ecossistemas e recursos naturais. Então, ao explorar diferentes alternativas ao modelo de Estado-nações, permite-se a criação de um modelo inovador e diverso ao que presenciamos nos dias atuais. Ao estruturar este modelo social na autogestão e na participação da base cidadã de Rojava, destaca-se o intenso movimento organizacional que incentiva seu povo a defender esse projeto frente a todos os desafios impostos, sendo suas maiores ameaças o Estado Islâmico, a pobreza e marginalização social, bem como a guerra civil Síria.

A fim de cumprir com o objetivo geral desta pesquisa, isto é, analisar o Confederalismo Democrático como modelo político alternativo ao sistema de Estado-nação destacando, especialmente, suas bases constitutivas (jineology, ecologismo e democracia radical de base), utiliza-se o método qualitativo tendo como base a análise histórico-descritiva e, neste caso, fazendo uso de uma extensa pesquisa bibliográfica. Este método nos permite encadear os processos sociais analisando suas causas e efeitos (FACHIN, 2006). Para tanto, faz-se necessário desenvolver uma análise cronológica sobre a formação e consolidação do PKK na Turquia e o modo como esse movimento ganha força e espalha sua influência na região por meio de lutas de guerrilha e aumento de seu prestígio com a população nativa.

Para os objetivos específicos, buscou-se fazer uma pesquisa que siga procedimentos qualitativos, análise bibliográfica e documental. Utilizando as fontes secundárias escritas pelas próprias militantes e guerrilheiras, bem como o material documental escrito pelo líder do movimento, Abdullah Öcalan. Deste modo, propõe-se analisar a formação do movimento de resistência curdo, especialmente a mudança de pensamento nas bases ideológicas do PKK, tomando como ponto de partida meados da década de 1990 e compreender como o movimento de mulheres Curdas se inseriu no processo revolucionário analisando a formação das organizações, conselhos e comitês, bem como a elaboração do conceito de jineology. Ademais de analisar o papel desempenhado pelo Estado Islâmico na consolidação da revolução e na luta pela resistência Curda na região sendo um inimigo comum aos povos da região.

Assim, percebe-se que esta revolução é resultado de um processo longo e com importantes reviravoltas que foram essenciais para a criação de um modelo que permitisse o resgate de conceitos pouco utilizados nas relações internacionais e que fosse capaz de

construir as bases para uma revolução democrática, anticapitalista e pautada na libertação das mulheres de uma sociedade misógina e opressora.

2 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO PKK: A INFLUÊNCIA DA REPRESSÃO NA FORMAÇÃO DA RESISTÊNCIA CURDA

Inicia-se a pesquisa contextualizando as principais origens dos problemas enfrentados pelos curdos no decorrer do século XX. Por meio de uma análise histórica partimos dos acontecimentos que sucedem a Primeira Guerra Mundial no Oriente Médio e, após um avanço temporal significativo, chegamos propriamente à formação, desenvolvimento e evolução política e combativa do PKK.

No item 2.1 faremos uma retomada histórica que parte dos tratados pré-revolução kemalista e os primeiros passos em direção à consolidação do Estado turco. Para tanto, faz-se uso de conceitos da Segurança Internacional para compreender o fenômeno da Guerra Irregular e guerra de guerrilha relacionando-os com a emergência e desenvolvimento do PKK no contexto político e social da época. Ademais, fala-se sobre a securitização do Partido pelas potências ocidentais após a prisão do líder Öcalan para compreender o fenômeno do terrorismo emergente nos primeiros anos do século XXI. Ademais, trata-se de forma bastante sucinta a relação entre os governos da Síria e Turquia para com a população civil bem como a relação diplomática conturbada de ambos os países que levou à forte repressão do Partido a partir da década de 1980 e, em 1990, à Síria deixar de prover ajuda à guerrilha.

Por meio de uma análise simples e direta, característica deste tipo de trabalho, apresentaremos os acontecimentos vinculados aos principais fatos que se apresentam como essenciais para a compreensão da atual Revolução limitando-nos à região que compreende o norte da Síria e a Turquia como forma de atingir o objetivo final que é a análise da Revolução em Rojava.

Finalmente, no item 2.2 analisa-se de forma bastante sucinta à formação do PYD e sua relação com o TEV-Dem (*Tevgera Civaka Demokratîk*⁴) em território Sírio (região autônoma de Rojava). Assim, apresenta-se uma contextualização histórica que permite a compreensão mais exata da aplicação do modelo de Confederalismo Democrático que está sendo implementada naquela região.

2.1 Origens da questão curda, antecedentes da luta armada.

⁴ Movimento por uma Sociedade Democrática.

Os curdos são um povo de origem indo-européia assentados na região da Mesopotâmia há mais de quatro mil anos (ABDULLAH, 2012, p. 23). Dentre os dialetos falados pelo povo curdo, destaca-se o sorani, kurmanji, fayli e o zazayi, sendo o mais comum na Turquia e na Síria o kurmanji.

O Curdistão é o nome dado à região que compõem o conjunto linguístico, cultural e étnico conformado majoritariamente por curdos. Atualmente localizado entre os territórios da Turquia, Síria, Irã e Iraque, abrange, segundo Abdullah (2012) mais de 400.000 km². Este território encontra-se dividido em quatro importantes regiões denominadas, Başûrê (Curdistão iraquiano), Bakur (Curdistão turco), Rojava (Curdistão sírio) e Rojhilat (Curdistão iraniano). A primeira divisão do Curdistão foi dada em 1639 pelos impérios Otomano e Persa dividindo as populações entre estes poderes e iniciando o processo de fragmentação e assimilação desta população. A segunda, mais recente, foi dada com a formação da República da Turquia.

A história da República da Turquia é bastante recente, surge em 1923 com o desmantelamento do Império Turco Otomano sob a liderança da revolução de Mustafá Kemal “Ataturk⁵”. Em 1916 é assinado um acordo secreto entre Reino Unido e França delimitando as zonas de influência desses países dentro do Oriente Médio, conhecido como Sykes-Picot. Ao finalizar a Primeira Guerra Mundial, foi assinado o Armistício de Mudros no dia 30 de outubro de 1918 pondo fim as hostilidades entre o agonizante Império Otomano e os aliados⁶. Garantiu-se formalmente a oportunidade de que as forças dos aliados pudessem intervir no leste como o objetivo de pôr fim à situação caótica desenvolvida na região. Com este acordo as potências aliadas conseguiram o controle dos estreitos de Dardanelos e Bósforo⁷, localizados em uma região de ímpar importância para a região, além do direito de fazer ocupações em qualquer território que achassem necessário para a manutenção da “segurança”. Este foi o primeiro passo para a partilha do Império Otomano criando as estruturas que afirmariam o Tratado de Sèvres.

Decretada à rendição do Império Otomano, Inglaterra, França e Itália, como potências vencedoras, decidiram dividir os territórios que pertenciam ao Império Otomano por meio do Tratado de Sèvres (1920). Segundo Yanarocak (2009), este acordo cria a chamada “Sèvres syndrome⁸”, termo cunhado por Hasan Cemal (2009) para se referir ao ‘trauma’ causado pela

⁵ Tradução: O pai dos Turcos.

⁶ Representados pela Tríplice Entente formada por Grã Bretanha, França e Rússia (até 1917).

⁷ Os estreitos turcos desempenham uma função essencial para o controle da geopolítica da região. Ligam o mar de Mármara ao mar Egeu (por meio do estreito de Dardanelos) e ao mar Negro (pelo estreito de Bósforo).

⁸ Síndrome de Sèvres (tradução nossa).

repentina perda do controle turco na região. Segundo o autor, esta é uma razão para que o Estado Turco surja embasado num forte nacionalismo revanchista. Neste tratado, foi estabelecida a terceira Sessão para tratar a questão curda, sendo destinada exclusivamente para isso. Em seu artigo de número 62, ficava determinada a criação do Estado do Curdistão, por meio da criação de uma grande zona autônoma (TRATADO DE SÈVRES, 1920). Entre os anos de 1919 e 1922 os militares turcos liderados por Ataturk travaram uma guerra de independência, havendo sido, inclusive, auxiliados pelos curdos a tomar o poder. A estratégia militar e política de Mustafá Kemal era a união dos muçulmanos contra os infiéis, coisa que não foi mantida após a declaração da República, transformando-se num governo secular. Contudo, após a independência da República da Turquia, o Tratado de Sèvres não foi ratificado, mantendo as fronteiras e negando a chance de ser criado o Estado Curdo.

No dia 24 de julho de 1923 a Turquia e os vencedores da Primeira Guerra assinam o Tratado de Lousanne, revogando o anterior e dando aos turcos a plena soberania sobre os territórios perdidos anteriormente. Segundo Santos (2012) em *A Geopolítica da Turquia*, inicia-se assim uma importante divisão entre os curdos do Iraque e os da Turquia. Este mesmo autor chama a atenção para a proximidade entre turcos e curdos no início do século e, principalmente, na ajuda que estes deram a Mustafá Kemal para ascender ao poder, acreditando que assim teriam a criação de seu estado facilitada, coisa que não aconteceu. O acordo de Lausanne define como minorias turcas todos aqueles cidadãos que não sejam muçulmanos. Assim, curdos, laz, e outras etnias não mencionadas não são consideradas como minorias⁹. Há, também, uma Sessão que trata sobre a questão dos Direitos das Minorias neste tratado, o artigo 39¹⁰. Pode-se relaciona-lo diretamente aos curdos já que estabelece que qualquer cidadão na Turquia poderá usar qualquer idioma mas, enfatiza que apenas o Turco é

⁹ Segundo Yanarocak (2009), o atual conceito de minoria foi estabelecido no relatório das Nações Unidas da subcomissão de Prevenção da Discriminação e Proteção das Minorias escrito em 1985. Este documento estabelece que: são um grupo de cidadãos de um Estado que com suas especificidades encontram-se em menor número do que a maioria da população, considerando sua etnicidade, religião ou idioma, tendo por objetivo a sobrevivência e o alcance de igualdade de fato e de direito sobre a maioria.

¹⁰ “Turkish nationals belonging to non-Moslem minorities will enjoy the same civil and political rights as Moslems.

All the inhabitants of Turkey, without distinction of religion, shall be equal before the law. Differences of religion, creed or confession shall not prejudice any Turkish national in matters relating to the enjoyment of civil or political rights, as, for instance, admission to public employments, functions and honours, or the exercise of professions and industries.

No restrictions shall be imposed on the free use by any Turkish national of any language in private intercourse, in commerce, religion, in the press, or in publications of any kind or at public meetings.

Notwithstanding the existence of the official language, adequate facilities shall be given to Turkish nationals of non-Turkish speech for the oral use of their own language before the Courts.” (Tratado de Lousanne, 1923, art. 39).

o idioma oficial. Como resultado dessa atuação por parte dos kemalistas houve várias revoltas por parte dos curdos tais como: Koçgiri no ano de 1920, Sheikh Said em 1925, Ağrı/Ararat em 1927 e Dersim em 1937 (YANAROCAK, 2009, p.08). Neste sentido Halliday lembra que:

All of these three processes – state formation, nationalism, secularization – were changes brought about from above and in response to external pressures; of equal import was the fourth process, what was happening below. The final years of the Ottoman empire and, even more so, the years following the imposition of the post-1918 settlement saw the emergence, in a range of countries, of popular movements, combining social with economic demands¹¹ (2005, p. 88).

A repressão permanente do Estado turco é um elemento essencial para compreender a questão curda. A negação da existência de outros povos dentro do Estado gera uma intensa repressão – fruto das tentativas de anulação promovidas pela Turquia –. Os curdos passam a ser conhecidos como “turcos da montanha” negando-lhes a sua etnia. Vale lembrar que o modelo de assimilação também aconteceu na Síria, Irã e Iraque e é de vital importância para a compreensão do *modus operandi* adotado pelo movimento de libertação curdo na década de 1980. O modelo etnonacionalista implementado pela Turquia desde a revolução kemalista é apontado como um dos pilares da questão curda, uma das principais razões para a segregação e marginalização destas minorias na região. Nesse sentido, deve-se considerar algumas palavras sobre o etnonacionalismo:

Nationalism refers to the ideology of the nation-state. It is the theoretical basis for the organization of the world’s people into states, each claiming to be sovereign. In that sense, nationalism needs to be understood in the nation-state framework. Ethnonationalism, on the other hand, refers to the nationalism of stateless ethnic groups. [...] It can be argued that the major difference between nationalism and ethnonationalism is the people’s attachment to the state¹². (CELIK, 2008, p. 14-16)

Reafirmando o que foi dito por Celik, deve-se considerar que a etnicidade e o nacionalismo, como categorias, não são elementos dados, mas, construções sociais e políticas. Obviamente destaca que essa construção não advém das bases sociais, mas, do topo, das

¹¹ Estes três processos – formação do Estado, nacionalismo e secularização – foram alterações introduzidas de cima e como resposta as pressões externas; a mesma importância, o quarto processo que estava acontecendo abaixo. Os anos finais do império Otomano e, mais ainda, nos anos seguintes à sua liquidação pós-1918, viu o surgimento de movimentos populares combinados com demandas sociais e econômicas, em uma série de países.

¹² Nacionalismo refere-se à ideologia do Estado-nação. É a base teórica para a organização de pessoas do mundo nos Estados, cada um pretendendo ser soberano. Nesse sentido, o nacionalismo precisa ser entendido no âmbito do Estado-nação. Etnonacionalismo, por outro lado, refere-se ao nacionalismo de grupos étnicos sem Estado. [...] Pode-se argumentar que a maior diferença entre nacionalismo e etnonacionalismo é o apego do povo ao Estado. [Tradução nossa].

elites. Assim, a etnicidade e o nacionalismo são elementos indiscutivelmente ligados à centralização do Estado (CELIK, 2008, p.19).

O interesse das potências na região é claramente demonstrado pela sua geopolítica. A localização privilegiada e as imensas reservas de recursos naturais são estratégicas para projetar o controle político e econômico naquele local. Mehmet Dogan (2015), antropólogo curdo, destacou a importância do controle da água na região. Em meio à crescente fértil encontram-se dois rios que foram (e ainda são) essenciais para a vida na região, fala-se do Tigre e o Eufrates. Estes rios são responsáveis pelo maior caudal de água doce na região e desempenham um papel essencial nas relações político-diplomáticas entre a Síria e a Turquia até os dias atuais. Vale lembrar que os problemas entre ambos os países começam pela proximidade da Turquia com o ocidente, sendo um membro da OTAN e apoiando os EUA durante a Guerra Fria e mantendo relações com Israel em contraste com a Síria, que faz parte dos países que defendem o pan-arabismo e, ainda, é uma aliada dos soviéticos, antiocidental e reclamou os territórios de Alexandretta para si. Segundo Yanarocak (2009) as relações entre a Turquia e a Síria melhoraram após 1961 quando esta última retirou-se da República Árabe Unida. Sobre este aspecto falaremos sobre questões pontuais no decorrer do desenvolvimento do capítulo¹³.

Eccarius-Kelly (2010) afirma que desde o início da República da Turquia o Estado não conseguiu destruir as estruturas políticas tribais curdas apesar de ter usado muita violência e de seus esforços militares contra a população. Conforme apresenta o autor:

After World War II, Turkey's leaders neglected to emphasize economic, social and educational development projects in the southeastern provinces, and pursued modernization and political liberalization in the Western, coastal, and central areas of the country. This combination of compartmentalized policies –first extreme repression in the Kurdish regions, the economic neglect followed by partial political liberalization – provided Kurdish activist with ample opportunities to organize around legitimate grievances¹⁴. (ECCARIUS-KELLY, 2010, p. 106)

¹³ Em 1936 nacionalistas franceses e sírios iniciaram um tratado que culminaria com a independência da Síria em 1939 apesar da campanha turca para incorporar Alexandretta a seu território. Assim a “República do Hatay” foi declarada em 1939 assinando, conjuntamente com a França e a Turquia sua concessão da Alexandretta ao vizinho turco deixando a população árabe que habitava na região como refugiados (YANAROCAK, 2009, p. 59).

¹⁴ Após a Segunda Guerra Mundial, os líderes da Turquia esqueceram de enfatizar projetos de desenvolvimento econômico, social e educacional nas províncias do sudeste, e perseguiram a modernização e liberalização política nas áreas ocidentais, costeiras, e centro do país. Esta combinação de políticas compartimentadas - primeiro a extrema repressão nas regiões curdas, negligência econômica seguida de política de liberalização parcial- fornece aos ativistas curdos amplas oportunidades para se organizar em torno de queixas legítimas. [Tradução nossa].

Em 1946 é implementado o sistema político pluripartidarista, mas isso não garantiu, segundo Eccarius-Kelly (2010), que os curdos tivessem voz. O processo de politização curdo se inicia com o KDP (Partido Democrático do Curdistão Iraquiano), fundado em 1946 por Mustafá Barzani no Curdistão Iraquiano. Contudo, na Turquia, há uma lacuna entre os anos 1940 e 1960. Apesar da década de 1950 ser chamada de “Década dos Democratas na Turquia”, os problemas econômicos geraram instabilidade política que culminou em uma intervenção militar em 1960 que levou Menderes à execução por suspeitas de haver violado a Constituição (ECCARIUS-KELLY, 2010). No mesmo tempo, no Iraque era levada adiante à rebelião curda liderada por Barzani aumentando consideravelmente a ação militar nas regiões habitadas por estas populações. A partir desta década, as novas elites curdas (diferentes dos *aghas*¹⁵ que antes haviam sido cooptadas pelos interesses nacionalistas turcos) se alinham sob uma linha de pensamento que tinha como centralidade o nacionalismo curdo (SAPOHR, ANDRIOTTI, SOARES, 2011). Apesar disso a Constituição de 1961 abriu uma inédita oportunidade de que o pensamento independente fosse estimulado.

A partir daí há uma enorme mudança sendo necessário analisar de forma autónoma o surgimento desses Partidos (ÖZCAN, 2006). Contudo, Bozarsian (2001) destaca que foi entre as décadas de 1960 e 1970 que há uma importante emergência de Partidos políticos, somada a um movimento contestatório social e violento que culmina com um novo golpe de 1971. Segundo Jong (2015), foi no contexto do golpe de estado na Turquia por “Kemalistas progressistas” em 1960 que foi formado o TIP¹⁶ (*Turkiye Isci Partisi*), um Partido de orientação reformista que trouxe ideias socialistas que estavam completamente marginalizadas dentro da conjuntura política turca. Segundo Eccarius-Kelly (2010), este Partido teve um papel predominante em Ankara, principalmente pelas suas demandas salariais e condenando a distribuição desigual da riqueza. Tal agremiação política obteve 3% dos votos nas eleições de 1965 conseguindo 15 assentos no parlamento. Por mais que o TIP fosse contra as atitudes combativas da extrema esquerda, contava com o apoio de grande parte da população curda deste país. Deve-se lembrar que, nessa época o simples ato de falar o idioma curdo era crime, inclusive, bastava o uso das letras: *x*, *q* e *w* (que não existem no alfabeto

¹⁵ *Aghas* é o nome dado à elite curda que recebeu benefícios do governo da Turquia para apoiar a subjugação do povo curdo nas regiões em que estes eram o grupo dominante. Esta estratégia de cooptação das elites dominantes antes de 1960 funcionou de forma bastante efetiva para impedir rebeliões e levantes desta parcela da população (SAPOHR, ANDRIOTTI, SOARES, 2011).

¹⁶ Partido dos trabalhadores da Turquia.

turco) já era passível de punição. Qualquer menção à existência curda na região era passível de severas punições pelo Estado Turco (ECCARIUS-KELLY, 2010).

Nesse contexto de extrema repressão e, na clandestinidade, surgiu o DDKO¹⁷ (*Devrimci Doğu Kültür Ocakları*), grupo urbano que visava inflamar a opinião pública curda por meio de publicações mensais que enfatizavam questões econômicas e a opressão sofrida pelos camponeses curdos pelos líderes tribais, bem como para denunciar os atentados contra vilarejos curdos pelo exército turco (YANAROCAK, 2009, p. 41). Segundo o autor este foi um importante trampolim para que os intelectuais curdos pudessem, mais adiante, ingressar na política turca. Os militantes do DDKO eram estudantes curdos das mais variadas ideologias que fugiam do controle político do TIP. o DDKO representa um rompimento radical para o movimento nacionalista curdo tendo como inspiração os eventos no Vietnã. Eles viam que o problema curdo era mais do que nada um problema derivado do colonialismo. Líderes do DDKO como Musa Ater, Tarik Ziya Ekinci, Sait Elci e Necmettin Büyükkaya enfrentaram as cortes em Istambul e Amed defendendo a existência curda e sua identidade. Nessa mesma época, surgiam novos grupos dentro da esquerda. Em 1965 surge o Dev-Genç¹⁸ (*Türkiye Devrimci Gençlik Federasyonu*), uma organização urbana estimulada pelo crescente surgimento de jornais e folhetos que continham um novo pensamento (ECCARIUS-KELLY, 2010). Já em 1967, segundo Jong (2015), surge um novo sindicato de orientação mais à esquerda, o DİSK¹⁹ (*Türkiye Devrimci İşçi Sendikaları Konfederasyonu*). Estes trabalhadores, organizados nestes grupos, fizeram grandes manifestações, greves e ocuparam fábricas e terras.

Na década de 1970 presenciou-se um aumento significativo na radicalização dos movimentos, surgindo os primeiro grupos armados encorajados pela revolução cubana e o maoísmo. Em 1974 Öcalan começou a participar na União de Educação Superior em Ankara (AYÖD²⁰). Estava embasada, pelo menos parcialmente, no partido guevarista da THKP-C²¹, o que incentivou Öcalan em seus primeiros passos. Nos primeiros anos de luta White (2015) lembra que foi criada a UKP²² que misturava o nacionalismo curdo com a ideologia marxista-leninista radical. Esta organização definia o povo curdo como uma colônia interna da Turquia.

¹⁷ Corações culturais revolucionários do Leste. Neste sentido temos que destacar o eufemismo da palavra “leste” que faz alusão do Curdistão, como forma de driblar a barreira repressiva.

¹⁸ Federação da Juventude Revolucionária da Turquia.

¹⁹ Confederação de Sindicatos Revolucionários da Turquia.

²⁰ Ankara Yüksek Öğrenim Derneği.

²¹ Partido de Libertação Popular – Front Turco.

²² Exército de Libertação Nacional.

Esta organização, segundo o autor, esteve ativa entre os anos de 1973 e 1977, antes da fundação do PKK.

Souza (2014) destaca a influência que Mao Tsé-tung no encorajamento de movimentos revolucionários. Nesse sentido afirma:

Mao Tsé-tung [...] foi um dos primeiros teóricos da guerra irregular e sistematizar os fundamentos doutrinários dessa modalidade de combate, servindo como modelo para diversos movimentos insurrecionais em todo o mundo. Mao percebeu, de maneira inédita, o papel da população camponesa como força de combate ao longo da história da China e soube emprega-la com maestria na guerra irregular empreendida tanto contra o regime de Chiang Kai-chek, quanto na resistência à invasão japonesa (SOUZA, 2014, p.32)

Isto nos leva a considerar o conceito dos denominados Conflitos de Quarta²³ Geração e como este emerge de forma bastante particular no contexto da Guerra Fria trazendo uma nova análise sobre os conflitos que enfrentam o Estado (enquanto entidade institucional maior). No fim da década de 1980, no mesmo contexto que deu origem do PKK, cunha-se o termo que remete à dinâmica não só deste Partido, mas de outros grupos políticos da mesma época. Visacro (2009) lembra que o processo de formação da guerra irregular está moldado pelo ambiente político e psicossocial no qual é desenvolvido. Elementos como a história, cultura, economia e psicologia são essenciais para compreender a natureza, amplitude e dinâmica. Assim, para compreender um processo de guerra irregular precisamos identificar os elementos que compõem o ambiente, a relação entre ele e como se apresentam²⁴. De modo semelhante, Pinheiro (2007) informa que a guerra de Quarta Geração evolve mudanças políticas, sociais, tecnológicas e econômicas que ressignificam a atuação de outros atores no cenário internacional cujas táticas de ação estão vinculadas à ação de guerra irregular. Nesse sentido o autor também destaca que Mao Tse-tung foi um dos mais bem sucedidos pioneiros no

²³ O conceito de Guerra de Quarta Geração remete à evolução ou consecução de fases anteriores. A Primeira, corresponde ao período à partir da Paz de Westphália com o surgimento do Estado, firmado em 1648 sendo relacionado ao “Princípio da Massa” tendo como melhor representação as guerras napoleônicas. A segunda geração é caracterizada pela Primeira Guerra Mundial enquanto que a terceira geração tem como principal representação a *blitzkrieg* alemã da Segunda Guerra.

²⁴ Principais características da guerra irregular são: apoio da população, denominado como 'schwerpunkt'; necessidade de um ambiente político, social e histórico favorável que permita que esta guerra não fique somente limitada à ações violentas mas que possa consolidar um sistema ideológico mais forte que se instale no lugar; preponderância de processos indiretos que possam instabilizar, surpreender e desequilibrar o inimigo dando maior espaço a uma vitória política mais do que militar; estratégia prolongada que permite um desgaste maior perdurando mais no decorrer do tempo. Contudo, as táticas se relacionam, principalmente à ações violentas, velozes e capazes de causar grande impacto em um curto espaço de tempo, causando repercussão política e resultados psicológicos mais importantes. Ao não ser linear, não há um front definido causando maiores confusões no momento do enfrentamento e sendo menos fáceis de serem detectados os combatentes das milícias participantes da guerra; entre outros vários elementos característicos (VISACRO, 2009).

emprego deste modelo de luta político-ideológica. Não é atoa que o PKK surge, como outros Partidos da época, inspirado no maoísmo em busca da independência do Estado do Curdistão.

As épicas e decisivas batalhas da era napoleônica, assim como as brilhantes, profundas e velozes manobras das campanhas do Século XX são totalmente irrelevantes no contexto desta concepção [Guerra de 4ª Geração]. Muito mais do que procedimentos em campos de batalha, a 4ª Geração enfatiza a forma como as mensagens contendo “ideias-força” são lançadas e captadas pelas diferentes “audiências-alvo” em presença. Os aspectos psicológicos da confrontação crescem em importância, na medida em que o desenvolvimento científico-tecnológico, no contexto de um mundo cada vez mais globalizado, incrementa, por meio de vários métodos, a transmissão das informações em tempo real, ao vivo, e em cores, para qualquer parte do mundo. (PINHEIRO, 2007, p. 19)

Por outra parte e, de forma conjunta, outro elemento essencial que deve-se considerar, especialmente, após a década de 1980 é o desenvolvimento do conceito de securitização apresentado por Barry Buzan. Souza (2014) versa sobre o conceito destacando que este processo surge como uma ameaça em nível regional e se projeta em uma escala global. O processo de securitização do PKK e de suas ações ganha força na década de 1990 e, principalmente, após a virada do século. Para tanto, nas palavras de Godoy (2011) percebe-se que:

Securitização se pode definir como o ato de discurso pelo qual se dá status de segurança a algo e, portanto, torna-se um assunto que requer uma ação prioritária e urgente. [...] contempla três ações que caracterizam a securitização: rompimento de regras ou normas plenamente estabelecidas e reconhecidas por uma comunidade política; uso desproporcional da força frente à ação que provocou a ação securitizante; tratamento e resposta pelo aspecto exclusivamente militar à ação que provocou a ação securitizante (GODOY, 2011, p. 285-286 apud SANTOS, 2014, p. 32).

Deste modo pode-se dizer que a formação e desenvolvimento do PKK, neste contexto segue uma tendência mundial que faz com que vários grupos insurgentes emergam sob as mesmas características em meio da polarização da Guerra Fria. Afirma Souza que a partir 1945 há uma:

[...] sistematização da guerra irregular, provocada por vários fatores. O principal deles foi a polarização político-ideológica ocasionada pela Guerra Fria, cujos protagonistas – os EUA e a URSS – passaram a subvencionar movimentos insurgentes por todo o mundo, a fim de garantir a expansão de suas respectivas áreas de influência. [...] A guerra irregular significa, antes de tudo, o abandono das regras oficiais da guerra convencional, ou seja, as convenções estabelecidas pelos organismos internacionais são literalmente desprezadas pelos condutores da guerra irregular, pois a vantagem contra uma potência superior está justamente na dissimulação dos “combatentes” junto à população civil, e mesmo na participação desta de forma direta ou indireta nos conflitos, o que contraria todas as convenções pré-estabelecidas. (SOUZA, 2014, p. 35, 36, 37).

Ante o exposto, pode-se dizer que, de forma breve, a guerra irregular pode ser definida como um “conflito conduzido por uma força que não dispõe de organização militar formal e, sobretudo, de legitimidade jurídica institucional” (VISACRO, 2009, srp). Dada esta amplitude conceitual optaremos por usar estas definições ao fazer referência ao padrão combativo implementado pelo PKK a partir da segunda metade da década de 1980 e 1990.

Lembra-se que esta não é uma característica exclusiva do movimento de libertação curdo ou do PKK. Pinheiro (2007) destaca que o século XXI inicia-se marcado por este novo tipo de conflito. A diversificação dos diferentes contextos, alianças e atores permite que as mudanças sejam, por sua vez, mais fluídas. A localização geográfica dos diferentes grupos também toma inúmeros matizes dificultando o engessamento das análises. A “guerra regular²⁵” perde cada vez mais espaço para novos tipos de conflitos criando um desafio novo para a segurança dos Estados.

A guerra irregular envolve atores estatais e não-estatais; desenvolve-se mediante aproximação indireta baseada numa perspectiva holística que envolve aspectos políticos, econômicos, psicossociais, militares e científico-tecnológicos, visando erodir o poder, a influência e a vontade do oponente; procura a obtenção da legitimidade e da credibilidade junto a diferentes audiências-alvo; as operações têm como foco a presença permanente da população civil não-combatente; e as operações resultam de uma complexa combinação entre operações ofensivas, defensivas e de estabilidade. (PINHEIRO, 2009, P. 31 e 32)

Considerando o novo padrão comportamental político e estratégico desses grupos, lembra-se das palavras de Eccarius-Kelly (2010) quem destaca que o DDKO, compartilhando seus membros com o TIP, ganhou especial relevância no cenário político da época, principalmente ao criticar os padrões econômicos discriminatórios e as estruturas sociais que excluía os curdos. Segundo esta autora, o DDKO foi a primeira organização curda oficial que teve como foco principal a questão curda e a mudança da ideologia estatal. É neste contexto que, segundo Jong (2015), Abdullah Öcalan, quem será líder incontestado do movimento de libertação²⁶ curdo, ingressa no DDKO e começa a participar em movimentos

²⁵ Conflitos travados entre os Estados seguindo princípios e regras previamente definidas pelos Estados que limita a ação dos combatentes. “A guerra convencional é travada entre estados nacionais; caracterizada por confrontações diretas, que visam, fundamentalmente, derrotar militarmente o inimigo; visa influenciar o governo do oponente; o foco das operações é o terreno; a interferência civil nas operações é mínima; e predominam as operações ofensivas e defensivas.” (PINHEIRO, 2007, p. 31)

²⁶ Para Visacro (2009) a guerra de libertação nacional acontece quando forças nativas buscam sua emancipação política “por meio da ruptura dos vínculos de subordinação estabelecidos por uma metrópole estrangeira [...]

da esquerda radical. Eccarius-Kelly (2010) informa que é neste momento que a esquerda turca se distancia claramente dos grupos curdos independentes, sobretudo pelo fato de que, de modo geral, a esquerda prefere sempre dar prioridade à luta de classes e às questões operárias do que se envolver em temas étnicos. Assim, livros, revistas e publicações escritas em curdo foram perseguidas e queimadas por serem consideradas práticas separatistas.

Com o golpe de 1971 a repressão se torna ainda maior. Assim, o TIP foi proibido e o DDKO desapareceu em decorrência do exílio da maior parte de seus membros acusados de serem comunistas e separatistas. Nesse sentido a autora destaca que muitos de seus membros fugiram para a Europa onde estabeleceram ligações com grupos radicais antiimperialistas como a *Fatah* onde abraçaram a ideia de que o único caminho para a mudança seria por meio do uso da violência. Entre eles haviam turcos e curdos que treinaram e colaboraram conjuntamente com o movimento palestino Setembro Negro, o italiano *Brigate Rosse* e o alemão *Baader-Meinhof* que depois foi conhecido como *Armee Franktion* (RAF). A autora destaca essa troca de colaboração entre extremistas turcos, curdos, palestinos, italianos e alemães afirmando que tais relações resistiram (e ainda resistem) há décadas.

Em 1972 Öcalan foi preso em uma manifestação sendo levado à prisão militar de Mamak onde teve contato com dirigentes do DEV-Genç entre outros militantes. Até este momento o cerne dos debates estava entorno do desejo de liberar a Turquia do Imperialismo ocidental, e não na questão da opressão curda dada pelo governo turco. Nesse contexto de extremada violência e repressão surge a necessidade de mudar o centro dos debates e assim, inicia-se o que logo será o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK).

Sobre este período turbulento e de emergência de grupos alinhados à ideologia marxista-leninista, Halliday (2005) informa que:

This domestic turbulence was only indirectly related to the Cold War. Turkey had a significant communist tradition, but was not a country, as were Iran and some Arab states, in which an organized pro-Soviet mass movement had existed. But the political instability in the country, combined with continued human rights abuses, was to lead, from the 1970s onwards, to considerable criticism in western Europe²⁷ (HALLIDAY, 2005, p. 108).

Graças a seu forte apelo psicológico, grupos étnicos também evocam esse tipo de luta armada quando reivindicam autonomia, nutrindo ambições separatistas e nacionalistas, como os curdos." (VISACRO, 2009, srp)

²⁷ Estas turbulências internas foram relacionadas somente de forma indireta com a Guerra Fria. A Turquia tinha uma tradição comunista significativa mas não era um país, como o Irã ou alguns países árabes, em que havia um movimento de massas pró-soviético organizado. Mas a instabilidade política no país, combinada com os contínuos abusos de direitos humanos, foi o que liderou, a partir da década de 1970, consideráveis críticas da Europa ocidental [tradução nossa].

As reivindicações que emergem, sobretudo, nas décadas de 1960 e 1970, têm como base a luta anti-mercianista e anti-imperialista fomentada, sobretudo, pelos intelectuais da esquerda turca e curda. A busca pela real independência da Turquia (considerada uma país semicolonizado pelos interesses norte-americanos). A combinação entre o sentimento nacionalista e as ideias socialistas cria uma forte estrutura teórica capaz que mobilizar os estudantes de esquerda e operários em busca de um movimento horizontalizado. Contudo, as diferenças étnicas, religiosas e sociais criam uma oposição bastante forte pela direita radical, que avança sobre tudo na região sunita da Anatólia e realiza duros enfrentamentos contra os movimentos de esquerda, culminando com o golpe de 1971. Segundo Yanarocak (2009) os efeitos da opressão sofrida por essa população desde a formação do Estado da Turquia cria um movimento de ‘ressurgimento’ curdo.

Em contra da influência política e “colonizadora” do ocidente em território turco, cresce a rejeição à política imperialista ocidental. Nesse sentido, Paulo Esteves (*apud* CEPIK, 2010) destaca que a organização do poder no cenário internacional expande suas bases no modelo democrático ocidental, isso significa que:

De fato, a soberania nacional é o corolário da doutrina da autodeterminação nacional; ou, ainda, talvez, mais do que isso, a soberania nacional tornou-se o principal dispositivo (aparato) disponível para reproduzir o regime de poder e seus principais sujeitos. Afirmar o caráter estratégico da soberania nacional ajuda-nos a entender a história mítica do *Internacional*: a soberania nacional traz em seu bojo a promessa de emancipação não só para os cidadãos nacionais, mas, antes e mais importante, para a humanidade (CEPIK, 2010, p. 239).

É essencial que destaquemos o papel do Estado Turco na região e, principalmente, na questão curda. Seu exército é a segunda maior força dentro da OTAN²⁸ ao mesmo tempo em que é um dos principais aliados dos EUA e de Israel na região. Isto causa muitos atritos com seus vizinhos, especialmente em sua relação com a Síria, país com o qual divide uma extensa fronteira. De acordo com a Central de Inteligência Norte Americana (CIA) cerca de 20%²⁹ dos habitantes da Turquia tem origem curda.

Entre os anos de 1979 até 1999 a Síria apoiou a insurgência curda. Depois desse período o governo sírio teve que deixar de dar apoio ao grupo, principalmente dada a pressão da

²⁸ A Turquia se tornou membro da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) no ano de 1952 (HALIDAY, 2005).

²⁹ Mais informação sobre a Turquia no link: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/tu.html#People>> Acesso em 12 de setembro de 2015.

externa. Em 1998 a Turquia pressionou a Síria para que não acolhesse mais o líder curdo. Assim, em uma ameaça de guerra entre ambos os países o regime sírio expulsa Öcalan de seu território obrigando-o a migrar em busca de asilo em diferentes países. Um ano depois Öcalan é preso no Kenya e encontra-se até os dias de hoje sob a tutela do Estado Turco. Serhat e Servan (2015) lembram que após a Primeira Guerra Mundial o território de Rojava estava sob o domínio francês. Somente após a independência da Síria que o território fica preso sobre as fronteiras do novo Estado.

Segundo Celik (2008), o modelo secularizador promovido por Atatürk cria um sentido de alteridade embasado na religião e nas etnias. Em 1924, por exemplo, a Constituição turca determina o banimento de qualquer idioma que não seja o turco proibindo, ademais, que sejam ensinados ou, até mesmo, falados nas escolas. O mesmo vale para os nomes registrados nas crianças. Ademais, em 1934, sanciona-se a Lei de Reassentamento que leva populações turcas a habitar a região leste da Turquia, deportando os curdos que ali estavam.

Em 1975, o movimento curdo tradicional sofreu um intenso golpe com a derrota sofrida por Mustafá Barzani pelo estado Iraquiano. A postura dos EUA, Irã e Israel, entendida como traição, fez com que os curdos Iraquianos tivessem uma grande derrota. Isto serviu de exemplo para Öcalan, pois, fê-lo perceber que a esquerda turca não poderia dar as costas à causa curda e, especialmente, não poderia permitir que nacionalistas tradicionais como Barzani fossem líderes do movimento, contando sempre com apoio externo. Esta é uma crítica muito latente que divide os curdos iraquianos dos que defendem o modelo do Confederalismo Democrático. Mas, sobre este aspecto, abordaremos melhor no capítulo quarto onde falaremos sobre a revolução em Rojava. “Öcalan se puso a crear su propio grupo, que hizo suya la noción rompedora del sociólogo turco İsmail Beşikçi de que el Kurdistán era una colonia internacional, ocupada por Turquía, Irán, Siria e Iraq³⁰” (JONG, 2015, p. 08). Assim, em 1975 Öcalan forma uma campanha denominada Revolucionários Curdos (SK³¹). Com o desejo de combater violentamente grupos fascistas locais, as reuniões dos Revolucionários Curdos foram muito mais frequentes e estimuladas. O aspecto combatido do grupo, como aponta Jong (2015), deu maior popularidade ao movimento.

Nesse sentido, Mehmet Can Yüce, membro do comitê central do PKK explicou:

³⁰ Öcalan iniciou seu próprio grupo, que fez com que tomasse para si a noção do sociólogo turco İsmail Beşikçi de que o “Curdistão” era uma colonial internacional ocupada pela Turquia, Irã, Iraque e Síria (tradução nossa).

³¹ *Soresgeren Kurdistan*.

Eres una nación colonizada y luchas por tus derechos. Puedes publicar revistas y crear asociaciones y acceder al parlamento; en suma, puedes operar dentro de los límites fijados por el Estado, pero el problema es que el Estado declara ilegal el empleo de la palabra “kurdo” y por tanto no te dejará hablar de un lugar llamado Kurdistán. Pronunciar esas palabras es delito, es separatismo, motivo más que suficiente para detenerte, torturarte y meterte en la cárcel durante años. Así que ¿qué es lo que mantiene a esta nación reprimida? La fuerza. El ejército, la policía, la gendarmería, las contraguerrillas, la extrema derecha del Partido de Acción Nacionalista. En un país como este, en el que la maquinaria represiva está tan organizada y afianzada, solo te queda una vía, que es la de usar la fuerza para responder con la fuerza³² (BELLAIGUE, 2009 in: JONG, 2015, p.09).

O grupo demorou dois anos até conseguir uma organização mais estruturada e sólida, até que em 1978 um grupo de estudantes da Universidade de Ankara começou a se reunir secretamente para debater questões relacionadas à libertação curda, justiça, socialismo e ação revolucionária, surge o embrião do que será o Partido dos Trabalhadores do Curdistão.

2.2 Formação do Partiya Karkerên Kurdistan (PKK) e o desenvolvimento da guerra de guerrilha

Dado o cenário de opressão política e social dos curdos, somado às práticas imperialistas ocidentais em território turco, surge de forma secreta o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (Partiya Karkerên Kurdistan - PKK), em 1978. O grupo inicial foi formado pelos jovens: Abdullah Öcalan, Ali Haydar Kaytan, Camil Bayik, Duran Kalkan, Hakki Karer e Mazlum Dogan.

Em seu manifesto nota-se uma orientação profunda às ideologias marxistas-leninistas bastante populares nos discursos de outros grupos de libertação nacional da época. Ademais vale lembrar que, nesse então, a Guerra do Vietnã serviu de inspiração para muitos partidos que vinham surgindo e que viam no Partido dos Trabalhadores do Vietnã uma linha organizativa e combativa capaz de ser seguida com sucesso. Propondo “autonomia regional”, apoiam uma revolução “nacional democrática” que leve à formação de um Curdistão “independente e democrático”. Assim descreve-se o recém-formado Partido como:

³² És uma nação colonizada e estás lutando pelos teus direitos. Podes publicar revistas e criar associações e ter acesso ao parlamento; em resumo, poder atuar dentro dos limites fixados pelo Estado mas, o problema é que o Estado declara a palavra "curdo" como ilegal e, portanto, não te deixará sequer falar sobre um lugar chamado Curdistão. Pronunciar essas palavras é crime, é separatismo, motivo mais do que suficiente para te prender, torturar e te deixar numa prisão por anos. Assim, O que mantêm essa nação reprimida? A força. O exército, a polícia, a polícia militar, as contraguerrilhas, a extrema direita do Partido de Ação Nacionalista. Num país como este, onde a maquinaria repressiva está tão organizada e arraigada, só te resta uma vía, que é a de usar a força pra responder à força. [Tradução nossa].

La revolución tomará la forma de una lucha armada prolongada o “guerra popular” basada en el campesinado. La dirección de la revolución incumbe a la “clase obrera” bajo el liderazgo del PKK. Es necesario quebrar el poder de los líderes “feudales” de la sociedad kurda, pues son los representantes del colonialismo. El campesinado y la pequeña burguesía urbana son los dos principales aliados de la clase obrera. No existe una “burguesía nacional” kurda porque el colonialismo no ha permitido que se desarrollara como clase. Los aliados internacionales de la revolución son los “países socialistas”, los partidos obreros de los países capitalistas y los “movimientos de liberación de los pueblos oprimidos del mundo³³”. (JONG, 2015, p. 09).

Corroborando a análise de Jong (2015) devem-se considerar as palavras do líder curdo quem descreve o PKK como:

The PKK can be described as a political, practical movement. It views its tasks as analyzing the characteristic qualities of capitalism (which shaped the twentieth century) as well as the actual situation in Kurdistan and then to act according to the dictates of these analyzes. [...]. The PKK is a mixture of an incomplete modern socialist structure and an incomplete classic Middle Eastern identity³⁴ (ÖCALAN, 2011, srp).

Tendo como objetivo a união dos camponeses em uma guerra popular que unisse os principais aliados da classe operária e os movimentos de libertação nacionais em busca de uma revolução nacional democrática que levasse ao socialismo³⁵ e a destruição do Estado turco Percebe-se uma grande influência maoísta e uma emergência coletiva de grupos com pensamento similar. Nesse sentido, lembrem-se as palavras de Strachan (2008):

A guerrilha insurrecional, louvada por Clausewitz em 1809, à luz dos eventos na Espanha, mostrou como o espírito do povo podia superar as virtudes do exército regular. As guerrilhas eram particularmente eficientes em montanhas e florestas, condições geográficas que forçavam um exército regular a se dispersar, o que anulava suas vantagens de comando e, portanto, de gênio militar. Soldados de linha preferiam lutar em campo aberto e buscar a batalha; as guerrilhas repeliam ambas as coisas. O valor da guerra insurrecional ou de guerrilha (Clausewitz usou ambas denominações) residia na relação que mais o interessava, aquela entre tática e estratégia. O que faltava aos guerrilheiros em eficiência tática era compensado pela estratégia. Ao evitar a batalha, foçavam o inimigo a se dispersar; quanto maior

³³ A revolução tomará a forma de uma luta armada prolongada o "guerra popular" embasada no campesino. Dirigir à revolução é tarefa da "classe operária" sob a liderança do PKK. É necessário quebrar o poder dos líderes "feudais" da sociedade curda, pois estas são os representantes do colonialismo. O campesinato e a pequena burguesia são os principais aliados da classe operária. Não existe a "burguesia nacional" curda porque o colonialismo não permitiu que se desenvolvesse como classe. Os aliados internacionais da revolução são os "países socialistas", os partidos operários dos países capitalistas e os "movimentos de libertação dos povos do mundo". [Tradução nossa].

³⁴ O PKK pode ser descrito como um movimento político prático. Ele define seus objetivos analisando as características do capitalismo (moldadas no século XX) assim como a atual situação do Curdistão e, em seguida, age de acordo com os parâmetros desses análises. (...). O PKK é a mistura de uma estrutura socialista incompleta e uma incompleta identidade clássica do Oriente Médio (tradução nossa).

³⁵ Aos moldes do previsto dentro da ideologia marxista-leninista.

fosse linha de comunicações deste, mais oportunidades para ataques surpresa. Eles agiam por meio dos elos entre um exército e o teatro de guerra em que ele operava. (STRACHAN, 2008, p.180)

Discorrendo sobre o modelo de guerra irregular, suas características e elementos essenciais, pode-se fazer uso das palavras de Rebello (srd) para compreender o fenômeno emergente da guerrilha curda:

O real significado com bases históricas e etimológicas tem relação com a defesa de um território, ou a defesa da população local (nação), contra um invasor externo que possui um grande ou muito poderoso contingente de forças armadas, o que tornaria a “guerra convencional” um objetivo não realizável. (REBELLO, srd)

Nesse sentido, deve-se lembrar das clássicas análises de Clausewitz. Reconhecemos que é bastante difícil considerar por completo os conceitos implementados por Clausewitz entre os anos de 1780 e 1831. Contudo, ele nos brinda elementos clássicos que deve-se considerar principalmente no que tange ao fazer uma análise sobre a guerra. Clausewitz é um clássico que não pode ser ignorado, principalmente quando queremos fazer uma análise sobre a tradição ocidental e europeia. Vale lembrar que, nas palavras de Souza (2014):

A influência clausewitziana na condução da guerra irregular é notória, pois, nessa modalidade de combate, as ações militares não têm por objetivo a destruição do inimigo, mas a conquista de alvos políticos, tais como a perda da credibilidade do oponente perante a opinião pública internacional, ou o esfacelamento de sua motivação para o combate. (SOUZA, 2014, p.40)

Por se tratar de uma obra inacabada, o escrito de Clausewitz muitas vezes é mal interpretado ou utilizado de forma descontextualizada dos fatos que ambientavam sua escrita (PADECEME, 2014). Sua frase clássica, e quiçá a mais conhecida, diz: “A guerra é, portanto, um ato de força para obrigar o nosso inimigo a fazer nossa vontade” (CLAUSEWITZ, 1984, p.75) seguida da ideia de que a guerra é política por outros meios nos dão a visão de que existem “três elementos da sua teoria: a violência intrínseca da guerra; o papel predominante de uma política racional para dar-lhe forma e controlá-la; e o importantíssimo valor do acaso” (CLAUSEWITZ, 1984, p.75). Nesse sentido deve-se considerar que:

A guerra corresponde a uma forma violenta de resolução de conflitos e, enquanto modo de solucionar problemas, encontra-se subordinada à política. De fato, a guerra é a continuação da política por outros meios. Afirmar isso não implica mascarar ou menosprezar a violência inerente em toda guerra. Muito pelo contrário. Afirmar a fórmula não significa diminuir a violência da guerra, significa revelar a violência na política (MACEDO, 2011, p 128).

Claramente não poderemos nos debruçar em tais literaturas temporalmente bastante antigas por isso devem-se considerar análises mais modernas e que permitam criar um panorama mais adequado à compreensão da guerrilha curda. Para tanto, lembra-se que Rebello (srd) destaca que a guerrilha é um eficiente modo de defesa frente à um ataque (ou uma guerra) onde o oponente encontra-se belicamente melhor equipado do que seu defensor. Na guerrilha são considerados os conhecimento e capacidades dos combatentes locais que ganham vantagem por conhecer à região e a geografia onde se dão os combates. Este modo de guerra é definido por Visacro (2009) como:

Forma de guerra irregular que abrange as operações de combate e todas as atividades de apoio correlatas. É conduzida por forças predominantemente locais, de modo ostensivo e coberto. Fundamenta-se na surpresa, rapidez, ataque a pontos fracos, familiaridade com o terreno e, sobretudo, no apoio da população. Compreende de um modo geral, as incursões, emboscadas, ações de propaganda armada, operações de inquietação, destruição e eliminação. Quando corretamente empregada, a guerra de guerrilhas transcende seu caráter eminentemente militar, produzindo efeitos, também, nos campos político, econômico e psicossocial. (VISACRO, 2009, srp)

Rebello (srd) lembra que Clausewitz escrevia sobre a guerrilha e chamava-a de “*Landsturm*”³⁶. Assim a guerrilha ganha características bastante determinadas no decorrer do tempo e é vinculada a fatores locais e ideológicos bastante peculiares que a agastam nitidamente do modelo tradicional de enfrentamento entre exércitos convencionais.

How the image of guerrilla warfare came to be perceived, and further compartmentalized, as a distinctive concept of war is a story bound up with the rise, and catastrophic fall, of counterinsurgency doctrine in the 1960s. In the aftermath of World War II, and coinciding with the era of the decolonization of the European empires, an entirely new facet of warfare was believed to be emerging, that of ‘revolutionary war’, sometimes also referred to as ‘wars of national liberation’. Revolutionary war encompassed the idea that guerrilla tactics could be fused with an overt propaganda campaign, employed by substate actors to win over the masses through political agitation while simultaneously eating away at the moral and physical authority of the state through violence, leading to the eventual overthrow of the government³⁷ (SMITH, 2003, p. 26 apud REBELLO, srd).

³⁶ Defesa do Lar (traduzido do Alemão por Rebello)

³⁷ Como a imagem da guerra de guerrilhas passou a ser percebida e mais compartimentada como um conceito distintivo de guerra é uma história ligada à ascensão e queda catastrófica da doutrina da contra-insurgência na década de 1960. No rescaldo da II Guerra Mundial, e coincidindo com a era da descolonização dos impérios europeus, uma nova faceta da guerra emergia o da “guerra revolucionária” às vezes também referida como “guerras de libertação nacional”. Guerra revolucionária abrangem a ideia de que táticas de guerrilha podem ser fundidas com uma campanha de propaganda ostensiva, empregado por atores subestatais para conquistar as massas por meio de agitação política ao mesmo tempo, corroendo moral e fisicamente a autoridade do Estado através da violência levando à eventual derrubada do governo [tradução nossa].

Compreende-se também que é possível escrever uma monografia completa somente falando sobre os conceitos de que envolvem a guerra de guerrilha, contudo, torna-se inviável para fins deste trabalho. Para tal recomendamos a leitura de Robert Asprey: “*War in the Shadows: the history of guerrilha*”.

Dentro da Turquia, simultaneamente ao surgimento do PKK, organizava-se o Partido Obreiro de Vanguarda de Curdistão (PPKK, Partiya Pêşenga Karkerên Kurdistan) e o Partido Socialista do Curdistão Turco (TKSP, denominado Özgürlük Yolu o “Sendero de Liberdade”).

[...] the PKK defines its purpose as promoting the Kurdish nation’s unity, promoting Kurdish nation’s self-democratic administration, providing a democratic solution to the Kurdish Question, influencing the sovereign states in Kurdistan by causing democratization, and providing freedom to women by removal of the feudal society structure. [...] In the beginning, the most important objectives of the PKK were showing the local population Turkey’s inability to challenge with itself, destruction of tribal system, abolishing female slavery, and lastly, to establish an independent Kurdistan from Turkey³⁸. (YANAROCAK, 2009, p. 44)

Assim chega-se até a década de 1980 com o início mais duro do enfrentamento entre o governo turco e a recém-criada guerrilha. Neste ano junta-se ao Partido Murat Karayilan, quem será um importante líder político, principalmente após a prisão de Öcalan. A guerrilha do PKK, lançada em 1984, alterou substancialmente as relações políticas e sociais dentro da região, até os dias atuais (HALLIDAY, 2005). Dá-se início a segunda principal fase da resistência, principalmente pela tomada de controle do PKK das montanhas de Qandil, sendo um centro de treinamento essencial até os dias de hoje. Afirma Bozarsian que:

Paralelamente à guerrilha, assiste-se há uma dezena de anos também a um crescimento do islamismo político, da contestação alevita, da extrema direita de métodos brutais. No curso das décadas de 80 e 90, os militares continuaram a exercer uma pressão constante sobre a vida política e social do país. (BOZARSIAN, 2001).

Os anos 1980 e 1990 são marcados pelos enfrentamentos comunitários e pela radicalização do nacionalismo curdo, nestas décadas percebe-se claramente os grupos

³⁸ [...] O PKK define seu objetivo de promover a unidade da nação curda, sua auto-administração democrática, fornecendo uma solução democrática para a questão curda, influenciando os Estados soberanos no Curdistão por meio da democratização e providenciando liberdade para as mulheres por meio do fim da estrutura feudal da sociedade. [...] No início os objetivos mais importantes do PKK foi mostrar à população local turca à sua incapacidade de mudar a si mesmos, a destruição do sistema tribal a escravidão feminina e, por último estabelecer um Curdistão independente na Turquia. [Tradução nossa].

antagônicos como os "curdos-turcos", por um lado, e "alevitas-sunitas" por outro. Um fator crucial do despertar do nacionalismo curdo é o uso simbólico da festa de *Newroz*. Esta festividade era celebrada inicialmente pelos persas entre o século XVII e X antes de sua conversão ao islamismo. Ademais é considerado o dia do nascimento da nação curda sendo adotado pelos curdos do Iraque na década de 1950 e em 1980 pelos curdos da Turquia como símbolo da resistência³⁹ contra o Estado opressor Turco (YANAROCAK, 2009, p.43).

Na década de 1980 muitos nacionalistas curdos fogem para a fronteira com a Síria onde o PKK também havia se estabelecido e organizado suas estruturas de comando. Eccarius-Kelly (2010) lembra que nesse então a Síria tinha o controle do vale Bekaa no Líbano. Em 1985 são criados dois ramos do PKK chamados de Frente de Libertação Nacional do Curdistão (ERNK⁴⁰) e Exército do Curdistão de Libertação do Povo (ARGK⁴¹). Em 1984 o PKK/ARGK iniciam seus ataques na Anatólia causando a morte de aproximadamente 30 mil pessoas durante a década de 1980, segundo dados do *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism* da Universidade de Maryland⁴². Yanarocak (2009) destaca que o ano de 1984 corresponde a uma “nova era” na Turquia.

The PKK launched its violent campaign against civilians and Turkish security forces in Eruh, located in southeast Turkey. There is disagreement between the parties on the definition of the PKK's status. While the PKK calls its fighters as guerillas, the Turkish Republic refers to them as secessionist terrorists⁴³ (YANAROCAK, 2009, p.44)

Quanto ao *status* de grupo terrorista dado ao partido pela Turquia, o autor lembra que segundo o artigo primeiro da Lei de Antiterror turca é definido como terrorismo toda prática de violência contra a unidade do Estado e contra seus habitantes (YANAROCAK, 2009, p.46). Segundo o conceito clássico, pode-se dizer que o terrorismo é definido como: “ações

³⁹ *Newroz* é o festival que celebra o ano novo. É celebrado no dia 21 de março e é bastante comum em sociedades que se estendem desde o Oriente Médio até a Ásia. Está associado à figura mitológica de Kawa, o Ferreiro e é um importante elemento para a construção da identidade curda na década de 1960. Medes, representando os ancestrais curdos foi escravizado pelo imperador Dehak. Os curdos se rebelaram, liderados por Kawa. Assim, todo 21 de março são acessas chamadas nas montanhas como símbolo de sua rebelião contra o imperador. (ÇAĞLAYAN, 2010)

⁴⁰ *Eniya Rizgariya Netewa Kurdistan*. A organização foi criada em 1985 e dissolvida no ano 2000 no 7º Congresso do PKK.

⁴¹ *Arteshen Rizgariya Gelli Kurdistan*. Assim como a ERNK, também foi dissolvida no 7º Congresso do PKK.

⁴² Mais informações sobre a atuação desses grupos no site:

<http://www.start.umd.edu/tops/terrorist_organization_profile.asp?id=83> Acesso em 12 de setembro de 2015.

⁴³ O PKK lançou uma violenta campanha contra civis e forças de segurança turcas em Eruh, localizada no sudeste da Turquia. Há discordância entre os partidos sobre a definição do status do PKK. Enquanto o PKK chama seus combatentes de guerrilheiros a República da Turquia refere-se a eles como terroristas separatistas. [Tradução nossa].

violentas promovidas por grupos, desvinculados ao Estado, que tem como objetivos semear o pânico nas populações, enfraquecer ou derrubar seus poderes constituídos e/ou provocar mudanças políticas” (tradução nossa) (LAQUEUR, 1996). Assim, pode-se concluir, sendo um conceito estadocêntrico, qualquer ameaça à supremacia estatal, será considerada como ataque terrorista colocando o PKK dentro dos grupos que emergem em busca de independência e autonomia dentro do sistema.

A emergência do islamismo político faz com que o sunismo ganhe forças no campo político excluindo o alevismo. "Em virtude de sua ascensão, ou de sua simples existência, o islamismo aporta um trunfo maior ao exército: combatê-lo e defender pelo mesmo motivo o ‘kemalismo’ e seu objetivo de alcançar a civilização contemporânea" (BOZARSIAN, 2001).

A emergência das milícias civis nos anos 1980 estruturou a formação de grupos armados na região.

Na Turquia a repressão constante e severa de manifestações políticas curdas fez com que a escolha racional se fizesse, a partir do surgimento do PKK – e por meio da sobrevivência deste com o apoio da Síria– como a decisão de juntar-se a Öcalan ou ao governo central. Portanto, na Turquia, a perseverança do PKK não estava ligada apenas ao fato de ele ser credível, mas também ao fato de ser o único. (SAPOHR, ANDRIOTTI, SOARES, 2001, p. 102).

Quanto à emergência desses grupos, principalmente daqueles em que o Estado ajudou a financiar (como os ex-combatentes da extrema direita), afirma o autor:

Ao fio dos anos, essas equipes especiais, serviços de informação e militantes de extrema-direita, compartilhando seu espírito de corpo, suas armas e o "dever de sangue" que eles realizam pela "nação", puderam autonomizar-se, articular-se com a máfia para tomar parte no tráfico de drogas — cerca de 25 bilhões de dólares por ano — e, sobretudo conduzir uma guerra interna particularmente sangrenta. Se nenhum desses grupos tem interesse em enfraquecer o estado — todos têm o interesse de investi-lo e de utilizá-lo a seu próprio favor —, não é menos verdade que sua relação de subordinação original evoluiu: o estado, após estar na posição de demandante de sua força de ataque, parece ter-se agora tornado um simples provedor de fundos, o objeto de seu assalto e a caução de sua imunidade. (BOZARSIAN, 2001)

Bozarsian (2001) percebe importantes consequências disso. A primeira é quanto à erradicação curda por meio da destruição de cidades e campos cultivados vitimando a milhares de famílias. Nesse sentido, o autor aponta que:

[Os] atores da segurança dispõem de alianças tanto no seio da população, principalmente tribal, como no seio do poder militar e policial — com o consentimento do Conselho Nacional de Segurança e de Mehmet Agar, ex-diretor da

Polícia, ex-ministro do interior —, e no seio dos partidos políticos, como mostraram as reincidências do caso de Susurluk⁴⁴. (BOZARSIAN, 2001).

O segundo resultado está relacionado com os ajustes de conta que se sucederam à escalada de violência. O desafio maior era (e ainda é) conseguir integrar todas as forças que atuam dentro da sociedade turca, sem a imposição de forças umas sobre as outras. Assim, o autor fala sobre o espaço da *curdidade*:

A legitimação desse espaço, factualmente existente, pode realizar-se pela legalização das formações curdas e pelo reconhecimento de uma autonomia cultural e/ou administrativa das populações e das regiões curdas. Trata-se, sem dúvida, da integração mais complexa, tanto que ela suscita medos, traumatismos de divisão e de insegurança, bem como sentimentos nacionalistas turcos, ao mesmo tempo em que põe em questão a concepção que a república turca tem da nação. Essa integração é, entretanto, talvez a mais fácil de ser realizada pelo voluntarismo político: com efeito, praticamente o conjunto da classe política, da opinião pública, das organizações profissionais — a começar pelos homens de negócios — e dos intelectuais — compreendidos numerosos intelectuais kemalistas — concorda agora com a impossibilidade de resolver a questão curda com uma vitória militar ou com simples medidas econômicas destinadas a desenvolver a 'região do leste ou do sudeste'. A despeito do veto dos militares, o terreno parece, portanto, estar pronto para reformas radicais nessa matéria. (BOZARSIAN, 2001)

A grande questão do sistema político turco dos anos 1990 é, sem dúvidas, a capacidade de integrar as diferentes forças que agem dentro do país: a questão curda, o islã político e o alevismo (BOZARSIAN, 2001). Foi em 1989 que o Chefe do Estado Maior, o General turco Necip Torumtay definiu o PKK o como um inimigo de Estado criando novos combatentes de elite para enfrentar a guerrilha curda. Segundo Yanarocak (2009), a aproximação do General nas regiões povoadas por curdos contribuiu para a formação de pequenas forças de elite que enfrentariam o PKK. Esta luta foi chamada de “Guerra Especial” e foi incrementada pela proibição do idioma curdo no território turco entre os anos de 1983 e 1991, quando foi permitido novamente o uso do idioma. Ressurge a ‘Lei da Aldeia’ e, com elas, as suas guardas, as *Geçici Köy Koruculuğu*⁴⁵ (GKK). O Estado garantia a essas guardas salários e assistência à saúde em troca de que estas protegessem as aldeias dos ataques do PKK. Deste modo os membros do GKK se tornaram o alvo principal das milícias do PKK. Yanarocak (2009) afirma que apesar da corrupção que há dentro dessa organização ela existe até os dias atuais. Assim, foi em 1990, durante o mandato do presidente Turgut Özal que o GKK foi

⁴⁴ Lembra-se que o caso Susurluk foi um acidente automobilístico que vitimou A. Çatli, militante da direita radical, H. Kocadag, um dos chefes da política de Istambul e Bucak, chefe tribal curdo.

⁴⁵ Guardas aldeãs (tradução nossa).

estabelecido. Conjuntamente com essas medidas o governo Turco aprovou o Decreto 413 que estabelecia amplos poderes ao governador da Anatólia permitindo a censura da imprensa e levar ao exílio as pessoas que comprometessem a “lei e a ordem” do Estado (YANAROCAK, 2009, p.76). Contudo, o autor aponta que há de se reconhecer que houve alguns passos importantes em direção à possível negociação quanto à questão curda. Em 1991 o presidente Özal anulou o decreto 2932 de 1983 que proibia o idioma curdo em território Turco, a partir a agora o uso do idioma seria limitado. Seu uso continuaria restrito em agências oficiais, publicações, bem como ficava estritamente proibido de ser ensinado nas escolas, ainda sendo passível de punição legal em caso de descumprimento.

A repressão à população curda foi essencial para que a guerra implementada pelo PKK ganhasse mais apoio popular e força de ação. Durante as décadas de 1980 e 1990 o apoio dado pelos curdos que moravam na Europa foi essencial para o financiamento das ações do partido (HALLIDAY, 2005, p. 254). Neste sentido, deve-se lembrar das palavras de Visacro (2009) quando se refere a uma das características do modelo de guerra irregular:

Áreas de incidência de conflitos étnicos e religiosos vivem em estado de tensão latente e geram com notável facilidade um ambiente fecundo à proliferação da guerra irregular. Lutas tribais, disputas interétnicas ou de motivação religiosa são particularmente violentas, pois têm a capacidade de inflamar as paixões das massas e agregar extraordinária brutalidade às práticas militares. As populações desses territórios, normalmente, nutrem o ressentimento mútuo por meio do culto à lembrança de grandes massacres contra civis inocentes. (VISACRO, 2009: srp)

Em 1991 foi sancionada uma nova Lei Antiterror⁴⁶ de numero 3713 que deixou a imprensa ainda mais sobre o controle do Estado. Nesta lei, fica estabelecido como “terrorismo⁴⁷” qualquer ameaça ou medo à população civil ou ato contra os princípios da República, separatismo ou agitação da autoridade estatal. Ademais, a mesma lei define que qualquer propaganda das organizações que pratiquem esses atos será condenada com prisão (YANAROCAK, 2009, p. 48). Deste modo, qualquer cidadão turco poderia ser visto como suspeito de terrorismo⁴⁸. A severidade do governo foi tal que em 1988 o Estado começou com as políticas de evacuação dos vilarejos sendo queimadas para que não possam servir de bases

⁴⁶ Lei disponível em: < <http://www.hukuki.net/kanun/3713.15.text.asp>> Acesso em 13 de setembro de 2015.

⁴⁷ Tipificado dentro do sistema jurídico-penal turco.

⁴⁸ Pode-se descrever o terrorismo como: “Violência premeditada e politicamente motivada perpetrada contra alvos não combatentes por grupos subnacionais ou agentes clandestinos, normalmente com a intenção de influenciar um público alvo” (WHITTAKER, 2005, p.18 apud VISACRO, 2009, srp).

para a guerrilha do PKK. Segundo Ismet Imset (1993) no ano de 1992 foram evacuadas e queimadas 294 vilas pelas forças turcas.

Esta reação do governo turco acompanha a escalada de repressão que vinha sendo implementada desde a década anterior e que se agravou com o golpe de estado em 1981, contudo, Souza (2014), analisando a relação da guerra irregular no contexto da estratégia de resistência, lembra que é na década de 1990 que novos temas ganham destaque nas agendas de Segurança e Defesa dos Estados, e a Turquia acompanha as tendências mundiais.

É interessante que se pergunte aqui: O que pode ser considerado um ataque terrorista? Como definir quando um ato é terrorista ou não? Existem incontáveis teóricos que versam sobre isso e são muitos os debates que centram as questões de securitização. Pelo fato de o terrorismo, ou as ações terroristas não serem objeto deste estudo, não é necessário nos debruçarmos sobre estes aspectos. O que deve-se considerar é que a relação de poder que se dá entre as principais forças dentro do cenário mundial conjuga o PKK entre os grupos terroristas que devem ser combatidos e as perguntas que fizemos podem ser respondidas a partir da análise da definição de terrorismo, já inserida em parágrafo anterior.

2.3 A década de 1990: participação das mulheres e as mudanças ideológicas do PKK

No que tange à revolução das mulheres e às transformações ideológicas do partido, percebe-se que desde seu início o PKK conseguiu interagir com as mudanças regionais e mundiais que muitas vezes ditavam as regras de sua atuação. Por mais que a igualdade entre homens e mulheres estivesse estabelecida como um princípio desde os primeiros programas do partido, foi somente em 1987 que o partido organizou o primeiro encontro denominado Yekitiya Jinen Welaparezen Kurdistan (YJWK⁴⁹) (JONG, 2015). No começo quando ainda era um partido voltado à ideologia marxista-leninista, o PKK adotou a tese de Engels que colocou a emergência das classes dado o surgimento da propriedade privada quebrando com a lógica do comunismo primitivo das sociedades humanas (ENGELS, 1884). Nesta obra Engels lembra que antes da exploração de classes estava a diferenciação social dada por meio do sexo. "The man took command in the home also; the woman was degraded and reduced to servitude, she became the slave of his lust and a mere instrument for the production of

⁴⁹ União das Mulheres Patrióticas do Curdistão.

children⁵⁰" (Engels, 1884). Nessa lógica a posição inferior da mulher só poderá acabar com o fim das classes. O PKK readapta esta análise dizendo que as mulheres curdas sofrem não só com a luta de classes, com o colonialismo, mas sobretudo, com a dominação masculina agravada pelas perseguições étnicas e políticas e pelo modelo semifeudal de muitas regiões curdas.

Tras la caída del Imperio Otomano y la división del Kurdistán en cuatro países, las kurdas participaron activamente en el movimiento kurdo. La primera asociación de mujeres kurdas, llamada Sociedad para el Progreso de las Mujeres Kurdas, se fundó en 1919 en Estambul. Algunas mujeres, aunque pocas, participaron, desde la política o el campo de batalla, en las revueltas kurdas de la primera mitad del siglo XX. En el plano político, encontramos mujeres kurdas que durante los años 1960 y 1970 se implicaron en movimientos de izquierda tanto en Turquía como en Irán e Irak. Tras la revolución iraní de 1979, la participación de las mujeres en organizaciones como Komala (una organización de inspiración maoísta) era muy significativa⁵¹ (DRYAZ, 2015).

Contudo, deve-se reconhecer que somente após a década de 1990 é que o movimento de mulheres ganha força, muito, em parte pela pressão das militantes e guerrilheiras que começaram a se organizar de forma autônoma e independente questionando os papéis sociais que lhes eram atribuídos (YASAR, 2015). Durante a década de 1990 o discurso passa a incluir a questão libertação das mulheres com mais ênfase. Com a inserção do mito da Deusa Ishtar⁵² no discurso ideológico do partido, Çağlayan (2012) afirma que se cria uma nova identidade curda, tendo como base a perspectiva de gênero, o que os curdos chamarão de *jineology*⁵³. Em 1995 o PKK lançava um manifesto dizendo que: "All forms of oppression against women will be stopped, and the equal status of women and men in the society will be realized in all areas of social and political life. Women, who possess an enormous social revolutionary

⁵⁰ O homem também assumiu o comando da casa; a mulher foi degradada e reduzida à servidão, ela se tornou escrava da luxúria e um mero instrumento para a produção de crianças (tradução nossa).

⁵¹ Após a queda do Império Otomano e a divisão do Curdistão em quatro partes, as curdas participaram ativamente do movimento. A primeira associação de mulheres curdas, chamada Sociedade para o Progresso das Mulheres Curdas, foi fundada em 1919 em Istambul. Algumas mulheres, poucas, participaram, desde à política ao campo de batalha as revoltas curdas da primeira metade do século XX. No plano político, encontramos mulheres curdas que durante os anos de 1960 e 1970, participaram dos movimento de esquerda tanto na Turquia como no Irã e Iraque. Após a revolução iraniana de 1979, a participação das mulheres nas organizações como Komala (uma organização de inspiração maoísta) era muito significativa (tradução nossa).

⁵² Çağlayan (2012) explica que Ishtar é uma derivação da deusa suméria Inanna que tem suas raízes em Astarte, Deusa semita que em muitos idiomas está ligada às estrelas. Em curdo, a palavra que faz referência à estrela também encontra-se relacionada à abrigo.

⁵³ Palavra derivada de *jine* que significa mulher, em curdo e *logy*, ciência. Nesse sentido, a tradução literal é algo como: "ciência das mulheres".

dynamic, will be mobilizes towards this aim⁵⁴ (PKK, 1995). No Dia Internacional da Mulher em 1995, em Metina, fronteira entre a Turquia e o Iraque, foi realizado o Primeiro Congresso oficial das Mulheres do PKK. Neste congresso, lembra White (2015), foram eleitas 23 mulheres que fundaram o TJAK⁵⁵. Pouco tempo depois, em 1995, esta organização passa a se chamar YJAK⁵⁶.

Em 1990, com a fundação do partido pró-curdos HEP é eleita a primeira mulher parlamentar, Leya Zana, sendo a primeira pessoa a falar curdo dentro do parlamento turco. Este ato fez com que ela fosse condenada a onze anos de prisão, marcando o começo de um novo período de militância feminina.

Aqui, deve-se considerar os conceitos de Stuart Hall quem afirma que as identidades são construções sociais e, por tanto, não são elementos inatos. Assim, a identidade é realmente algo formado, ao logo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (HALL, 2006, p. 38). Vale destacar que, neste trabalho, optaremos por usar, em maior medida, a categoria *mulheres*, deixando a palavra *gênero* para pontos específicos. Isto porque, em várias entrevistas e debates, fica clara a intenção das mulheres de Rojava em se diferenciarem do feminismo ocidental ou de *terceira onda*, fazendo da *jineology* uma abordagem única, pontual e voltada basicamente para a vida e libertação das mulheres naquele contexto, não sendo possível, então, utilizar conceitos e debates que fogem da realidade dessas revolucionárias. Vale lembrar, também, que priorizaremos a utilização de teorias, ideias e fintes independentes, locais e que participem cotidianamente no processo revolucionário não excluindo a possibilidade de traçar um marco comparativo entre outras abordagens feministas mas sempre enfatizando a criação do modelo ideológico presente no Confederalismo Democrático e no cotidiano dos conselhos e agremiações de base locais.

En 2007, 8 de los 20 diputados elegidos en la lista del partido pro-kurdo DTP eran mujeres. El número de mujeres elegidas en las elecciones municipales se elevó a 14 en 2009 (sobre un total de 96 alcaldes). En las elecciones legislativas de 2011, de 13 candidatas presentes en la lista del partido pro-kurdo BDP, once salieron elegidas. La fuerte implicación de las mujeres influyó radicalmente en el discurso del movimiento kurdo. De hecho, en los entornos militantes, se escucha a menudo a

⁵⁴ Todas as formas de opressão contra a mulher serão interrompidas e o estado de igualdade entre mulheres e homens na sociedade será alcançado em todas as áreas da vida social e política. As mulheres, que possuem uma enorme dinâmica social revolucionária, serão à mobilização para este objetivo (tradução nossa).

⁵⁵ Movimento de Libertação das Mulheres do Curdistão.

⁵⁶ Associação das Mulheres Livres do Curdistão.

gente que dice: “la sociedad no se podrá liberar hasta la liberación de las mujeres”⁵⁷ (DRYAZ, 2015).

Muita coisa mudou desde então, principalmente com o governo do Partido da Justiça e Desenvolvimento (AKP⁵⁸).

Na Turquia, três golpes militares e uma fortíssima e estável capacidade estatal de reprimir movimentos esquerdistas ou dissidente tolheram todos os movimentos e partidos anteriores ou paralelos à criação do PKK. Isso determinou que os esforços do partido em obter seguidores fossem pautados em uma grande ideologia de base marxista-leninista, com teor nacionalista e de oposição às violações de direitos humanos cometidas por Ancara. Essa grande moldura ideológica era flexibilizada para abarcar todos os grupos que pudessem ser incluídos nela, a fim de fortalecer o partido com a única via imaginável de oposição ao governo central. (SAPOHR, ANDRIOTTI, SOARES, 20011, p. 103).

Sarah Parker (2015) lembra que o governo liderado por Erdogan leva adiante um modelo burguês, neoliberal e altamente islamista, vinculado à grupos como a Irmandade Muçulmana, por exemplo. O autoritarismo deste governo percebe-se claramente desde que assume o poder, principalmente no que tange a contenção do PKK e dos movimentos pró-curdos. Neste sentido, percebe-se claramente tal autoritarismo na perseguição aos representantes do HDP e aos atentados promovidos no ano de 2015.

Para tanto, deve-se lembrar que em 1996, Öcalan declara que:

I had a principle for myself: Why did I dare to initiate and believe in this war? Because the greatest harlot is one who does not fight. My word at the very beginning was this; I moulded myself to believe this. All of these men [implying the leading figures] in the Kurdish groupings which claimed to undertake the national cause are dishonest. Why? Because, I said, they prostitute themselves more than a prostitute. I said I will not be like them; I will fight for loftier aims. In short, in those early times I orientated myself in believing this, and this belief, look, is my nutriment, my sap⁵⁹. (Öcalan, 1999 In: Özcan, 2006, p. 89).

⁵⁷ Em 2007, 8 dos 20 deputados eleitos na lista do partido pró-curdo DTP eram mulheres. O número de mulheres eleitas nas eleições municipais se elevou a 14 no ano de 2009 (sobre um percentual de 96 prefeitos). Nas eleições legislativas de 2011, das 13 candidatas presentes na lista do partido pró-curdo BDP, 11 foram eleitas. A forte implicação das mulheres influenciou radicalmente no discurso do movimento curdo. De fato, nos meios militares se ouve com muita frequência que as pessoas falam: “a sociedade não poderá ser livre até que não aja uma libertação feminina” [seguindo o discurso de Abdullah Öcalan] (tradução nossa).

⁵⁸ *Adalet ve Kalkınma Partisi*. Partido Democrata Islâmico, liberalista e conservador.

⁵⁹ Eu me guiava por um princípio: Por que decidi iniciar e acreditar nesta guerra? Porque quem mais se prostitui é quem menos luta. Desde o começo eu disse isso a mim mesmo, e eu me moldei para acreditar nisso. Todos os homens em que os curdos acreditaram para abraçar a causa nacional foram desonestos [inclusive das figuras de liderança]. Por quê? Porque, eu disse, eles se prostituem mais que uma prostituta. E eu me dizia a mim mesmo que eu não seria como eles, que eu lutaria por objetivos nobres. Em resumo, desde aqueles tempos eu tenho me orientado a acreditar nisto, e esta crença, olhe, é o meu alimento, minha seiva. [Tradução nossa]

Foi assim que o PKK começou a ganhar força, a vingança e a exaltação do nacionalismo curdo passaram a ser sua maior propaganda para recrutamento. Nas décadas de 1980 e 1990 quanto mais a guerra se intensificava, maiores eram as ações do governo que visavam dominar os curdos, aterrorizá-los e acabar com eles. A vingança revolucionária serviu como justificativa para a violência e para o fortalecimento da composição de classe do partido. Eccarius-Kelly (2010) destaca que entre as vítimas dos ataques do PKK estavam chefes tribais que afirmavam as estruturas semifeudais em busca de benefício próprio. Assim, o PKK consegue criar um clima de medo e uma grande ambivalência entre os curdos. Como aponta Marin van Bruinessen, um dos pontos mais destacados do PKK, e o que o diferenciava de outros grupos, era, justamente, a composição de seus membros vindos, quase todos, das classes sociais mais baixas, que sabiam muito bem o que era a marginalização e a repressão. “las elites tribales están representadas en otros partidos, pero no en el PKK. Este partido representa a los sectores más marginales de la sociedad kurda⁶⁰” (sic) (Bruinessen, 1988, p. 42 apud JONG, 2015, p.11).

Durante a década de 1990 o PKK iniciou uma campanha na Europa que enfatizava a manifestação por meio de protestos, extorsões e bombardeios aos pontos comerciais turcos no exterior. Contudo, entre os anos de 1994 e 1999 o partido de acordo a um caráter mais conciliatório utilizando pressões políticas em suas campanhas, marcando a terceira fase do processo de formação do PKK, destacada pela sua operacionalidade. (ECCARIUS-KELLY, 2010, p.112). Deve-se lembrar, aqui, que após a queda da URSS e da emergência de uma nova ordem internacional as oportunidades políticas para a formação de um Estado independentes eram praticamente nulas. Öcalan percebia isso e, após a sua prisão, este argumento ganhou cada vez mais força contribuindo conjuntamente com outros questionamentos para o abandono da ideia de formação de um Curdistão unificado e independente. Inicia-se, nesta década, o processo de mudança ideológica que marcará um dos papéis mais notórios que diferencia o PKK de outros movimentos dentro da questão curda: o papel central da emancipação da mulher. Nos dias de hoje, aponta Jong (2015), a mulher ocupa o lugar do proletariado internacional, dentro do discurso do partido, sendo consideradas à vanguarda da luta e buscando libertar todas as mulheres ao redor do mundo. Nesse sentido, Öcalan (2014) parte de uma análise bastante antiga, resgatando as características das sociedades matriarcais, quando a mulher era tratada como uma deidade criadora, até o

⁶⁰ As elites tribais estão representadas em outros partidos, mas não no PKK. Este partido representa os setores mais marginais da sociedade curda. [Tradução nossa].

desenvolvimento da sociedade de classes, o surgimento da propriedade privada e, com ela, o patriarcado. Algo pode ser lido de forma semelhante em “*A origem da família, propriedade e o Estado*” de Frederich Engels⁶¹. Assim, escreve o líder curdo: “The 5000-year-old history of civilisation is essentially the history of the enslavement of woman. Consequently, woman’s freedom will only be achieved by waging a struggle against the foundations of this ruling system”⁶² (Öcalan, 2013, p. 09).

Foram esses questionamentos que levaram ao PKK a reorganizar seu pensamento incluindo à libertação das mulheres como pauta essencial dentro de sua ideologia assim como os questionamentos sobre a natureza do Estado e a perpetuação das desigualdades neste modelo. Melike Yasar (2015b), representante internacional do Movimento de Libertação das Mulheres do Curdistão nos conta que o processo de participação das mulheres dentro do partido se dá por meio do desenvolvimento da crítica e autocrítica que levou as mulheres a se organizarem autonomamente e ao partido a fazer uma profunda reestruturação, sobretudo após a segunda metade da década de 1990 e início do século XXI. Pode o Estado ser verdadeiramente democrático? Quais são as bases do modelo de Estado-nação? Pode-se implementar um modelo realmente socialista dentro do modelo de Estado atual? Estes questionamentos foram o início da importante reestruturação do Partido e, em grande medida, refletiam as indagações destas mulheres que, assim como Lênin⁶³, em seu tempo, questionavam as lacunas da revolução. O PKK começa a perceber que havia uma história das sociedades que foram esquecidas depois da formação do Estado-nação. Assim, havia a história das sociedades e a história do Estado-nação, em duas vias diferentes (YASAR, 2015b). Tamanha readequação não poderia ter sido feita sem rompimentos e descontentamento de muitos dos membros do partido. Jong (2015) afirma que milhares de pessoas abandonaram o partido em função dessas mudanças estruturais. Contudo, os líderes que decidiram se afastar não tiveram muito sucesso, principalmente após o congresso realizado no ano 2000 onde foi votado pelo fim das hostilidades. Entre a prisão de Öcalan e o ano de 2005, o partido passou por uma profunda reorganização. Assim, garante Melike:

⁶¹ ENGELS, Frederich. **A origem da família, propriedade e o Estado**. São Paulo: Bestbolso. 17º Ed. 2014.

⁶² A história dos 5000 anos de civilização é a história da escravização das mulheres. Por conseguinte, a liberdade da mulher só se atingirá lutando contra os pilares do sistema atual de dominação [tradução nossa].

⁶³ LENIN, Vladimir Ilich. **El poder soviético y la situación de la mujer**. 1919. Disponível em: <<https://creandopueblo.files.wordpress.com/2011/09/v-i-lenin-el-poder-sovietico-y-la-situacion-de-la-mujer.pdf>>. Acesso em 11 de outubro de 2015.

Estamos hablando de una lucha interna muy densa durante 15 años entre hombres y mujeres de nuestro Partido. Teníamos academias ideológicas en varias partes de Líbano y Siria, y en el corazón de la formación logramos someter esta cuestión de la separación de la organización entre hombres y mujeres (...). Logramos todo esto en una lucha interna a través del PKK. También, al mismo tiempo que teníamos una ventaja en el movimiento del PKK, teníamos una relación directa con la sociedad. (...) esa relación directa nos ayudó mucho. Antes, nuestra prioridad como partido era independencia nacional de la nación kurda, pero después logramos transformar para la libertad de la sociedad. Entonces la libertad de la sociedad era más prioritaria que la independencia nacional. Y llegamos a lo conclusión que la única dinámica que puede lograr liberar a la sociedad no es una clase trabajadora, son las mujeres⁶⁴. (YASAR, 2015b).

Nesse mesmo sentido, afirma o líder curdo:

My personal quest is for the development of an ideological system that opposes not only capitalism, but all state-based class societies. The accomplishment of such a system would be much easier, I believe, if our analysis begins far back in history, before the appearance of the first class societies - the Neolithic communities. This will enable us to redefine the structure of a free and equal society in term of economy, democracy, society and ideology on the basis of scientific knowledge⁶⁵. (ÖCALAN, 2011: srp)

É muito frequente, principalmente após a virada do milênio, ouvir e ler sobre a essencialidade de centralizar a revolução curda na libertação das mulheres. Para estas pessoas, sem o protagonismo das mulheres não haverá nenhuma revolução, muito menos, a libertação da sociedade. Assim, deste modo, inicia-se uma dura crítica ao marxismo por haver colocado a luta de classes um estágio acima sobre sistemática opressão de gênero, deixando em segundo plano a opressão que sofrem as mulheres em uma sociedade sexista e patriarcal. Melike Yasar (2015b) lembra que à libertação da mulher é uma ameaça para o Estado moderno capitalista e que dentro do socialismo primitivo estas mulheres ocupavam o papel

⁶⁴ Estamos falando de uma luta interna muito densa durante 15 anos entre homens e mulheres do nosso Partido. Tínhamos academias ideológicas em várias partes do Líbano e da Síria e conseguimos colocar no coração da formação a questão da separação entre homens e mulheres (...). Conseguimos tudo isto por meio de uma luta interna no PKK. Também, ao mesmo tempo que tínhamos uma vantagem no movimento do PKK, tínhamos uma relação direta com a sociedade. (...) essa relação direta nos ajudou muito. Antes, nossa prioridade como Partido era a independência nacional da nação curda mas, depois, conseguimos transformar para a libertação da sociedade. Então é a libertação da sociedade mais prioritária que a independência nacional. Chegamos à conclusão de que a única dinâmica que é capaz de libertar a sociedade não é a classe trabalhadora mas as mulheres (tradução nossa).

⁶⁵ Minha busca pessoal é para o desenvolvimento de um sistema ideológico que se opõem não só ao capitalismo, mas todas as sociedades de classes baseadas no Estado. EU acredito que a realização desse sistema seria muito mais fácil se a nossa análise começasse atrás, na história, antes do aparecimento das primeiras sociedades de classe – nas comunidades neolíticas. Isto nos permitiria redefinir a estrutura de uma sociedade livre e igualitária em termos de economia, democracia e sociedade e de uma ideologia com base no conhecimento científico (tradução nossa).

central na comunidade. Assim, a partir do ano 2000 as mulheres passam a ser o centro da luta curda.

Antes que la clase trabajadora fuera víctima de una opresión, la mujer, como clase, ya era víctima de una opresión sexista. Todo esto discutimos de una manera larga a través del movimiento kurdo. Es por eso hacemos una crítica a través del movimiento marxista que hablaba siempre de la clase trabajadora como corazón del problema. Por qué la historia del estado no tiene mucho tiempo y en toda la historia de la historia de la humanidad, el estado es algo nuevo. Es por todo eso que puede-se superar la lógica del estado, salir de esta lógica del estado, porque en la naturaleza de la sociedad, en la historia de la sociedad, hay una característica libertadora. Después, al mismo tiempo del nacimiento del estado, nació el patriarcado. Es por eso nosotros hacemos una nueva análisis por medio del PKK, Partido de los Trabajadores del Kurdistán, de la historia del Estado y la historia de patriarcado⁶⁶ (YASAR, 2015b).

Jong (2015) diferencia três etapas importantes no discurso de Öcalan que trazem consigo conceitos diversos que apontam à um processo de maturação e evolução na construção da teoria política e social curda: a República Democrática, Autonomia Democrática e o Confederalismo Democrático. O primeiro conceito, implica uma reforma do Estado turco:

La república democrática implica una reforma del Estado turco. De modo similar a las declaraciones que había hecho Öcalan durante los años anteriores a su detención, reclama que Turquía reconozca la existencia de minorías dentro de su población, especialmente a los kurdos, y que disocie la ciudadanía de la etnicidad turca [...]. La autonomía democrática es un concepto tomado de Murray Bookchin (1921-2006) [...]. Para construir una sociedad ecológicamente sostenible, sugería Bookchin, habría que descentralizar las ciudades y reducir su tamaño para permitir a la gente el uso de energías renovables, cultivar alimentos localmente y reducir los costes del transporte de energía. Esas ciudades más pequeñas estarían gobernadas por asambleas de habitantes que tomarían decisiones de forma democrática⁶⁷. (JONG, 2015, p. 28)

⁶⁶ Antes que a classe trabalhadora fosse vítima de uma opressão a mulher, como classe, já era vítima do sexismo. Tudo isto foi discutido exaustivamente no movimento curdo. Por isso fazemos uma crítica através do movimento marxista que falava sempre da classe trabalhadora como o coração do problema. Porque a história do Estado não tem muito tempo e em toda a história da humanidade o estado é algo novo. É por tudo isso que pode-se superar a lógica do Estado, sair desta lógica porque na natureza da sociedade, na história da sociedade, há uma característica libertadora. Depois, ao mesmo tempo do nascimento do Estado, nasceu o patriarcado. É por isto que nós fazemos uma nova análise por meio do PKK, Partido dos Trabalhadores do Curdistão, da história do Estado e da história do patriarcado (tradução nossa).

⁶⁷ A república democrática implica a reforma do Estado Turco. De um modo similar às declarações que havia feito Öcalan nos anos anteriores à sua prisão, reclama que a Turquia deveria reconhecer a existência das minorias dentro da sua população, especialmente os curdos e que seja desassociada à cidadania da etnicidade turca [...]. A autonomia democrática é um conceito tomado de Murray Bookchin (1921-2006) [...]. Para construir uma sociedade ecologicamente sustentável, sugería Bookchin, haveria de descentralizar as cidades e reduzir seu tamanho para permitir que as pessoas usem energias renováveis, cultivem seus alimentos localmente e reduzir os custos de transporte e energia. Estas cidades mais pequenas estarão governadas pelas assembleias de habitantes que tomariam decisões de forma democrática [tradução nossa].

Neste trecho o autor individualiza os conceitos e abre espaço para que possa-se desenvolver de forma mais detalhada o conceito de confederalismo democrático, modelo implementado em Rojava sob a organização guarda-chuva *Koma Civakên Kurdistan* (KCK⁶⁸). A Confederação dos Povos do Curdistão é uma organização fundada pelo PKK que tem como objetivo a implementação do Confederalismo Democrático. Sua criação foi proposta no Quinto Congresso do Kongra-Gel (PKK) em maio de 2007 nas montanhas de Qandil, e estabelecendo como líder honorário a Abdullah Öcalan. Assim, o KCK é criada como uma organização guarda-chuva que acolhe todas as demais organizações políticas e sociais que pretendem aplicar e organizar-se nos moldes do Confederalismo Democrático. É a principal representante do corpo ideológico do PKK, organizando as atividades em todas as partes do Curdistão. Formam parte do KCK partidos e instituições pró-curdas e outras organizações que desenvolvem ações nas quatro partes do Curdistão. De igual modo, partidos como PCDK, PJAK e PYD também fazem parte da organização.

Cabe destacar que este modelo social e político se inspira no conceito de Autonomia Democrática de Bookchin, mas é uma concepção teórica independente e que surge das particularidades locais, principalmente, dada à consideração da análise social e histórica das sociedades que habitavam à região (DOGAN, 2015). De igual modo, o antropólogo lembra que desde sua formação em 2005, o KCK vem estruturando e amparando centenas de movimentos sociais. Atualmente, informa Dogan está formado por mais de 400 movimentos sociais. Sua organização estabelece uma divisão em cinco *fronts*: o ideológico, social, político, militar e o das mulheres. Formam parte do KCK os seguintes grupos e partidos políticos: *Partiya Jiyana Azad a Kurdistanê*⁶⁹ (PJAK) do Irã, *Partiya Yekiti a Demokratik*⁷⁰ (PYD) na Síria, *Partiya Çaresera Demokratik Kurdistan*⁷¹ (PÇDK), *Hêzên Parastina Gel*⁷² (HPG) entre outras tantas organizações formadas pela sociedade civil. Vale destacar que todas as organizações vinculadas à organização guarda-chuva devem compartilhar certos princípios. São eles: rechaçar ideais independentistas e impedindo a fragmentação do povo e aceitar o princípio de paridade entre homens e mulheres implementando o sistema de co-presidência em todas as instâncias de ditas organizações.

⁶⁸ Confederação dos povos do Curdistão.

⁶⁹ Partido da Vida Livre do Curdistão (tradução nossa).

⁷⁰ Partido da União Democrática (tradução nossa).

⁷¹ (tradução nossa).

⁷² Forças de defesa do Povo (tradução nossa).

Assim, percebe-se que grande parte da popularidade do PKK se deu em consequência de seu *modus operandi*. Não era somente o uso da violência, mas o fomento ao debate ideológico e a participação direta da população nos congressos e na formulação do programa do partido que fazia com que esse movimento fosse conhecido de forma mais rápida. Aponta Jong (2015) que em 1980 quando o exército turco realiza um novo golpe o PKK já era o principal partido da Turquia. O recrudescimento da política turca levou a mais de 40 mil pessoas às masmorras militares onde diariamente eram submetidas a longas séries de tortura, muitos deles pertencentes ao PKK. Muitos desses presos continuaram sua militância até mesmo dentro das prisões, fazendo greves de fome e morrendo em nome do partido. Nesse tempo Öcalan foi até a Síria e ao Líbano onde teve muitos encontros com líderes da Frente Democrática de Libertação Palestina (FDLP) e, um tempo depois, com representantes da Frente Popular da Libertação Palestina (FPLP) e do Al Fatah. Nesses encontros, ambos os grupos negociavam o envio de voluntários que contribuiriam para a luta do PKK em troca de treinamento militar e organizativo dentro do partido (HALLIDAY, 2005). Esta ajuda mútua foi essencial para o desenvolvimento, manutenção e crescimento do PKK. Mais tarde membros do PKK ajudaram os Palestinos na invasão do sul do Líbano por Israel em 1982. Pouco tempo depois o PKK, contando com permissão Síria, instalou um campo de treinamento em território libanês que era controlado pelos sírios. O mesmo ocorreu com o acordo realizado com o Partido Democrático do Curdistão (KDP), no Iraque, onde Öcalan e Barzani negociaram a instalação de acampamentos próximos da fronteira turca. Assim foram ampliadas as áreas de influência do PKK e aumentaram os recrutamentos, sobretudo da população rural. Öcalan (2011) assegura que, após o início dos ataques do governo turco contra o partido e foi alterada a balança de poder na região o PKK se instala em territórios sírio, palestino, israelense e libanês em busca de melhores condições e oportunidades (ÖCALAN, 2011: srp).

Assim, o HRK⁷³, braço armado do PKK, desenvolvia ações em várias regiões fora de território turco visando ganhar mais força e espaço político e social. Assim, se espera que os membros do partido abandonem suas vidas anteriores e estejam dispostos a remodelar-se convertendo-se em novos homens. Somente assim será possível uma reorganização da sociedade. Jong (2013) informa que, com a necessidade de criação deste “novo homem” pode-se perceber nesse discurso os conceitos marxistas de luta de classes e o próprio conceito de *classe* da espaço aos de *humanização, socialização e personalidade liberada*.

⁷³ Forças de defesa do Curdistão do Leste.

La guerra popular comienza con ataques guerrilleros puntuales y avanza a través de varias etapas de enfrentamientos cada vez más intensos, pasando de la “defensa estratégica”, en la que los rebeldes se limitan a breves ataques y se retiran inmediatamente de nuevo, a una segunda fase, durante la que las fuerzas gubernamentales son empujadas a posiciones defensivas mientras el partido extiende su influencia política. Al final, la guerrilla reúne fuerzas y armas suficientes para entablar la guerra convencional y enfrentarse al enemigo en una serie de batallas decisivas. Hasta mediados de la década de 1990, Öcalan y el PKK mantuvieron este marco estratégico con un Kurdistán independiente como objetivo⁷⁴. (JONG, 2015, p.13)

Lembra este autor que desde os documentos iniciais do PKK estes criticavam a URSS e a Komintern por apoiar o Kemalismo na Turquia. Neste sentido, como foi mencionado anteriormente, a literatura que versa sobre o assunto aponta às várias fases que evidenciam a evolução, formação e desenvolvimento do partido. Eccarius-Kelly (2010), por exemplo, destaca que tais fases são determinadas pelas principais transformações pelas quais passa o partido. Essas etapas cunham novas táticas e confirmam a grande habilidade que tem o partido de se reinventar. Para esta autora, nos primeiros anos, entre 1978 e 1985, o partido se via inspirado pelos ideais tradicionais da esquerda e estava preparado para se engajar nas mais violentas táticas em busca de relevância regional. Buscando alcançar a população curda, o PKK reformula, em meados da década de 1980, sua ideologia revolucionária incluindo, neste então, questões étnico-nacionais. É consenso na literatura analisada que a década de 1980 foi permeada por atos de extrema violência, tanto pela guerrilha curda quanto pelo Estado Turco. Desse modo os militares turcos recrutavam muitos camponeses, principalmente nas regiões onde os líderes tribais se declaravam opositos ao partido. Eccarius-Kelly (2010), destaca que nesse então a organização do partido compartilhava várias características com o grupo maoísta peruano *Sendero Luminoso*⁷⁵, não só pela sua motivação ideológica mas pelo rígido

⁷⁴ A guerra popular começa com ataques pontuais da guerrilha e avança através de várias etapas de enfrentamentos cada vez mais intensos, passando pela "defesa estratégica", onde os rebeldes se limitam a ataques breves e se retiram imediatamente e, na segunda fase, onde as forças governamentais são empurradas à posições defensivas enquanto que o partido estende sua influência política. Finalmente, a guerrilha reúne suficientes forças e armamentos para desenvolver uma guerra convencional e enfrentar o inimigo em uma série de batalhas decisivas. Até meados da década de 1990 Öcalan e o PKK mantiveram este marco estratégico tendo como objetivo um Curdistão independente. [Tradução nossa].

⁷⁵ Fundado em 1960 pelo Professor de filosofia Abimael Guzmán é uma organização que tinha por objetivo inicial derrubar o Estado Peruano e estabelecer o que eles mesmos denominam uma "utopia maoísta". De base basicamente agrária dava especial ênfase à educação usando como base à filosofia maoísta e os trabalhos de José Carlos Mariátegui, em busca de uma revolução agrária que buscava se contrapor às estruturas latifundiárias peruanas (KOVEN, 2010). Tal organização foi classificada como terrorista pelos EUA em 1997 segundo dados do Departamento de Estado. Mais informações em: <<http://www.state.gov/documents/organization/160473.pdf>>. Acesso em 12 de setembro de 2015.

sistema hierárquico que tinha como centro uma liderança política. Em ambos os casos a marginalização de certas populações e o desejo de ir de encontro à repressão Estatal em busca do estabelecimento de uma nova sociedade formavam à base de suas reivindicações, apesar de que no caso do PKK, o objetivo era o estabelecimento de um novo Estado consolidado em base à etnia Curda. Nesse sentido, lembra-se das definições de guerra irregular mencionadas anteriormente e complementamos com as palavras de Rodrigues (2008) que, considerando a literatura de Von der Heydte lembra que “a guerra irregular, com suas ações pontuais e de forte impacto psicológico, responde grandemente à noção clausewitziana de guerra como instrumento da política, uma vez que suas ações têm claros objetivos de submissão do inimigo à vontade do agressor” (HEYDTE, 1990, p. 38 apud RODRIGUES, 2008, p.187)

Outro elemento de destaque, que diferencia o PKK de vários outros movimentos é o seu caráter de guerrilha. Neste sentido, se diferencia do modelo maoísta que estabelece a criação de um exército que se diferencia do partido, o PKK esperava que os seus membros se dedicassem exclusivamente ao partido. Duran Kalkan, dirigente do PKK, informa que:

Esta guerrilla supone una ruptura ideológica total con el orden establecido, pues rompe hasta cierto punto con el sistema jerárquico del Estado y del poder. De ahí que el tercer congreso comportara una profunda renovación ideológica con respecto a la concepción del socialismo realmente existente: se superó la línea del socialismo realmente existente de la pequeño-burguesa igualdad de derechos y libertades individuales y familiares. Esta medida también tiene consecuencias en el seno de la sociedad, donde reclama cambios que acercan la libertad y la igualdad. Destruye la vida familiar individual⁷⁶. (JONG, 2015, p. 14)

Como foi mencionado anteriormente, este padrão de ação por meio de uma guerra irregular ou guerra de guerrilha é compartilhado entre vários movimentos revolucionários do mesmo período criando um marco nos estudos de segurança internacional. Elementos como o grande contraste social – capaz de gerar antagonismos enormes na qualidade de vida e renda de diferentes grupos dentro de uma mesma população – a violência cultural institucionalizada, aspirações nacionalistas alimentadas por conflitos étnicos e/ou religiosos, além de fatores de ordem ideológica conformam um terreno fértil para o desenvolvimento de uma ação de guerra

⁷⁶ Esta guerrilha supõem uma ruptura ideológica total a ordem estabelecida, pois rompe até certo ponto com o sistema hierárquicos o Estado e do poder. Daí que o terceiro congresso comportará uma profunda renovação ideológica respeito à concepção do socialismo realmente existente: superamos a linha do socialismo realmente existente da pequena-burguesia, igualdade de direitos e liberdades individuais e familiares. Esta medida também tem consequências com o seio da sociedade, a qual reclama mudanças que aproximam a liberdade e a igualdade. Destrói a vida familiar individual. [Tradução nossa].

irregular permitindo sua emergência de forma bastante rápida e sólida como poderemos notar no caso do PKK na Turquia e no norte da Síria, principalmente.

Rodrigues (2008) destaca que:

Mesmo não abalando a lógica estadocêntrica dos enfrentamentos militares, o despontar das guerras irregulares pode ser encarado como a evidência de um importante processo que auxilia a compreender o embaraço que elas trazem ao conjunto de leis internacionais sobre conflitos armados, qual seja, a diminuição acentuada do número de guerras interestatais e o crescimento inversamente proporcional das guerras civis. (RODRIGUES, 2008, p. 188).

No programa político de 1995 o Partido criticava fortemente o “socialismo existente” referindo-se a ele como uma fase muito inferior da ideologia socialista. Assim, expõem Jong (2015):

En el aspecto ideológico, una caída en el dogmatismo, el materialismo vulgar y el chovinismo de la Rusia imperial; en el aspecto político, un centralismo extremo, la congelación de la lucha de clases democrática y la defensa de los intereses del Estado como único factor decisivo; en el aspecto social, la restricción de la vida libre y democrática de la sociedad y el individuo; en el aspecto económico, el predominio del sector público y la no superación de la sociedad de consumo que imita a países extranjeros; finalmente, en el aspecto militar, la prioridad dada al ejército y al armamento por encima de todos los demás ámbitos⁷⁷. (JONG, 2015, P.16)

Nesse mesmo congresso (1995) são retirados o martelo e a foice da bandeira do Partido e o discurso agora passa a ser mais amplo, convocando à luta toda a humanidade e não mais somente obreiros e trabalhadores da terra. Inicia-se se forma mais sólida uma nova mudança ideológica mais radical do partido.

A partir do ano 2000, após a prisão⁷⁸ do líder Abdullah Öcalan em 1999 no Estado do Kenya⁷⁹, e a queda do modelo soviético os movimentos mundo afora se viram desafiados à

⁷⁷ No aspecto ideológico, a queda no dogmatismo, o materialismo vulgar e o chauvinismo da Rússia imperial; no aspecto político, o centralismo extremo, a congelação da luta de classe democrática e a defesa dos interesses do Estado como um único fator decisivo; no aspecto social, a restrição da vida livre e a democracia da sociedade e do indivíduo; no aspecto econômico, o predomínio do setor público e a não superação da sociedade de consumo que imita os países estrangeiros; finalmente, no aspecto militar, a propriedade dada ao exército e ao armamento por cima de todos os demais âmbitos (tradução nossa).

⁷⁸ Inicialmente Öcalan foi condenado à morte pelo governo turco. Contudo, seu processo foi levado até a Corte Europeia de Direitos Humanos onde ficaram evidenciadas irregularidades na condução do processo. Deste modo, considerando o grande interesse do Estado turco em fazer parte da União Europeia, e da proibição da pena de morte entre os países membros, Erdogan manifestou o interesse de realizar um novo processo.

⁷⁹ O líder curdo abandona a Síria em 1998 chegando na Itália, no mesmo ano, onde o governo italiano se recusou a extraditá-lo dada a deliberação do Tribunal de Apelação de Roma que aplicou o mandato de que não seriam extraditadas pessoas aos países que tivessem a pena capital em seu ordenamento jurídico. Assim, Öcalan é solto

implementar duras mudanças. Com o PKK não foi diferente, com seu ícone revolucionário preso e após oito anos da simbólica queda da URSS eles perceberam que os problemas não surgem somente pelo modo de produção implementado nos Estados. O debate não estaria mais centrado entre o capitalismo e o comunismo, mas, mais do que isso, no desejo de acabar com o modelo de Estado-nação. Em busca de poder se reinventar, em fevereiro de 2002, em seu oitavo congresso internacional, o PKK muda seu nome para Congresso de Liberdade e Democracia do Curdistão (KADEK⁸⁰). Esta mudança dura até o ano de 2003 quando, passa a se chamar, até o ano de 2005, Congresso do Povo do Curdistão (Kongra-Gel / KGK⁸¹). A organização Kongra-Gel⁸² existe desde 2010 como uma organização filiada ao Partido do qual surgiu (GUNTER, 2010, p.166). Segundo Yanarocak (2009), após prisão do líder curdo os ataques promovidos pelo PKK diminuiriam drasticamente até o ano de 2007 quando foram retomados contra o governo turco. Vale destacar que não foi somente a prisão de Öcalan que iniciou esse período de “semi-trégua”. Em agosto de 1999 o líder anuncia uma iniciativa de paz chamando à atenção de Ankara para iniciar o diálogo quanto à questão curda. Em 1997⁸³ os EUA e seus aliados colocaram o PKK na lista dos grupos terroristas, securitizando a organização. Fernández (2007) informa que houve algumas melhoras nos primeiros anos da década de 2000. A eliminação da pena capital do código penal turco e a leve diminuição nas hostilidades do governo para com a população foram reflexos de algumas medidas implementadas por Erdogan o que mostram os relatórios⁸⁴ da agência Human Rights Watch entre os anos de 2004 e 2005. Contudo, o processo de tentativa de entrada à União Europeia (UE) ainda está em negociação. Há muitos elementos em jogo nesta disputa de interesses, não só os políticos, mas, principalmente fatores geoestratégicos que dificultam a negociação. A Comissão Europeia fez diversos alertas à constante violação⁸⁵ de direitos humanos na república turca e destacou, numa sessão plenária no dia 13 de fevereiro de 2007, que o

pela justiça italiana buscando asilo em Nairobi (Kenya) onde, em fevereiro de 1999, é capturado pelo serviço secreto turco após abandonar a residência do Embaixador grego onde estava refugiado (COLOMA, 2007).

⁸⁰ *Kongreya Azadî û Demokrasiya Kurdistanê.*

⁸¹ *Kongreya Gelê Kurdistanê.*

⁸² Segundo o site “*National Counterterrorism Center*” tal organização está classificada como grupo terrorista, assim como todas as demais vinculadas ao PKK. Mais informação em: <<http://www.nctc.gov/site/groups/kgk.html>>

⁸³ Em 10 de agosto de 1997 o Departamento de Estado Norteamericano estabeleceu o PKK (Kongra-Gel) como parte da sua lista de grupos terroristas estrangeiros. Informação obtida do endereço *web* do Departamento, disponível em: <<http://www.state.gov/j/ct/rls/other/des/123085.htm>> Acesso em 15 de setembro de 2015.

⁸⁴ É possível visualizar o relatório no seguinte link: <<http://www.hrw.org/reports/2005/turkey0305/turkey0305text.pdf>>. Acesso em 14 out. 2015.

⁸⁵ Ver: **Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Conexa.** Disponível em: <<http://www.gddc.pt/direitos-humanos/Racismo.pdf>>. Acesso em 14 out. 2015.

“respeito aos direitos da mulher na Turquia é uma condição *sine qua non* da adesão UE⁸⁶”. Deste modo, percebe-se que há uma grande tensão entre o jogo de interesses turcos frente ao se interesse de fazer parte da União Europeia e, ao mesmo tempo, suas posições quanto à questão curda. A prisão de Öcalan entra nesse jogo de tensionamentos e consegue ser capaz de criar um paradigma⁸⁷ frente na história da questão curda, sendo essencial para as mudanças do partido e, futuramente, a implementação do modelo em Rojava.

Vale destacar, também que a partir de 1999 as relações exteriores entre Turquia e Grécia melhoram substancialmente, principalmente após a substituição do ministro de relações Exteriores, Theodoros Pangalos (em relação à prisão de Öcalan, onde foi encontrado um passaporte grego), por Giorgos Papandreu quem se disponibilizou a ajudar o Estado turco a conseguir uma vaga na UE. Ademais, foram assinados vários tratados de cooperação entre Ankara e Atenas (COLOMA, 2007). Sendo assim, reiteramos o papel decisivo da prisão de Öcalan para as relações exteriores da Turquia com a Grécia, UE e Síria, como foi mencionado anteriormente. Ademais, deve-se considerar a grande influência que tem o enfrentamento entre o governo turco e o PKK nas dinâmicas internacionais deste país, seja entre seus vizinhos de fronteira ou nas relações entre diferentes agentes do sistema internacional.

La captura del líder Kurdo Abdullah Öcalan, en febrero de 1999, supuso un punto de inflexión en la lucha contra el PKK. Desde que en agosto de 1990 el líder del PKK, Abdullah Öcalan, anunciara desde su prisión el fin de las actividades armadas, se multiplicaron los gestos de esta organización en favor de la paz. Estos gestos se concretaron en multitud de declaraciones del líder del PKK, a través de sus abogados, en favor de la paz, anunciando la retirada de sus militantes armados del territorio turco⁸⁸ (...) (COLOMA, 2007).

No ano 2000 houve um congresso extraordinário onde o PKK adotou oficialmente a política de esforçar-se por organizar uma república democrática, compreendendo que a resistência e luta do partido deveria dar-se de forma democrática mais que somente armada. A isso Öcalan chama de processo de transformação democrática. Nesse mesmo congresso,

⁸⁶ Informações sobre o relatório obtidas no site: < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=IMPRESS&reference=20070208IPR02887&format=XML&language=PT>>. Acesso em 14 out. 2015.

⁸⁷ Recomendamos a leitura da **Proposta de resolução comum** de 21 de julho de 1999 sobre a condenação à morte de A. Öcalan e o futuro da questão curda na Turquia. Disponível em: < <http://www.europarl.europa.eu/sides/getDoc.do?type=MOTION&reference=P5-RC-1999-0006&format=XML&language=PT>>. Acesso em 14 out. 2015.

⁸⁸ A captura do líder curdo Abdullah Öcalan, em fevereiro de 1999, iniciou um período de inflexão na luta contra o PKK. Desde que, em agosto de 1999, o líder do PKK Abdullah Öcalan, anunciara desde a prisão o fim das atividades armadas, se multiplicaram os gestos desta organização à favor da paz. Estes gestos se concretizaram em inúmeras declarações do líder do PKK, por meio de seus advogados, em favor da paz, anunciando a retirada dos militares armados do território turco (...) (tradução nossa).

lembra White (2015) foi decidido pela substituição da ARGK⁸⁹ e seu front político ERNK⁹⁰ pelo HPG⁹¹ e YDK⁹². Estas organizações trabalharam conjuntamente dentro da diáspora curda à Europa até ser criada a KCD⁹³. A partir de então o Partido adotaria uma postura voltada à política como forma de atingir seus objetivos, cessando as hostilidades contra o governo turco. Inicia-se um período de relativa paz em que o PKK declara o cessar-fogo unilateral, ademais, a percepção de que o modelo de Estado-nação é um grande problema para o desenvolvimento e autodeterminação dos povos surge de uma construção embasada em alguns elementos. Dogan (2015) destaca que o Estado fracassa pelas suas características. A primeira delas é que toda organização estatal pressupõe a dominação de uma classe sobre as outras, seja o Estado socialista ou capitalista. A burocracia que se estabelece para a administração da máquina estatal já pressupõem o surgimento de uma classe e esta, certamente, vai se impor sob as demais. O segundo elemento trata da dominação que um grupo étnico, cultural ou religioso terá sobre os demais, considerados como minorias. O terceiro elemento é a reprodução do sistema patriarcal. O antropólogo afirma que o Estado é machista por natureza, independente se seguir um modelo socialista ou capitalista. Assim, a participação feminina na sociedade sempre será condicionada às necessidades masculinas e os papéis sociais estarão definidos em base ao sexo. Sobre este aspecto fala-se com maior profundidade no capítulo correspondente ao modelo do Confederalismo Democrático e seus pilares. Finalmente, há um alerta especial à questão dos recursos naturais, do uso consciente dos mesmos. Dogan (2015) destaca de que a degradação do meio ambiente é um grave problema que tem sido pouco considerado e combatido na formação e desenvolvimento das sociedades. O VI Congresso do PKK marca uma transformação essencial no Partido colocando-o, a partir daí como um significativo inimigo dos interesses ocidentais.

A partir de 2003, agora denominado como KGK os atos de violência são cessados dando passo a uma postura de autodefesa. (HUNSICKER, 2006, p. 412)

In the shadow of the Sevres Syndrome, and with the rise of the PKK, the Turkish government feared that the Turkish unitary state would face separatism on the basis of ethnic nationalism and regionalism. This fear has dominated Turkish policies towards the Kurds and the PKK. In order to confront the PKK, none of the former

⁸⁹ Exército da Libertação Popular do Curdistão (tradução nossa).

⁹⁰ Front de Libertação Nacional do Curdistão (tradução nossa)

⁹¹ Forças de Defesa Popular (tradução nossa).

⁹² União Popular Democrática.

⁹³ Coordenação das Comunidades Democráticas do Curdistão.

Turkish governments, except for President Turgut Özal, have initiated a democratic Kurdish initiative⁹⁴ (YANAROCAK, 2009, p.56).

Ademais da prisão do líder curdo, os atentados de 11 de setembro aos Estados Unidos mudaram radicalmente a organização de forças dentro do Oriente Médio. Como aponta Eccarius-Kelly (2010), entre 2003 e 2006, período da intervenção mais intensa dos EUA no Iraque os nacionalistas turcos reclamaram do esquecimento dos EUA ao PKK. Assim, como aponta a autora até 2006 as relações entre a Turquia e os EUA estavam num ponto bastante baixo. Foi ao final do ano de 2006 o cessar fogo unilateral do PKK é levantado.

Em junho de 2004 as Forças de Defesa do Povo (HPG) renunciaram ao cessar fogo. Destaca-se que, “the PKK’s activities can be categorized as guerilla warfare and at the same time as terrorism⁹⁵” (YANAROCAK, 2009, p.08). Isto porque o PKK foi capaz de quebrar com o tabu da questão curda fazendo com que fosse criado um meio para que a questão chegasse até o parlamento turco. A nomenclatura é algo que deve ser considerado. No caso do PKK, denominar-se como “guerrilha” lhes garante a legitimidade de quem luta para expulsar os invasores externos de suas terras, usando da ideia do conceito da ocupação colonial promovida pela Turquia em suas terras, enquanto que para o governo turco denomina-los legalmente como grupo terrorista garante um importante arcabouço jurídico-teórico para que possam ser implementadas duras medidas contra o grupo.

Neste sentido e, como já foi exposto anteriormente, destaca-se a análise de Mary Kaldor (1999) quem afirma que a partir da década de 1990 emergem e ganham força essas novas formas de conflito que contrastam com as *old wars*⁹⁶, guerras no sentido apontado por Clausewitz, marcadas pela racionalidade política a ordem e os movimentos dos Estados, guerras que foram vistas pouquíssimas vezes no período pós 1945. Assim, a guerrilha implementada pelo PKK segue essa tradição transfronteiriça e que segue novos padrões delineados após a década de 1980. Esta mesma autora, usando o caso da guerra entre a Bosnia-Herzegovina, dá destaque aos elementos étnicos e nacionais como fatores responsáveis por delinear essas *new wars*⁹⁷.

⁹⁴ Na sombra da Síndrome de Sevres, e com a ascensão do PKK, o governo turco temia que o Estado unitário turco iria enfrentar o separatismo nas bases do nacionalismo étnico e do regionalismo. Esse medo tem dominado as políticas turcas para com os curdos e com o PKK. A fim de enfrentar o PKK, nenhum dos antigos governos turcos, exceto para o presidente Turgut Özal, deram início a uma iniciativa democrática curda. [Tradução nossa].

⁹⁵ As atividades do PKK podem ser categorizadas como guerra de guerrilha e, ao mesmo tempo, como terrorismo. [Tradução nossa].

⁹⁶ Guerras velhas (tradução nossa).

⁹⁷ Novas guerras.

Quanto aos enfrentamentos entre a guerrilha curda e o governo turco optamos por usar conceitos da teoria dos conflitos de Otomar J. Bartos e Paul Wehr. Nesse sentido:

That theory assumes that conflict can originate either in goal incompatibility or in hostility (or in both), and that it involves a unique type of behavior, conflict behavior. Thus conflict is defined here as a situation in which actors use conflict behavior against each other to attain incompatible goals and/or to express their hostility⁹⁸ (BARTOS; WEHR, 2002, p. 13).

Neste caso temos um conflito que antagoniza não somente dois inimigos, mas duas ideologias completamente diferentes. Por um lado temos o Estado turco que tem como base o nacionalismo secular e em suas raízes étnicas e, por outro, as políticas de reconhecimento e ênfase da identidade curda dentro da Turquia, pelo PKK.

Se utilizarmos o método de análise proposto por Otomar J. Bartos e Paul Wehr para a análise das lutas por direitos civis pode-se dizer que a discriminação promovida pelo Estado turco, agravada pelas políticas de assimilação do povo curdo dentro do conceito de identidade nacional turca, cria uma desigualdade social entre ambas as populações. Os curdos passam por décadas de privações de direitos e marginalização social sendo perseguidos e proibidos até mesmo de falar seu idioma. Estas políticas fomentam o crescente senso de injustiça que toma destaque após o surgimento dos debates que surgem com a emergência da esquerda nas décadas de 1960 e 1970. Assim, inicia-se o enfrentamento entre as ideias que buscam a manutenção do 'status quo' e os que buscam uma redistribuição de direitos entre toda a população. A formulação de uma estratégia em base a sentimentos de injustiça, privação e incompatibilidade de objetivos incrementa o comportamento hostil dos grupos antagônicos.

No dia 28 de Agosto de 2009 e, pela primeira vez, Öcalan decide traçar um “roteiro” a ser seguido para alcançar uma solução há décadas de enfrentamento. Em seu encontro semanal com seus advogados Apo declarou que os elementos essenciais desse “roteiro” são embasados da democracia. Ter uma mentalidade democrática que se manifeste como a sua implementação na política conjuntamente com debates em uma estrutura que promova a liberdade. Assim, em seu livro: *“Prision Writings III: The Road Map to Negotiations”*⁹⁹, Öcalan descreve o diálogo secreto que teve com o governo turco entre os anos de 2009 e

⁹⁸ Esta teoria supõem que o conflito pode se originar na incompatibilidade de seus objetivos ou na hostilidade (ou em ambos), e que envolve um único tipo de comportamento, o comportamento do conflito. Assim, o conflito é aqui definido como uma situação em que os atores usam o comportamento do conflito uns contra os outros para atingir objetivos incompatíveis e/ou para expressar a hostilidade (Tradução nossa).

⁹⁹ ÖCALAN, Abdullah. **Prision Writings III: The Road Map to Negotiations**. 2012. International Initiative Edition.

2011. Com prefácio de Immanuel Wallerstein, no livro são desenvolvidas suas ideias dando destaque mais do que central ao papel do sistema democrático na resolução do conflito. Contudo, em 2009, a anunciada “abertura curda” do governo turco fracassou por parte das vacilantes ações deste Estado fazendo com que fosse ascendida à insurgência novamente. Gunter¹⁰⁰ informa que até abril de 2012 mais de sete mil ativistas curdos foram presos por fazerem manifestações não violentas em apoio à causa. Vale lembrar que o ano de 2012 foi o que teve o enfrentamento mais violento entre o PKK e o Estado turco depois da prisão de Öcalan em 1999.

A negociação entre Abdullah Öcalan e o governo de AKP encontra-se bastante atrasada e enfrenta muitos empecilhos. Segundo Sidki (2014) a última reunião secreta entre a liderança do PKK e os serviços de inteligência da Turquia foi em 2010, mas depois disso pouco foi negociado e a escalada de violência continuou a crescer, principalmente neste ano de 2015. Parker (2015) destaca que nunca houve sinais reais de que governo turco estivesse disposto a negociar com o Partido curdo. Sarah Parker (2015) lembra que desde 2013 havia um cessar-fogo de fato. Contudo, após a derrota nas eleições o governo AKP retomou as hostilidades buscando impedir o crescimento dos partidos pró-curdos. Com estas eleições o AKP não conseguiu a maioria absoluta e, assim, não foi possível reformar a Constituição para a transformação à um regime Presidencialista garantindo-lhe mais poder. O crescimento do partido HDP fez com que estes obtivessem 14% dos votos nas eleições de junho deste ano permitindo à ascensão da esquerda e, com estes, a representação de minorias no parlamento. O impacto destas eleições frustrou tanto o governo AKP que foram marcadas novas eleições para novembro e, com isto, a hostilidades foram incrementadas.

Infelizmente é impossível deixar de comentar sobre os intensos e reiterados ataques que o Estado turco está realizando contra a população curda, em especial, dentro de seu território. Somente em 2015, ataques com grande número de mortos e feridos foram registrados em Cizre, Ankara¹⁰¹, Suruç¹⁰² e nas fronteiras com Rojava, como mostram diariamente as mídias independentes locais e os relatos da população da região.

¹⁰⁰ Informações obtidas na resenha do livro “Prision Writings III: The Road Map to Negotiations”. Disponível em: <<http://ocalan-books.com/english/road-map-to-negotiations.html>> Acesso em 14 de setembro de 2015.

¹⁰¹ Mais informações no link disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2015/oct/10/turkey-suicide-bomb-killed-in-ankara>>. Acesso em 11 dez. 2015.

¹⁰² Para mais informações ver a notícia disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/turkey/11754728/Suruc-attack-Protesters-take-to-the-streets-in-Turkey-as-victims-are-laid-to-rest.html>>. Acesso em 11 dez. 2015.

O Tratado de Dolmabace estabelece dez pontos para chegar a um acordo, entre elas ficavam estabelecidas reformas constitucionais e abertura no processo de democratização da Turquia. O problema é que, novamente, Ankara abandonou as negociações antes de assinar o Tratado e, logo em seguida, desatou uma série de 170 ataques aos curdos entre março e junho (período das eleições), como informa Sauas Amed em entrevista à Karlos Zurutuza (2015). Após o período eleitoral garantiu que o Partido Democracia do Povo (HDP) formado, mandaram 80 deputados agora das eleições com seis milhões de votos, algo muito relevante para o contexto da Turquia. Tanchum (2015) lembra que o HDP conta não só com o apoio da base popular curda mas com grande apoio de eleitores provenientes de minorias perseguidas pelo governo conservador turco. “Depois do sucesso eleitoral do Partido, o co-presidente do HDP Selahattin Demirtaş chamou os resultados de uma vitória de todos os povos oprimidos” (TANCHUM, 2015). Ademais, o autor lembra que houve um grande apoio de ex-eleitores do AKP que elegeram o partido pró-curdo ao invés do partido conservador. Após a vitória do HDP de forma democrática nas urnas fez com que o presidente Erdogan se manifestasse novamente lembrando que não aceitaria a formação de uma região autônoma em suas fronteiras: “[we] never allow a state to be formed in northern Syria¹⁰³”. Deve-se lembrar, também que, para o líder turco tanto o *daesh* quanto o PKK são organizações terroristas que devem ser combatidas, segundo suas declarações: “For us, the PYD is the same as the PKK, it's a terrorist organization¹⁰⁴”.

Busca pela transformação da Turquia num estado plurinacional. Estado Turco está aplicando um terror de Estado, prendendo líderes, assassinando pessoas e provocando atentados como o de Çuruc e os ataques às vilas em setembro na Síria e na Turquia. (DOGAN, Mehmet). O problema disso é que esta vitória da esquerda, por meio do HDP, acirrou ainda mais os ânimos entre Estado e oposição. Erdogan reiteradamente declara¹⁰⁵ que fará qualquer coisa para impedir que os curdos ganhem mais poder e que todo aquele que lute por uma solução democrática será assassinado. Sauas Amed ainda lembra, que nos últimos

¹⁰³ Declaração Tayyip Erdogan. Disponível em: <<http://www.hurriyetdailynews.com/erdogan-vows-to-prevent-kurdish-state-in-northern-syria-as-iran-warns-turkey.aspx?pageID=238&NID=84630&NewsCatID=338>>. Acesso em 17 out 2015.

¹⁰⁴ Informação retirada do site: <<http://www.dailysabah.com/politics/2014/10/20/erdogan-obama-discuss-regional-issues-agree-to-strengthen-antiisis-fight>>. Acesso em 29 set. 2015.

¹⁰⁵ Existem muitas declarações do presidente turco repudiando e atacando à população curda. Recentemente disse que a Turquia nunca teve uma questão curda (disponível em: <http://www.todayszaman.com/anasayfa_president-erdogan-says-turkey-never-had-a-kurdish-problem_375334.html>. Acesso em 12 out. 2015.) e que o processo de negociação de paz é impossível (disponível em: <<http://www.aljazeera.com/news/2015/07/turkey-erdogan-warns-kurdish-fighters-150728130110904.html>>. Acesso em 12 out. 2015).

trinta anos foram declarados oito cessar-fogo por parte dos curdos e em nenhuma houve uma reciprocidade por parte da Turquia, quem nunca decidiu levar adiante o processo de negociação. Nesse sentido, afirma que, sem um diálogo efetivo e real a solução será a mesma encontrada em Rojava, a implementação de um modelo de Confederalismo Democrático a despeito de qualquer imposição turca. Após tantos anos de conflito ainda ambos os lados trocam duras farpas e acusações, no entanto a lista de mortos não para de aumentar. A lista dos mortos, segundo Zalewski (2015) já ultrapassa os 30 mil nomes e não há muitos indicativos de que possa parar de aumentar.

O último grande ataque registrado durante a realização deste trabalho foi no dia dez de outubro de 2015 na cidade de Ankara onde mais de 70 pessoas morreram e mais de uma centena ficou ferida em função de uma explosão durante uma manifestação pacífica organizada em apoio ao HDP. Nesse mesmo dia, a União de Comunidades do Curdistão (KCK¹⁰⁶) declarou o fim do cessar-fogo contra o Estado Turco. Em nota¹⁰⁷, o KCK disse que as operações militares contra a Turquia não serão retomadas e por mais que este Estado não cumpra com o processo de negociação de paz o movimento não pretende realizar ataques. Ao mesmo tempo encoraja à sociedade civil e grupos solidários a se manifestarem democraticamente contra as ações violentas promovidas pelo Estado contra os grupos curdos.

2.4 O contexto político sírio, formação do PYD, Tev-Dem e Unidades de Proteção Popular – YPG/YPJ.

O histórico político entre Síria e Turquia nunca foi muito amigável e isto teve importantes consequências para a vida dos curdos e à guerrilha do PKK. Enquanto a Turquia é um forte aliado do ocidente no Oriente Médio, aliada dos EUA e mantêm fortes vínculos com o Estado de Israel a Síria, em oposição, faz parte dos países que defendiam a ideia de pan-arabismo sendo um país aliado soviético e antiocidental desde os começos da Guerra Fria. Entre vários elementos de instabilidade entre ambos os países o PKK é um importante fator de conflito. Um exemplo disso foi o Projeto Sudeste Anatólia¹⁰⁸ (GAP¹⁰⁹) que surgiu em

¹⁰⁶ *Koma Civakên Kurdistan.*

¹⁰⁷ Nota publicada no site: <<http://www.kurdishinfo.com/kck-declares-inaction-on-condition-of-not-being-attacked>>. Acesso em 10 out. 2015.

¹⁰⁸ Para saber mais sobre o projeto sugerimos a leitura dos documentos localizados nos links: <http://web.macam.ac.il/~arnon/Int-ME/water/p453_s.pdf > e <<http://www.mepc.org/journal/middle-east-policy-archives/turkish-syrian-relations-checkered-history>>. Acesso em 10 de setembro de 2015.

¹⁰⁹ Güneydoğu Anadolu Projesi.

1980. Os problemas de irrigação que afligiam a região habitada por curdos no leste da Anatólia fez com que o Estado Turco usasse a água como uma ferramenta contra a Síria, drenando água do Eufrates para esta. Assim, em troca de água, a Síria deveria parar de dar suporte ao PKK o que, de fato, aconteceu.

Em 1970 a Síria sofreu um duro golpe militar, assim como aconteceu na Turquia. Hafez Al-Assad (1971-2000) assume a presidência do país representando o Partido Ba'ath, um partido de ideologia pan-arabista que promovia um modelo político socialista e laico. A Síria conseguiu dominar parte do Líbano em 1976 e, como foi mencionado anteriormente, esta região foi utilizada como base militar e de treinamento da guerrilha curda. Contudo, o fato de que o governo Sírio permitisse o livre trânsito das milícias do PKK deve-se lembrar que uma das primeiras ações implementadas pelo governo Ba'ath na Síria, logo após o golpe de estado, foi a revogação da cidadania dos curdos ameaçando a identidade curda e expondo-os à uma dura política de assimilação cultural, tal como foi feito na Turquia (AMED, 2015).

Os antagonismos políticos da região e os constantes enfrentamentos da Síria com Israel foram muito importantes, principalmente nos períodos de acirramento da Guerra Fria. Brandon (2007) lembra que os curdos compõem cerca de 10% da população da Síria, são aproximadamente 1,7 milhões de pessoas que habitam, basicamente, à fronteira deste país com a Turquia. Diferente dos curdos da Turquia, os sírios poucas vezes se rebelaram contra o governo de Damasco e isto não significa que o governo sírio não tenha sido cruel mas se relaciona com o fato de que não houve insurgências curdas, muito em função do apoio dado ao PKK pelo governo.

O uso da água como instrumento de pressão, na década de 1980, contra o governo Sírio e, depois, na década de 1990, as ameaças ao governo em face da ajuda síria ao PKK foram decisivos para a prisão do líder Öcalan e como ataque para o PKK, principalmente na década de 1990. Assim a Turquia soube utilizar de seu poder político e diplomático para impedir a ação das milícias curdas nos países vizinhos. Por mais que o regime sírio tivesse permitido o estabelecimento do PKK em seu território e até certo ponto, apoiado duas ações contra a Turquia, o autor lembra que já na década de 1990, mais especificamente no verão de 1998 as forças de Assad cederam à pressão turca e expulsaram o líder curdo da região. Após este fato, Síria e Turquia realizaram uma série de acordos que visavam impedir a atuação do PKK na região. Deste modo, o PKK sempre foi um importante elemento de barganha no jogo político entre ambos Estados, principalmente no que tange à administração de água do Eufrates entre tais países. Vale lembrar que o "apoio" dado pelo governo Sírio ao PKK nunca foi para

contribuir à luta curda, mas, sim para desestabilizar a Turquia. Não pode-se nos esquecer de que em 1962 o governo Sírio negou a cidadania à centenas de curdos e, em face de seu projeto demográfico, desalojou incontáveis famílias atingindo as comunidades curdas na fronteira com a Turquia.

Segundo Sidki (2014) o nascimento do Conselho Nacional Curdo na Síria deu em 2011, foi fruto de uma Conferência Nacional realizada em Qamishli, no fim de julho. Nesta Conferência participaram cerca de 250 indivíduos sendo que a grande maioria não era de pessoas afiliadas a qualquer partido político. Somente 40% dos participantes faziam parte de um dos dez maiores Partidos do movimento tradicional curdo. O PYD participou das negociações, mas decidiu não fazer parte da Conferência em função da sua própria agenda.

Assim, foi criado o Conselho Nacional Curdo que se pronunciou a favor da construção de um Estado Sírio unificado, democrático e plural apoiando o movimento da juventude curda e demonstrando interesse em incentivar a criação de conselhos locais filiados ao Conselho Nacional da Síria, optando pela implementação de um modelo descentralizado. Após sua formação o Conselho Nacional fez uma série de visitas às regiões vizinhas onde contou com o apoio de Barzani, presidente do Curdistão iraquiano, quem apoiou a iniciativa.

Segundo o autor, isto pode significar que o movimento político curdo está numa posição bastante forte, quiçá a mais forte em toda a sua história. Entre o poder conquistado por Barzani e a atuação do Conselho Nacional na Síria, a balança de poder encontra-se favorável aos curdos permitindo a estes impor exigências ao Estado Sírio, barganhando mais poder entre as forças atuantes na região. Contudo, a proposta curda em Rojava vai de encontro de todo este jogo reformista de poder. A relação entre o PKK, PYD e estes Partidos não é de grandes amizades, mas, principalmente, de pragmatismo.

O Partido da União Democrática (PYD¹¹⁰) é oficializado em 2003 como um Partido político vinculado ao PKK.

O Conselho Nacional Curdo (KNC) foi criado em Erbil em outubro de 2011 patrocinado por Massoud Barzani, presidente do Curdistão Iraquiano. Está estreitamente vinculado à Guerra Civil síria fazendo parte da Coalizão Nacional das Forças de Oposição e Revolução Síria (CNFOR). Apesar das disputas e da forte oposição entre o PYD e o KNC em 2012 foi criado o Comitê Supremo Curdo (DBK¹¹¹) que nada mais é do que o nome que se dá ao governo existente no Curdistão Sírio formado pela união o Partido da União

¹¹⁰ *Partiya Yekîtiya Demokrat.*

¹¹¹ *Desteya Bilind a Kurd.*

Democrática (PYD) e o Conselho Nacional Curdo (KNC). Este conselho tem como braços armados as Unidades de Proteção populares¹¹², conhecidas por Unidade de Proteção das Mulheres (YPJ¹¹³) e Unidades de Proteção do Povo (YPG¹¹⁴). São milícias populares democráticas, mas já possuem Brigadas Internacionais que contam com apoio de combatentes do mundo todo. As YPG foram criadas no ano de 2004, enquanto que as YPJ foram criadas posteriormente, em 2014. O primeiro batalhão exclusivamente feminino em Rojava foi criado no dia 5 de março de 2013, em Arfin. O batalhão tem o nome de Martyr Ruken em honra à jovem mártir curda. É essencial destacar que há uma importante divisão entre os curdos, principalmente no que tem a ver com a relação entre Rojava e Erbil. Armanian (2015) lembra que os curdos do Iraque sofrem muito não só com as perseguições dos governos nacionalistas árabes, mas também, com os desmandos das famílias Barzani e Talabani que controlam a região e defendem interesses ocidentais na região¹¹⁵. Nesse sentido, não é incomum ouvir relatos das milícias das YPG e YPJ contando como os soldados curdos iraquianos, conhecidos *peshmerga*, deixam de atender a população quando é preciso e das vezes que estes fugiram do EI deixando pra trás populações locais, como os yazidis¹¹⁶, para serem massacrados pelos *jihadistas*. Aqui, não pode-se deixar de lembrar o massacre de Sinjar¹¹⁷, o 73º massacre yazidi, quando cerca de 200 mil pessoas tiveram que correr para as montanhas morrendo de frio, sede e fome porque os soldados iraquianos fugiram deixando pra trás a população completamente desprovida de armas ou qualquer defesa. Grande parte desta população foi salva pelas milícias da Rojava que invadiram território turco e formaram um corredor que permitiu que estas populações pudessem encontrar abrigo na Síria.

¹¹² Para saber mais sobre as Unidades de Proteção em Rojava: <<http://www.ypgrojava.com/en/>>. Acesso em 09 de outubro de 2015.

¹¹³ *Yekîneyên Parastina Jinê*.

¹¹⁴ *Yekîneyên Parastina Gel*.

¹¹⁵ Armanian define a Massoud Barzani como: “o presidente milionário da oligarquia engordada pela venda de petróleo e a ajuda do ocidente que abandonou a ideia de independência [do Curdistão iraquiano] porque agora está pensando em como evitar a destruição do seu feudo” (ARMANIAN, 2015).

¹¹⁶ Para compreender melhor o porquê da perseguição do EI aos Yazidis recomendamos a leitura do seguinte artigo: **Who are the Yazidis and why is Isis hunting them?** Disponível em: <<http://www.theguardian.com/world/2014/aug/07/who-yazidi-isis-iraq-religion-ethnicity-mountains>>. Acesso em 12 out. 2015.

¹¹⁷ Para saber mais sobre o massacre em Sinjar, recomendamos a leitura: <<http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/09/other-kurds-fighting-islamic-stat-2014928753566705.html>>. Acesso em 19 set. 2015.

O regulamento interno¹¹⁸ de ambas as Unidades é bastante semelhante, estabelecem que se organizam como forças de defesa em Rojava, no Curdistão Sírio. Seu objetivo principal é:

The YPG aims to protect the political and ethical society, it takes self-regulation as its basis - without discriminating between religion, language, nationality, gender, or political parties, in a harmony with democratic and national interests. The YPG shoulders self-defense as a duty in face of all kinds of attacks, foreign or domestic; YPG works for the freedom of all the peoples of Rojava (West Kurdistan). The YPG is struggling to achieve the freedom of all Syrian components, and organizes itself in West Kurdistan to stand in face of any external or internal intervention; YPG looks to the Self-Defense Project as a basic task. For that, the YPG, as a national military force, is not affiliated with any political power; in the context of defending the national interests, the YPG is subject to the decisions of the Supreme Kurdish Body¹¹⁹ (YPG Media Center¹²⁰, 2015).

A organização do YPG se dá desde o Comando General até sub-lideranças nos três cantões de Rojava: Al-Jazeera, Kobanê e Afrin, tendo reuniões anuais do Conselho Militar. Este Conselho Militar é formado por 55 membros que são responsáveis pelas ações das Unidades. O Comando Geral que é responsável pelos planos de ação provenientes do Conselho Militar e das ações diárias das Unidades. Finalmente, temos os Conselhos Militares Locais que estão vinculados diretamente à base e se reúnem a cada três meses. No caso das YPG, por serem Unidades mistas existem algumas regras (estabelecidas nos princípios do Confederalismo Democrático) que devem ser observadas:

- 1- Women in the People's Defense Units independently build their organization. In each region women associate 40 percent of the Defense Units.
- 2- Women's forces in the YPG conduct themselves as the main body to support and defend women in Rojava (Syrian Kurdistan).
- 3- Women's forces in the YPG are pioneers for the path to reach the objectives of the YPG; to provide the people with the protection they deserve.
- 4- Women's forces in the YPG are appointed and promoted by Women's Command¹²¹ (YPG Media Center, 2015)

¹¹⁸ YPJ HEADQUARTERS LEADERSHIP. **Women's Defense Units (YPJ) Internal System**. Disponível em: <<http://www.ypgrojava.com/en/index.php/ypj>>. Acesso em 09 de outubro de 2015.

¹¹⁹ O YPG visa proteger a sociedade política e ética, leva a autogestão como base sem discriminação de religião, idioma, nacionalidade, sexo ou partido político, em harmonia com os interesses democráticos e nacionais. O YPG levam a autodefesa como um dever em face de todos os tipos de ataques, estrangeiros ou nacionais trabalhando pela liberdade de todos os povos do Curdistão Sírio. O YPG está lutando para conseguir a liberdade de todos os componentes da Síria e se organiza do Curdistão Oeste para ficar à frente de qualquer intervenção externa ou interna. YPG olha para o projeto de autodefesa como uma tarefa básica. Para isso, como uma força nacional não é afiliado a qualquer poder político, no contexto de defesa dos interesses nacionais está sujeito as decisões do Comitê Supremo Curdo (DBK).

¹²⁰ YPG MEDIA CENTER – Disponível na página oficial da Unidade: <<http://www.ypgrojava.com/en/index.php/ypg>>. Acesso em 09 de outubro de 2015.

¹²¹ 1. As mulheres dentro das Unidades de Defesa do Povo podem construir suas organizações de forma independente. Em cada organização deverão formar 40% das Unidades de Defesa.

As Unidades do YPG se organizam em grupos (*tîm*) compostos entre três e cinco combatentes, pelotões (*taxim*), formados por dois times, blocos (*boluk*), que consistem em três times, batalhões (*tabur*), formados por três blocos e o comando provincial (*ayalat*) que formado pelas lideranças das brigadas.

De modo bastante semelhante e fundando os mesmos princípios da sua Unidade-irmã, a Unidade de Defesa das Mulheres (YPJ) estabelece que:

The YPJ struggles in the context of the Paradigm of Democratic, Ecological Society and Gender Freedom, all based on the Line of Legitimate Defense. The YPJ constitutes self-directed Units to stand against the attacks targeting society, women and our people's values, in order to expel authoritarian patriarchal systems and regimes who practice aggressive acts against people using religion, nationality and gender oppression. The Women's Defense Units, as the legitimate power of woman, carries out the struggle for women's freedom¹²² (YPJ - HEADQUARTES LEADERSHIP, 2015).

Ambas as Unidades (YPG/YPJ) estão organizadas em três seleções básicas as unidades contam com Força Profissional¹²³, Unidades de Resistência¹²⁴ e Forças Locais¹²⁵, tudo organizado dentro dos parâmetros estabelecidos pelo sistema do Confederalismo Democrático. Vale lembrar que o YPJ e YPG são forças complementares e o pertencimento à uma unidade significa, automaticamente à outra. Pode-se dizer que o YPJ é uma Unidade independente organizada de forma autônoma à sua irmã, YPG. Porém, ambas respondem aos mesmos princípios organizativos e logísticos em pé de igualdade. O sistema organizativo das YPJ está formado por grupos (de três a cinco combatentes), pelotões (mais de dois grupos), unidades (mais de dois pelotões) e batalhões (formado por duas unidades). Vale ressaltar que

2. As unidades femininas dentro do YPG devem serão o corpo principal para apoio e defesa das mulheres em Rojava (Curdistão Sírio).

3. As forças femininas do YPG são pioneiras no caminho da conquista dos objetivos do YPG; para fornecer às pessoas a proteção que merecem.

4. As forças femininas do YPG serão nomeadas e promovidas pelo Comando das Mulheres (tradução nossa).

¹²² O YPJ luta dentro doparadigma de uma sociedade democrática, ecológica e de liberdade de gênero, todos em baseados na linha da autodefesa. O YPJ constitui unidades autogeridas para à defesa frente aos ataques dirigidos contra a sociedade, as mulheres e os valores do nosso povo a fim de expulsar os sistemas patriarcais autoritários e regimes que praticam atos agressivos contra as pessoas usando a religião, nacionalidade e a opressão de gênero. As Unidades de defesa da mulher, com o poder legítimo da mulher, leva a cabo a luta pela liberdade das mulheres.

¹²³ Yekîneyên Profesioyonel.

¹²⁴ Yekîneyên Berxwedanê.

¹²⁵ Yekîneyên Herêmi.

a estratégia sempre será a da autodefesa. Outro elemento essencial que deve-se destacar é o da *crítica e autocrítica*. Isto significa que:

To focus on freedom values and democratic mentality, Criticism and Self-Criticism are very imperative in order to help members of the organization to get rid of their shortcomings. Similarly, every Combatant in the Women's Defense Units has a high responsibility to evaluate Criticism and Self-Criticism in all the meetings. Criticism and Self-Criticism are of a means of renewal and progress, and not to discredit the characters. The YPJ members are open to the both, initiate a progressive struggle to confront the capitalist system, they stand lookout in the face of all kinds of backwardness, advance themselves with an awareness of freedom philosophy¹²⁶(YPJ HEADQUARTES LEADERSHIP, 2015).

Sem dúvidas que são essas Unidades as responsáveis iniciais pela popularização da Revolução no ocidente, principalmente devido à imagem (muitas vezes desvirtuadas e sexualizadas) das mulheres revolucionárias fotografadas com suas armas em punho combatendo os *jihadistas* do Estado Islâmico. Vale lembrar que as Unidades de Proteção, especialmente as YPJ se consolidam no princípio da autodefesa. A comandante Kocabiçak (2014) lembra que a autodefesa não é apenas física, de proteção, mas também envolve a autodefesa contra todos os tipos de ataques advindos do sistema patriarcal, isto significa que ela pode plasmar-se em linhas econômicas, culturais e políticas, também. Este conceito da autodefesa está estreitamente vinculado ao conceito de resistência. Deste modo, o empoderamento feminino incentiva que estas mulheres se protejam econômica, social, legal e economicamente garantindo sua vida e sua liberdade tomando como estratégia, principalmente as comunas, assembleias e coletivos.

Deste modo, pode-se dizer que desde 2012 a região encontra-se controlada, de fato, pelas organizações políticas curdas (ABDULLAZADA, 2012). Foi no ano de 2012 que as primeiras regiões começaram a se declararem autônomas no norte da Síria, poucos meses depois de ter estourado à guerra civil. Armanian (2015) lembra que a declaração de autonomia, incentivada pelo PYD no norte da Síria (Rojava) teve o conhecimento de Assad quem cedeu o controle dessa região com o objetivo de dividir e debilitar a oposição, principalmente o Conselho Nacional da Síria (CNS) e desestabilizar a Turquia. Vale lembrar

¹²⁶ Para se concentrar nos valores da liberdade e mentalidade democrática, a crítica e a autocrítica são um imperativo à fim de ajudar os membros da organização à se livrarem de suas deficiências. Da mesma forma, cada combatente da Unidades de Defesa das Mulheres tem grandes responsabilidades para realizar a crítica e autocrítica em todas as reuniões. A crítica e a autocrítica são um meio de renovação e progresso e não para desacreditar os membros. Os membros do YPJ estão abertas para ambos, iniciar uma luta progressista para enfrentar o sistema capitalista, estão em vigia em face de todos os tipos de atraso, avançando com a consciência da liberdade.

que Recep Tayyip Erdogan, além de presidente da Turquia, é um dos patrocinadores do CNS e ambos se declaram contra qualquer garantia de direitos à população curda, seja a Turquia ou na Síria pós-Assad.

Assim, em 2012 surge um novo corpo político na região, ocupando o vácuo deixado pelo Estado Sírio. O "Movimento da Sociedade Democrática" foi estabelecido para facilitar a implementação de uma estrutura de governo autônoma. O TEV-Dem (*Tevgera Civaka Demokratîk*¹²⁷) é uma coalizão política que governa sob o modelo do Confederalismo Democrático nas zonas autônomas de Rojava. Foi no contexto da guerra civil síria, que começou em 2011, que esta coalizão surgiu. Sendo assim, sob o amparo do PYD e do PKK as populações do Curdistão Sírio se organizaram e formaram o TEV-Dem que organizou politicamente a região em face da lacuna deixada pela retirada do governo sírio da região e para evitar que fosse instaurado o caos. Por ser uma coalização popular seu programa político é muito aberto, amplo e inclusivo. Formam parte deste modelo populações curdas, sírias, armênias, chechenas, muçulmanos, cristãos e yazidis. Sua organização se dá aos moldes do Confederalismo Democrático, como foi dito anteriormente, implementado um forte sistema de conselhos e comunas que deliberam sobre as demandas locais sempre numa estrutura de democracia radical de base. Para Zaher Baher o TEV-Dem é considerado o órgão de maior sucesso em Rojava, sendo capaz de coordenar e gerenciar as necessidades dessas populações de forma harmoniosa e democrática (BAHER, 2014). "The TEV-DEM set out to organize society in different working groups, committees and people's assemblies, each focusing on specific fields such as women's issues, the economy, environment, defense, civil society and education, and more¹²⁸" (LEVERINK, 2015).

Na medida em que o TEV-Dem foi ganhando popularidade e se consolidando como governo autônomo em Rojava foi decidido que serão implementados dois modelos dentro do sistema de Rojava: o da autoadministração democrática (DSA) e o do autogerenciamento democrático (DSM) (BAHER, 2014). Assim, em janeiro de 2014 as pessoas elegeram seu próprio DSA, implementado as chamadas Casa do Povo em todas as cidades, vilarejos e distritos dos três cantões. Explicaremos com mais detalhes sobre a organização e formação destas instituições no capítulo correspondente à Revolução.

¹²⁷ Movimento por uma Sociedade Democrática.

¹²⁸ O TEV-Dem começou a organizar a sociedade em diferentes grupos de trabalho, comissões e assembleias populares, cada um com um foco em uma área específica como as questões das mulheres, a economia, meio ambiente, defesa, sociedade civil, educação e outros (tradução nossa).

Deve-se salientar que em Rojava atuam várias instituições políticas que se complementam, interagem e formam parte de um mesmo movimento ideológico compartilhando similaridades muito importantes. Nesse sentido, vê-se que o TEV-Dem atua direta e conjuntamente com o PYD quem se denomina como partido-irmão do PKK. Do mesmo modo, temos que destacar que existe um grande antagonismo entre os partidos e instituições curdas de Rojava e as forças atuantes no Iraque. Como foi mencionado anteriormente o modelo político levado adiante pela família Barzani é bastante conflituoso e tem uma longa história de hostilidades com o PKK. O KDP (*Partiya Demokrat a Kurdistanê*¹²⁹), fundado em 1946 por Mustafa Barzani, hoje presidido pelo seu filho, Masoud Barzani, tem um longo trajeto de desconfianças e hostilidades com os processo revolucionário curdo na Turquia. Com o modelo de Rojava não é diferente. Barzani teme a influência e o impacto que a revolução em Rojava possa ter para à população que está sob seu controle no Curdistão Iraquiano, muito em face de seu modelo autoritarista, centralizador e fortemente vinculado aos interesses ocidentais. Na década de 1990 enfrentaram uma guerra civil em Bashur¹³⁰ enfrentando PUK (*Yekêtiy Nîştîmaniy Kurdistan*¹³¹), KDP e PKK. Atualmente o PKK e o PUK são aliados, mas o KDP tem muitos laços comerciais com a Turquia e o AKP. Assim, como afirma Taştekin (2014) as trincheiras que dividem curdos, sírios e iraquianos vão muito além das fronteiras e dos campos de combate, mas são reflexo do complexo jogo de poder entre os partidos e movimentos sociais na região. A decisão do KRG (*Hikûmetî Herêmi Kurdistan*¹³²), sob a liderança de Massoud Barzani, de cavar uma cova entre Rojava e Bashur não é de causar espanto, e é de grande importância ser analisada para a compreensão das forças de poder que agem na região. Estas trincheiras não só refletem as diferenças dos interesses econômicos e políticos, mas, sobretudo, as diferenças ideológicas de ambas as regiões (TAŞTEKIN, 2014).

No dia 16 de fevereiro de 2015 o TEV-Dem publicou uma nota¹³³ que narra o processo revolucionário em Rojava e explica, de maneira genérica, o funcionamento e organização política da região. Entre diversos aspectos, explicam que desde a antiguidade da região

¹²⁹ Partido Democrático do Curdistão [Iraqiano].

¹³⁰ O Curdistão encontra-se dividido em quatro regiões: Rojava (Curdistão Sírio), Basur (Curdistão Iraquiano), Rojhilat (Curdistão Iraquiano) e Bakur (Curdistão turco).

¹³¹ União Patriótica do Curdistão [Iraqiano].

¹³² Governo Regional do Curdistão [Iraqiano].

¹³³ TEV-Dem. **The Project of a Democratic Syria.** Disponível em: <<https://rojavarreport.wordpress.com/2015/05/03/the-project-of-a-democratic-syria/>>. Acesso em 14 out. 2015.

diferentes povos conviveram de forma harmoniosa e comunal. Foi durante esse tempo que foi alcançado um dos maiores feitos da humanidade: a revolução agrícola. Para tanto, para que possam ser compreendidos os problemas que assolam a síria e que impedem um convívio democrático e harmônico entre a pluralidade de nações e povos que habitam essa região se faz necessário o desenvolvimento de um modelo real de democracia.

Finalmente, vale destacar que as Unidades do YPJ e do YPG respondem diretamente às determinações do TEV-Dem. De igual modo, temos a atuação dos Asaysh que são unidades mistas de proteção das áreas de fronteira. Foram criadas em 2012 e se encarregam da organização da segurança oficial em Rojava. Nesta organização há uma unidade especial para tratar com problemas vinculados à violência contra a mulher como estupros e violência doméstica.

Há muitas contradições que devem ser consideradas para compreender um pouco mais o complexo jogo de forças e interesses na região. Há importantes diferenças internas entre os curdos. Por um lado temos Barzani no Iraque e PYD na Síria que contam com o apoio dos EUA enquanto que o PKK ainda é considerado entre os grupos terroristas sendo que todos esses grupos estão em busca de autonomia. O PKK e o PYD lutam contra o sistema capitalista, em busca de um modelo fora dos padrões do Estado-nação. Por outro lado, temos Barzani quem ainda luta por um Estado e suas demandas estão dentro dos limites do capitalismo. Há grandes diferenças ideológicas entre ambos os grupos.

3 O CONFEDERALISMO DEMOCRÁTICO

Neste capítulo aborda-se o modelo social e político chamado Confederalismo Democrático. Este modelo surge como uma terceira via, uma alternativa inovadora que propõem repensar as relações sociais, políticas e econômicas dos indivíduos em sociedade. Neste sentido, vale destacar que tal conceito em nada se assemelha ao modelo que, dentro da teoria política é associado a socialdemocracia e que representa algo completamente fora da lógica apresentada neste trabalho. Sendo assim, para fins desta pesquisa, o termo “terceira via” faz referência a que o Confederalismo Democrático constitui uma opção alternativa aos modelos apresentados na região, sendo uma resposta independente às que são apresentadas dentro da lógica de poder tradicional.

Inspirado em Wallerstein e Bookchin, Öcalan entra num processo de profunda pesquisa e ressignificação da ideologia promovida pelo PKK. Somado a isso, as mudanças sociais dadas pelos militantes do Partido incentivam o debate e incitam à reformulação das bases teóricas do movimento traçando novos objetivos e desenvolvendo uma nova estratégia de luta. De igual modo, a emergência dos debates do feminismo pós-colonial e da necessidade de se repensar o papel da mulher dentro do processo revolucionário faz com que o Confederalismo Democrático surgisse em um contexto de maior abertura desses assuntos e, mais do que isso, representando uma alternativa autônoma e necessária em meio à ressignificação da ideologia do PKK.

3.1 Estrutura geral

O Confederalismo Democrático surge como via alternativa, social e política, para o Oriente Médio em contraste com o modelo de nacionalismo árabe (representado pelo Nasserismo no Egito) e o chamado Islã político, com as suas duas vertentes: a revolução islâmica no Irã e a monarquia sunita na Arábia Saudita (DOGAN, 2015). É uma teoria que nasce no seio do movimento de libertação curda, dentro do PKK, nas reflexões de seu líder, Abdullah Öcalan, e constitui uma nova forma de se fazer política. É um movimento de esquerda que conserva muito dos elementos ideológicos anteriores do Partido, mas que rompe com tal ideologia criando um movimento novo, dinâmico e que presa a democracia radical de base como elemento essencial.

Oficialmente, tem seu marco histórico definido em 20 de março de 2005 em um pronunciamento¹³⁴ de seu criador como alternativa para a resolução dos graves problemas que assolam o Oriente Médio, especialmente os povos apátridas ou marginalizados pelo sistema de Estado-nação. Tal modelo constitui o projeto elaborado para ser seguido por todos os partidos e coletivos que se encontram agrupados à KCK. Como foi mencionado anteriormente, o desenvolvimento de tal teoria representa a mudança no pensamento de Öcalan e da maturação de ideias entre os líderes do PKK que, até antes do desenvolvimento de tal modelo democrático mantinham uma perspectiva marxista-leninista em busca da criação do Estado Curdo (Curdistão) por meio da união das suas quatro partes. Com o desenvolvimento do Confederalismo Democrático readequaram sua visão em concordância com teóricos anarquistas, especialmente Murray Bookchin e, mantiveram o alinhamento com as estruturas teóricas criadas por Immanuel Wallerstein, evoluindo seu pensamento a um modelo socialista de influencia libertária. Pode-se dizer que o Confederalismo Democrático é um modelo social e político que reflete um modelo de socialismo libertário¹³⁵ que repousa sobre os conceitos de uma economia democrática, inclusiva, comunal e ecológica. Öcalan estabelece cinco princípios para este modelo. São eles: O direito à autodeterminação dos povos, seja por meio de um Estado independente ou por meio do Confederalismo Democrático (para aqueles povos oprimidos que não tem a chance de serem independentes); é um paradigma social não estatal, sendo um projeto organizacional e cultural de uma nação democrática; encontra-se embasado na participação de base, ou seja, o poder de decisão básico se sustenta sobre instituições locais e radicalmente democráticas; a democracia não pode ser imposta dentro de um sistema capitalista ou onde atuem poderes imperiais porque estes ferem o ideal democrático; finalmente, o confederalismo democrático é um movimento antinacionalista, ou seja, sua meta não é a formação de um Estado curdo. O movimento pretende estabelecer um modelo federalista que reúna as quatro partes do Curdistão localizadas entre o Irã, Síria, Turquia e Iraque, em uma só confederação guarda-chuva (ÖCALAN, 2012, p. 33-34).

De modo mais preciso, o líder curdo descreve sua teoria como:

Este tipo de autoridad o administración puede ser llamada administración política no estatal o democracia sin Estado. Los procesos de toma de decisión democráticos no deben ser confundidos con los procesos conocidos de la administración pública. Los

¹³⁴ “Al pueblo Curdo y a la comunidad internacional”.

¹³⁵ Entende-se por socialismo libertário a corrente de pensamento político-filosófica que faz parte do anarquismo em que é idealizada uma sociedade livre de hierarquias coercitivas e poder centralizado. Autores como Chomsky (2007) ou Ostergaard (2006) utilizam o termo como sinônimo do anarquismo social.

Estados solo administran mientras que las democracias gobiernan. Los Estados están fundados en el poder, las democracias están basadas en el consenso colectivo. El mandato en el Estado está determinado por decreto, aunque puede en parte ser legitimado a través de elecciones. Las democracias usan elecciones directas. El Estado usa la coerción como medio legítimo. Las democracias se apoyan sobre la participación voluntaria.

El Confederalismo Democrático está abierto a otros grupos y facciones políticas. Es flexible, multi-cultural, anti-monopólico, y orientado hacia el consenso. La ecología y el feminismo son pilares centrales.

En el marco de este tipo de auto-administración, una economía alternativa se vuelve algo necesario, lo que incrementa los recursos de la sociedad en lugar de explotarlos y así hace justicia a las múltiples necesidades de la sociedad¹³⁶ (ÖCALAN, 2012, p. 21).

De igual modo, é descrito pelo Partido como:

Democratic Confederalism is the democratic order of the Kurdish people who accomplished a democratic revolution. It is an order that allows people to elicit their strength in all levels. It is an order that recreates the communal democratic values of our people existing in our people's history in a modern form. In order to establish such a social order, starting from today, our people have to establish a free-democratic life through creating their communes in villages, neighborhoods and factories. By establishing communes, assemblies and municipalities, democratic confederalism would reduce the dominance of states' power in Kurdistan and make the states more sensitive to democracy¹³⁷ (PKK, 2005 apud YARKIN, 2015).

Portanto, percebe-se claramente a rejeição ao modelo de Estado-nação que organiza o atual sistema internacional expondo uma nova alternativa democrática que vê na autogestão a solução para as desigualdades que emergem no o atual sistema. Por mais que o próprio Öcalan saiba que a superação do modelo estadocêntrico seja um grande desafio (que provavelmente não seja possível superar), percebe que, por meio do Confederalismo e da autonomia democrática, emergem ferramentas que tornarão possível a mudança em vários aspectos sociais, econômicos e políticos. Por meio da organização radical de base, será possível contornar o

¹³⁶ Este tipo de autoridade ou administração pode ser chamada de administração política não estatal o democracia sem Estado. Os processos de tomada de decisão democráticos não devem ser confundidos com os processos conhecidos na administração pública. Os Estados só administram enquanto que as democracias governam. Os Estados estão fundados no poder, as democracias estão embasadas no consenso coletivo. O mandato do Estado está determinado por decreto, por mais que possa ser legitimado, em parte, pelas eleições. As democracias usam as eleições diretas. O Estado usa a coerção como meio legítimo. As democracias se apoiam sobre a participação voluntária. O Confederalismo Democrático está aberto aos outros grupos y facções políticas. É flexível, multicultural, antimonopólio e orientado ao consenso. A ecologia e o feminismo são os pilares centrais (tradução nossa).

¹³⁷ O Confederalismo Democrático é a ordem democrática do povo curdo, que realizou uma revolução democrática. É uma ordem que permite que as pessoas possam obter força em todos os níveis. É uma ordem que recria os valores democráticos comuna de nossos povos existentes na história das nossas pessoas de uma forma moderna. A fim de estabelecer uma vida livre em democracia por meio da criação de comunas em vilas, bairros e fábricas. Ao estabelecer comunas, assembleias e municípios, o Confederalismo Democrático irá reduzir a centralidade do poder pelos Estados no Curdistão e fará os Estados mais sensíveis à democracia (tradução nossa).

poder absoluto dos Estados, nem que para isso seja necessária uma resposta militarizada frente às forças que buscarão manter seu poder. Para o líder curdo o Estado-nação está diretamente vinculado com a ideia de nacionalismo (que tem suas bases na homogeneização), positivismo das ciências, sexismo e ao capitalismo (ÖCALAN, 2012, p. 16). Para este autor, os Estados jamais representam os interesses da população, de seu povo, mas encontram-se vinculados estreitamente aos interesses das elites dominantes e da burguesia. Neste sentido, lembra-se que ao fazermos uma análise puramente considerando as classes sociais como eixo das relações políticas e econômicas, como propõem o marxismo, não consegue-se chegar ao Confederalismo Democrático. Segundo Halliday:

A centralidade das classes como ferramenta analítica tem duas consequências imediatas para as relações internacionais. Primeiro, investe os principais conflitos da política internacional de um caráter socioeconômico. (...). Muitas das disputas que marcaram a história do século XX se tornaram disputas interimperialistas e intercapitalistas, indo além de suas características nacionais, geográficas e históricas (...) (sic) (HALLIDAY, 2007, p. 76).

Portanto, é essencial considerar a luta de classes como eixo central do movimento, mas sem deixar de considerar, de forma mais profunda, as relações sexistas que se dão em forma mais profunda, desenvolvidas no seio da luta entre as classes.

Outro dos pilares que sustenta o modelo do Confederalismo Democrático (além da já mencionada democracia radical de base) é o anticapitalismo, verificado por meio de uma reestruturação e redistribuição dos recursos econômicos da sociedade. Assim, estabelece que uma das bases produtivas desta nova sociedade deve ser o anticapitalismo. Wallerstein (2001) adverte que o capitalismo é mais do que um modo de produção, é um sistema social e histórico que está pautado pelo objetivo central da acumulação de riqueza, ou seja, a concentração do capital. Contudo, em sua análise voltada ao capitalismo histórico, conclui que é mais do que apenas a concentração de bens materiais, mas o complexo sistema de “acumulação dos resultados do trabalho passados, ainda não consumidos (...) tendo [a acumulação] como intenção primordial” (WALLERSTEIN, 2001, p. 13). Wallerstein (2001) defende a ideia de movimentos antisistêmicos tem uma profunda vinculação com os conceitos de sistema-mundo e capital sistêmico. Para ele as manifestações antisistêmicas são resultados do aprofundamento das contradições, ampliando ainda mais as tensões. Deste modo, surgem vários movimentos em todo o mundo que buscam questionar estas contradições que tem como principal objetivo o combate à hegemonia, ao movimento neoliberal e contra o capital, o que já explicamos anteriormente. Obviamente, os movimentos surgidos na década de 1970 são

completamente diferentes dos que emergem com o fim da guerra-fria e, sobretudo na virada do milênio. Essas transformações são altamente perceptíveis nas mudanças ideológicas do PKK, elencadas anteriormente, bem como na transformação radical da atuação das guerrilhas.

Deste modo, reafirmando o dito, Carvalho afirma que há uma “ressignificação dos movimentos sociais que acompanha todas as tentativas teóricas para analisar estes movimentos sobre duas características distintas: (...) uma visão antissistêmica e uma visão de um estilo habermasiano (...)” (CARVALHO, 2008, p. 157). Wallerstein (1988) destaca a essencialidade de se compreender o papel da acumulação de capital na consolidação do sistema-mundo e, frete a isto, a formação dos movimentos antisistêmicos. Assim, o sistema-mundo atual é composto por uma economia-mundo que age conjuntamente com a estrutura política, sendo inseparáveis. Deste modo, o autor sugere que é essencial que ocorra uma mudança sistemática sendo necessária uma estratégia radical. É, justamente, neste sentido, que a Öcalan percebe que, ao contrário do que Wallerstein afirma, de que a mudança deve ser dada pela luta de classes, o líder curdo aposta na emancipação das mulheres e na destruição do patriarcado como base essencial para a transformação desse sistema.

Partindo das análises propostas por este autor e, inspirado no conceito de ecologia social de Bookchin, Öcalan propõem a constituição de uma sociedade ecológica que tenha como base o contato consciente e harmonioso com a natureza.

Un modelo de sociedad ecológico es por esencia un modelo socialista. Un equilibrio ecológico solamente será posible con el paso de una sociedad alienada basada en el despotismo, a una sociedad socialista. Sería iluso creer que la preservación del medio ambiente es compatible con el sistema capitalista. Al contrario, el sistema capitalista contribuye ávidamente a la devastación del medio ambiente. Debe tenerse seriamente en cuenta la protección ecológica en el proceso de cambio social¹³⁸ (ÖCALAN, 2008, p. 35).

Continua, destacando que:

Una economía próxima a la población debería basarse en el principio de redistribución; debería estar orientada a la obtención de beneficios sociales en lugar de basarse exclusivamente en la acumulación de riquezas y la sobreproducción. Las estructuras económicas actuales no solo deterioran la sociedad, sino también el medio ambiente. Una de las principales razones del deterioro de la sociedad se encuentra en

¹³⁸ Um modelo de sociedade ecológica é por essência um modelo socialista. O equilíbrio ecológico só será possível ao passo de uma sociedade com a superação de uma sociedade alienada embasada no despotismo à uma sociedade socialista. Seria ilusão acreditar que a preservação do meio ambiente seja compatível com o sistema capitalista. O contrário, o sistema capitalista contribui avidamente para a devastação do meio ambiente. Deve-se levar em conta, seriamente, a proteção ecológica no processo de mudança social (tradução nossa).

los efectos nocivos de los mercados financieros. La producción de necesidades artificiales, la búsqueda interminable de nuevos mercados de consumo y la codicia sin límites de beneficios cada vez mayores son los responsables de la diferencia cada vez más abismal entre pobres y ricos, hinchando a diario el batallón de los que viven bajo el umbral de la pobreza o incluso de los que pasan hambre. Una política económica de este tipo no se puede tolerar ya más. Este es entonces el mayor desafío del proyecto socialista: implementar una política económica alternativa que no aspire únicamente al beneficio por el beneficio, sino a una distribución justa de los recursos y a la plena satisfacción de las necesidades básicas del conjunto de la sociedad¹³⁹ (ÖCALAN, 2008, p. 36).

Como havia-se falado anteriormente o Confederalismo Democrático compartilha suas bases com o modelo de municipalismo criado por Bookchin, ambos os modelos se apresentam como para uma proposta anticapitalista e ecologista que serve de base produtiva para o novo modelo democrático. Para o líder curdo “las cooperativas comunales en la agricultura pero también en la economía del agua y del sector energético se ofrecen como formas ideales de producción¹⁴⁰” (ÖCALAN, 2012, p. 38).

Conjuntamente com a ideia de municipalismo libertário¹⁴¹, afirma que “uma sociedade ecológica deve ser não hierárquica e sem classes, deve eliminar mesmo o conceito de dominação da natureza” (BOOKCHIN, 2010, p.23). Estes conceitos vão ao encontro do eco-anarquismo proposto por Piotr Kropotkin que, em 1902, já propunha um sistema de mutualismo e cooperação entre homem e natureza expondo que:

[...] O fator da ajuda mútua foi totalmente ignorado até agora, ou simplesmente negado, ou mesmo transformado em objeto de escárnio de escritores das gerações presentes e passadas. Por isso é necessário mostrar, antes de mais nada, a importância do papel que esse fator desempenha na evolução, tanto no mundo animal quanto nas sociedades humanas. (KROPOTKIN, 2009, p. 232).

¹³⁹ Uma economia próxima da população deveria basear-se no princípio da redistribuição; deveria estar orientada à obtenção de benefícios sociais em lugar de embasar-se exclusivamente na acumulação de riquezas e na superprodução. As estruturas econômicas atuais não só deterioram a sociedade, mas também o meio ambiente. Uma das principais razões da deterioração da sociedade se encontra nos efeitos nocivos dos mercados financeiros. A produção de necessidades artificiais, a busca interminável de novos mercados de consumo e a cobiça sem limites de benefícios cada vez maiores som responsáveis da desigualdade cada vez maior entre pobres e ricos, inchando, diariamente, o batalhão dos que vivem por debaixo da linha da pobreza ou inclusive dos que passam fome. Uma política econômica de esse tipo não se pode tolerar. Este é o maior desafio do projeto socialista: implementar uma política econômica alternativa que não aspire unicamente ao benefício pelo benefício mas a uma distribuição justa dos recursos e a plena satisfação das necessidades do conjunto da sociedade (tradução nossa).

¹⁴⁰ As cooperativas comunais na agricultura e, também, na economia da água e do setor energético se oferecem como formas ideais de produção (tradução nossa).

¹⁴¹ Bookchin (1991).

De igual modo, ainda sob as bases da luta anticapitalista, a teoria do Confederalismo Democrático faz uso do pensamento de Wallerstein principalmente no que diz respeito à sua análise do sistema capitalista e o modo de ação dos chamados movimentos antisistêmicos (socialistas e nacionalistas) conformando uma base importante à teoria do movimento de libertação curdo. Para Öcalan, a sociedade é:

Society, as I understand it, is a conscious community formed by a variable number of tool-using human beings, performing work towards a common purpose. [...] Their living together requires that they produce their goods together and care for their safety together. Hence, they need a common consciousness. [...] According to this interpretation, societies passed through several stages of development from smaller formations to today's mass societies¹⁴² (ÖCALAN, 2011, srp).

Pode-se notar que o elemento comunitário de ajuda mútua se encontra fortemente presente na constituição do modelo ideológico do Partido. Neste sentido, continuando sobre a análise da ajuda mútua de Kropotkin lembra-se que:

O ser humano não é exceção na natureza. Ele também está sujeito ao grande princípio da ajuda mútua, que garante àqueles que mais se apoiam uns aos outros as melhores possibilidades de sobrevivência. (...). A tendência do ser humano à ajuda mútua tem uma origem tão remota e está tão profundamente entrelaçada à toda a evolução de nossa espécie que foi conservada por esta até o presente, apesar de todas as vicissitudes da História. Evoluiu principalmente durante períodos de paz e prosperidade; mas, quando as grandes calamidades assolavam os homens – países inteiros devastados por guerras e populações inteiras dizimadas pela miséria, ou sob o jugo da tirania –, essa mesma tendência continuou existindo nas aldeias e entre as classes mais pobres das cidades. [...]. E toda vez que a humanidade teve de construir uma nova organização social, adaptada a uma nova fase de desenvolvimento, seu gênio construtivo sempre tirou os elementos e a inspiração para o recomeço dessa mesma tendência perene (KROPOTKIN, 2009, p.100, 179).

Outro elemento essencial para a compreensão do Confederalismo Democrático é a luta pela libertação da mulher. Para Öcalan é essencial que as mulheres façam parte ativamente do movimento, especialmente em sua constituição e aplicação. Por meio de uma reflexão crítica sobre a origem da propriedade privada e do desenvolvimento do capitalismo foi percebido que não poderia haver uma resistência efetiva rente à estas estruturas sem que houvesse uma análise mais profunda sobre a formação social e econômica das sociedades. As chamadas unidades

¹⁴² Sociedade, eu a entendo, como uma comunidade consciente de indivíduos formado por um numero variável de humanos que usam ferramentas, que realizam trabalhos em busca de um propósito comum. (...) Sua convivência requer que sua produção seja conjunta e que cuidem de sua segurança de forma coletiva. Por tanto, necessitam una consciência comum. De acordo com esta interpretação, as sociedades passam por vários estágios de desenvolvimento desde as formações menores até as sociedades de massas dos dias de hoje (tradução nossa).

domiciliares são estruturas sociais criadas por indivíduos que partilham um fundo comum de renda corrente e capital acumulado, afirma Wallerstein (2001). Continua explicando que:

Foi no contexto dessa estrutura domiciliar que a distinção social entre trabalho produtivo e improdutivo começou a ser imposta às classes trabalhadoras. O trabalho produtivo passou a ser definido como aquele que recebe remuneração em dinheiro (principalmente, o trabalho assalariado) e o não produtivo como aquele que, embora necessário, constitui uma atividade de mera “subsistência”, sem produzir “excedente” que possa ser apropriado por alguém. (...). O trabalho produtivo (assalariado) se tornou tarefa principalmente do homem/pai adulto e secundariamente de outros homens adultos mais jovens. O trabalho não produtivo (de subsistência) se tornou tarefa principalmente da mulher/mãe adulta e secundariamente de outras mulheres, além das crianças e idosos. O trabalho produtivo era feito fora da unidade domiciliar, no “local de trabalho”. O trabalho não produtivo era feito dentro da unidade familiar (WALLERSTEIN, 2001, p. 23).

O que o autor quer dizer, é aquilo que o movimento feminista reclama há muito tempo. Jamais haverá uma efetiva luta socialista e anticapitalista enquanto não for considerada e repensada a divisão sexual do trabalho e, mais do que isso, o sistema patriarcal.

Nesse sentido foi a partir de 1997, quando a União das Mulheres Patrióticas do Curdistão alinhou-se com o PKK, que as mulheres se tornaram essenciais à resistência Curda. Dilar Dirik, ativista e pesquisadora da resistência Curda no ocidente expressa que o movimento não se opõe somente à estrutura do Estado, mas à sua função reprodutora do modelo patriarcal¹⁴³. Num contexto de guerra e de opressão social o Movimento de Mulheres Curdas emerge em meio do Movimento de Libertação Nacional trazendo consigo a necessidade de readequação de conceitos tratados pelo PKK e por Öcalan. Para Dirik (2014), o primeiro passo desse processo foi a mudança na percepção do conceito de ‘nacionalismo’ porque, para ela, o nacionalismo é sempre a preservação do patriarcado. Sob o conceito tradicional, as mulheres são vistas como as reprodutoras biológicas e culturais da respeitada ‘nação’, conceito igualmente masculinizado. Assim, reafirma a ideia de que libertação sem transformação social não causa mudança alguma na vida das pessoas envolvidas no movimento. Desse modo, o Movimento de mulheres Curdas constituiu uma organização autônoma e autogestionada que desenvolve os conceitos e projetos constituintes do Confederalismo Democrático. Contudo, é um movimento vinculado diretamente ao Movimento de Libertação Nacional Curdo, alinhado

¹⁴³ O patriarcado surge conjuntamente com a acumulação de excedentes. Com a sedentarização dos povos, a domesticação de animais e acumulação de excedentes foi dando-se a divisão sexual do trabalho, os homens ficaram encarregados da alimentação enquanto que as mulheres assumiam as tarefas reprodutivas. Nessa transição o controle econômico passa às mãos dos homens e surge o que chamamos de sistema patriarcal que se consolida, efetivamente, com o advento da propriedade privada e os direitos de herança.

ao PKK. Assim, é esse movimento que garante que os direitos das mulheres não sejam comprometidos nem esquecidos após a conquista de um novo modelo social. Desse modo, “a libertação das mulheres é um princípio central para um real entendimento de democracia e liberdade” (DIRIK, 2014). Pouco tempo depois, foram fundadas algumas instituições feministas de participação exclusivamente feminina como, por exemplo, a Comunidade de mulheres curdas (KJK) e a Yekîtiya Star, em Rojava, que recentemente lançou a *Asoya Jinê*, revista que expõe a perspectiva feminina de todos os acontecimentos da região. A organização Yekitiya Star organizou secretamente seu segundo congresso em Qamislo em 2007 e em Alepo no ano seguinte. Somente em 2011 elas deixaram de se organizar secretamente e promoveram a construção de conselhos de mulheres em cidades Sírias como Damasco, Aleppo, Rakka e Haseki (FIRAT NEWS, 2013).

Portanto, aponta Öcalan que:

Um dos fatores que resultaram na queda do real-socialismo foi a maneira como os países socialistas utilizaram seu poder interna e externamente, assim como sua concepção errônea da importância da questão do gênero. Mulher e poder parecem, segundo esta ideologia, conceitos quase contraditórios. A questão dos direitos da mulher foi relativamente renegada por regimes socialistas; afirmava-se que esta questão seria resolvida automaticamente uma vez solucionados os problemas econômicos e outros problemas sociais. As mulheres, porém, podem ser consideradas como uma classe ou uma nação oprimida: um gênero oprimido. Enquanto a liberdade e os direitos da mulher não forem discutidos em um contexto histórico e social, enquanto uma teoria adequada não for formulada, tampouco existirá prática adequada. Em vista disso, a liberdade e os direitos da mulher devem constituir uma parte estratégica da luta pela liberdade e democracia no Curdistão (ÖCALAN, 2008, p.33)

Sendo assim, a busca pela igualdade entre homens e mulheres, implementada por meio do movimento de mulheres em suas assembleias, conselhos e participando ativamente de todos os setores políticos e deliberativos, passa a ser um dos pilares essenciais da revolução, constituindo um dos maiores destaques e cooptando a atenção internacional para as mudanças implementadas em Rojava. A questão da emancipação da mulher é tão importante dentro da resistência curda que foi cunhado um termo para fazer referência ao novo paradigma científico embasado totalmente na ótica feminina. A *Jineology* faz referência à criação de um paradigma feminino (ou ciência da mulher) e consolida suas análises científicas sobre a base de que as atuais estruturas do conhecimento estão radicadas nas relações desiguais de poder. Em uma sociedade patriarcal a divisão do poder favorecerá sempre à visão masculina. É sob essa ótica, masculina e patriarcal que a ciência é cunhada e que a história é contada. Sendo assim, nada mais justo do que repensar as estruturas científicas existentes, permitindo que as bases do patriarcado sejam derrubadas por meio da produção de conhecimento. Deste modo, “un

nacionalismo tribal religiosamente motivado junto a una sociedad patriarcal sexista impregnan todas las áreas de la sociedad, resultando en un conservadorismo distintivo y una obediencia servil¹⁴⁴” (ÖCALAN, 2012, p. 36). Nesse sentido, afirma Eirik Eiglad que:

Of particular importance is the need to combine the insights from progressive feminist and ecological movements together with new urban movements and citizens’ initiatives, as well as trade unions and local cooperatives and collectives ... We believe that communalist ideas of an assembly-based democracy will contribute to making this progressive exchange of ideas possible on a more permanent basis, and with more direct political consequences. Still, communalism is not just a tactical way of uniting these radical movements. Our call for a municipal democracy is an attempt to bring reason and ethics to the forefront of public discussions¹⁴⁵ (EIGALD, 2012).

Portanto, o Confederalismo Democrático é um modelo social e político que procura ser uma alternativa que evite a armadilha do nacionalismo e se ajuste melhor à situação do Oriente Médio (ÖCALAN, 2012, p. 08). Com base na diversidade, promove a multiculturalidade e a formação de uma comunidade libertária que respeite todos os grupos étnicos e religiosos que habitem dentro desse sistema garantindo espaço em que o poder não esteja condensado em estruturas distantes das bases nem em estruturas monolíticas ou homogêneas. Assim, todos estes grupos sociais podem – e devem – participar ativamente da construção e administração das entidades de poder expressando suas necessidades e desejos por meio de reuniões, assembleias e conselhos.

Finalmente, Öcalan destaca o papel da autodefesa nesta construção democrática.

La autodefensa de una sociedad no está limitada a su sola dimensión militar. También presupone la preservación de su identidad, de su propia conciencia política y de un proceso de democratización. Solo entonces podrá haber autodefensa. En este contexto, el Confederalismo Democrático puede ser denominado como un sistema de autodefensa de la sociedad. Únicamente con la ayuda de las redes confederadas puede haber una base para oponerse a la dominación global de monopolios y al militarismo del Estado-nación¹⁴⁶ (ÖCALAN, 2012, p. 28 - 29).

¹⁴⁴ Um nacionalismo tribal religiosamente motivado conjuntamente com uma sociedade patriarcal sexista impregnam todas as áreas da sociedade, resultando em um conservadorismo distintivo e uma obediência servil (tradução nossa).

¹⁴⁵ É particularmente importante a necessidade de combinar os conhecimentos dos movimentos progressistas feministas e ecológicos com os novos movimentos urbanos e as iniciativas cidadãs, assim como sindicatos e cooperativas e coletivos locais (...) Acredita-se que as ideias comunialistas de uma democracia baseada em assembleias irão contribuir para tornar esta mudança progressiva de ideias possível em bases mais permanentes e com mais consequências políticas diretas. Ainda que o comunismo não é só um meio tático para unir estes movimentos radicais. Nosso chamado por uma democracia municipal é uma tentativa de dar razão e ética para a frente da discussão pública (tradução nossa).

¹⁴⁶ A autodefesa da sociedade não está limitada a somente sua dimensão militar. Também pressupõem a preservação de sua identidade, da sua consciência política e de um processo de democratização. Só então poderá haver autodefesa. Neste contexto, o Confederalismo Democrático pode ser denominado como um sistema de

Igualmente, a autodefesa faz com que forças como as polícias ou o monopólio do uso da força pelo Estado (como no caso do sistema penal) sejam suprimidos dando espaço a um modelo de autogestão da justiça e de treinamento de todas as pessoas dessa comunidade. Neste ponto, poderemos ver mais claramente isto ao analisarmos o modelo implementado em Rojava onde estas premissas encontram sua manifestação prática.

My project for a solution is based on democratic autonomy. On one hand democratic autonomy does not conflict with international borders, on the other it rejects global hegemony but does not clash with it. It is a system that protects its own principles without dissolving inside global hegemony (empire). This solution also comprises the principles of Democratic Confederalism. It comprises political, social-cultural, economic, diplomatic and security issues. The resolution of this issue based around democratic autonomy will illuminate the whole of the Middle East and become a model for Italy and Spain. My views regarding the state and hegemony are parallel to those of (Antonio) Gramsci. Whereas Marx accepted the nation-state, I do not. The reason for the crisis in Europe is the nation-state structure and its mentality¹⁴⁷ (ÖCALAN, 2010).

Assim, pode-se dizer que Öcalan não indica que o Confederalismo Democrático seja um sistema que busca combater o sistema de Estado-nação, ele simplesmente se opõe a este e mantém suas estruturas à margem do sistema internacional e de Estados impedindo a sua assimilação mais do que buscando combatê-lo.

3.2 Influências teóricas ao Confederalismo Democrático

Como foi mencionado anteriormente, este modelo é inspirado em outros elementos como o municipalismo libertário de Bookchin e a visão do sistema-mundo de Wallerstein. Assim, torna-se essencial a compreensão destes conceitos para compreender o processo lógico realizado por Öcalan na construção do modelo curdo.

autodefesa da sociedade. unicamente com a ajuda das redes confederadas poderá haver uma base para se opor a dominação global dos monopólios e ao militarismo do Estado-nação (tradução nossa).

¹⁴⁷ Meu projeto para uma solução é baseada na autonomia democrática. Por um lado, a autonomia democrática não entra em conflito com as fronteiras internacionais, por outro, rejeita a hegemonia global, mas sem colidir com ela. É um sistema que protege seus princípios sem se dissolver dentro da hegemonia global (império). Esta solução também compreende os princípios do Confederalismo Democrático. Compreende questões políticas, socioculturais, econômicas, diplomáticas e de segurança. A resolução desta questão em torno a autonomia democrática vai iluminar todo o Oriente Médio e se tornar um modelo para a Itália e a Espanha. Meus pontos de vista sobre o Estado e a hegemonia são paralelos ao de Gramsci. O porque Marx aceitou o Estado-nação, eu não sei. A razão para a crise na Europa é a estrutura e mentalidade do Estado-nação (tradução nossa).

“Nenhum dos problemas ecológicos que hoje defrontamos se pode resolver sem profunda mutação social” (BOOKCHIN, 2010, p.23). O autor parte desta afirmação para destacar a necessidade de se estabelecer uma sociedade ecológica, completamente isolada dos conceitos que pautam o capitalismo. Considera o princípio de toda exploração social reside no que ele chama de *hierarquia da dominação*, ou seja, uma mentalidade dominadora que se manifesta a partir do conceito de controle da natureza pelo ser humano e a partir daí se manifesta em outras formas de controle e dominação.

(...) mentalidade estruturada sob a hierarquia da dominação, em que a dominação do homem pelo homem originou o conceito da dominação sobre a natureza como destino e necessidade da humanidade. (...). Nenhuma libertação será completa, nenhuma tentativa de criar harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza poderá ter êxito se não forem erradicadas todas as hierarquias e não apenas a de classe, todas as formas de dominação e não apenas a exploração econômica (BOOKCHIN, 2010, p. 22).

Nesta mesma linha de raciocínio, Bookchin estabelece o conceito de *sociedade ecológica* que é “aquela que deve ser não hierárquica e, obviamente, sem classes. Mas para isto, deve-se eliminar antes o conceito (ou a mentalidade) de dominação da natureza” (BOOKCHIN, 2010). Como falou-se anteriormente, estas ideias estão profundamente vinculadas ao conceito de eco-anarquismo e ajuda mútua de Kropotkin.

Deste modo, vinculado à ideia de uma sociedade ecológica e não hierárquica encontra-se a ideia do *pensar ecologicamente* que busca refletir sobre a ideia de que “[temos uma capacidade única de] pode-se intervir na natureza com um grau de autoconsciência e flexibilidade desconhecido nas outras espécies. Que a intervenção seja criadora ou destrutiva é problema que deve-se enfrentar em nossa reflexão” (BOOKCHIN, 2010, p. 26).

Uma democracia libertária deverá ser, ao mesmo tempo, comunalista, confederal, anti-hierárquica e coletivista. E é essencial considerar que este modelo não será criado pelo capitalismo, muito menos pelo Estado.

A ecologia social é uma abordagem que está estreitamente vinculada ao municipalismo. Sua análise teórica parte da diferenciação entre as sociedades capitalistas e a natureza. Este antagonismo surge do próprio desenvolvimento social. “As divisões entre sociedade e natureza têm as suas raízes profundas nas divisões internas no domínio social, notadamente nos conflitos entre humanos, que tantas vezes ignoramos pelo uso generalizado da palavra humanidade” (BOOKCHIN, 2010, p. 117). Por tanto precisamos refletir sobre os processos evolutivos que levaram nossa sociedade a se pautar sobre os princípios da

dominação e do controle e que, deste modo, desenvolvendo um modelo predatório como o capitalismo.

Logo, continua o autor:

Aquilo que habitualmente chamamos de dominação da natureza é uma projeção humana dos sistemas altamente organizados de comendo e obediência “social” para altamente idiossincráticas, individuais e assimétricas formas de comportamento, frequentemente sutil, de coerção em comunidades animais. Simplificando, os animais não “dominam” outros animais do mesmo modo que a elite humana domina e explora um grupo social oprimido. Nem “governam” através de formas sistemáticas de violência, como o fazem as elites sociais (BOOKCHIN, 2010, p. 117 e 119).

Assim, a ecologia se estrutura na crítica da diferenciação e distanciamento entre a humanidade e a natureza propondo uma mudança radical na forma de interação entre estes dois elementos. Para tanto é essencial que sejam mudados, radicalmente, os modos produtivos e a visão de desenvolvimento econômico. Para que exista uma verdadeira harmonia na interação entre humanidade e a natureza é essencial à manutenção da diversidade. A implementação de monoculturas, cinturões urbanos sem controle e planejamento, a implementação de agriculturas industriais entre outras práticas debilita a diversidade natural e enfraquece as complexas cadeias alimentares causando um profundo impacto ambiental irreversível. “A ecologia é o equilíbrio dinâmico na natureza, a interdependência entre o vivo e o inanimado. (...) apresenta de uma forma ampla o enorme desequilíbrio resultante da divisão entre a humanidade e o mundo natural”. Deste modo, alerta o autor: “se desejamos avançar na unidade e estabilidade do mundo natural, deve-se conservar e promover a variedade” (BOOKCHIN, 2010, p. 137 e 147).

Em 1970 Noam Chomsky (2007) alertava para os problemas de uma sociedade industrial avançada. Assim, de forma bastante clara defende o que chama de *comunismo de conselhos* como a forma natural do socialismo revolucionário aplicado a uma sociedade industrial em que a “mercadoria é, claramente, a vida humana” (CHOMSKY, 2007, p. 13). Assim, Bookchin retoma a ideia federalista de Proudhon e desenvolve um sistema ecológico embasado no comunismo de conselhos de que Chomsky (2007) falou.

A ideia do princípio federativo, para Proudhon (2001), é a principal forma de organização social. Nesse sentido “a Federação, a centralização é limitada a certos objetos especiais separados das soberanias cantonais e que são supostos dever, ela é parcial; no governo unitário, ao contrário, a centralização estende-se a tudo e nunca devolve nada, ela é universal” (PROUDHON, 2001, p. 123). Esta proposta, pioneira em seu tempo e

extremamente atual para o caso em tela, nos traz o federalismo como uma importante ferramenta para a organização da sociedade combatendo a tirania o centralismo e a exploração. No ideal federalista Proudhon (2001) sugere o respeito à autonomia dos grupos sociais particulares, mas, ao mesmo tempo, sua união voluntária e colaborativa em busca de ganhos à todos.

O federalismo de Proudhon propõe a ruptura com a efervescência das massas, com as ambições e excitações propostas pelos demagogos. Este princípio rompe com o regime do lugar público, da eficácia dos tribunais, e com a absorção de capitais (PROUDHON, 2001, p. 121). Isto quer dizer que o Federalismo conseguiria afastar não só os demagogos que querem se aproveitar das estruturas Estatais para dominar e serem favorecidos, mas principalmente, afastaria o domínio do capital sobre o governo. Já afirmava Proudhon (1985) que “toda propriedade é um roubo”. Com isto ele quer dizer que antes de combater a estrutura política deve-se combater as estruturas que são criadas por meio da propriedade privada. O proprietário se apropria do produto gerado pelo trabalho em face da detenção da propriedade, fonte de lucro permanente, que é acumulada por quem detém a sua posse. A proposta de Proudhon (1985) é de que seja retomada a essência da sociedade. A única forma de assegurar igualdade social à todos os indivíduos é tendo como foco a liberdade, uma organização social que tenha como princípio as relações sociais livres e cooperativas. Bakunin (1999), na mesma linha de seu mentor, Proudhon, que, assim como a propriedade privada a herança deve ser abolida. Para ele a manutenção da herança seria a continuação das desigualdades, tanto políticas quanto sociais. Nesta rede exploratória, não pode-se deixar de considerar a relação de submissão e dominação dada entre homens e mulheres. Por mais que não fosse um elemento considerado nos autores em tela, cabe a Öcalan inovar e resgatar esses elementos.

Acompanhando as conclusões de Proudhon (1985), percebe-se que a origem da dominação social entre os homens e, destes sobre as mulheres tem uma origem comum, a propriedade privada. Por meio do trabalho coletivo, da associação de pessoas e a manutenção da igualdade real entre os membros de uma sociedade seremos capazes não só de acabar com as estruturas de dominação do capital, mas, sobretudo, as estruturas de dominação entre as pessoas, essencialmente, entre os homens e as mulheres e é por esta razão que a libertação das mulheres se encontra no centro da revolução em Rojava.

A proposta federalista de Bookchin (2010) não significa apenas reunir vários municípios, mas fazer com que, desde a base, se crie uma consciência coletiva de cooperação, ajuda mútua e democratização. O que ele quer dizer é que:

A partir do momento em que os municípios reúnem-se em federações para formar uma nova rede social; que interpretem o controle local com o significado de assembleia populares livres; que a autoconfiança signifique a coletivização dos recursos; e que, finalmente, a coordenação administrativa dos seus interesses comuns seja feita por delegados – não por “representantes” – que são livremente escolhidos e mandatados pelas assembleias, sujeitos à rotação, revogáveis e as suas atividades severamente limitadas à administração das políticas sempre decididas nas assembleias populares –a partir desde momento os municípios deixam de ser instituições políticas ou estatais em qualquer sentido ou termo (BOOKCHIN, 2010, p. 35).

Segundo René Berthier (srd), o federalismo na perspectiva anarquista é:

[...] um modo de organização no qual cada instância constitutiva do organograma é autônoma, no que diz respeito às questões que a concernem diariamente, e que delega, por intermédio de um ou vários representantes designados, uma parcela de sua soberania nas instâncias superiores do organograma para as questões que ultrapassam seu próprio campo de intervenção. Não há, portanto, nem captação de todo o poder pelo cume (centralismo), nem atomização do poder (autonomismo) (BERTHIER, 2011, p. 31-32 apud REIS, srd, p. 237).

Parker (srd) nos lembra que o sistema federalista combina a administração central e o autogoverno, por meio de uma Constituição central são garantidas as responsabilidades e os poderes de ambos governos (centrais e regionais). Lembra que a autonomia regional se assemelha com o federalismo quanto ao modelo, mas que são conceitos diferentes.

Kropotkin (2009) destaca a essencialidade da cooperação para a evolução de todas as espécies afirmando que a sociabilidade, muitas vezes instintiva, busca a conservação das espécies havendo sido subestimada, naquele então pela ciência. Já em 1914 ele dizia:

Não foram as massas das nações europeias que prepararam a presente guerra-calamidade, nem foram elas que forjaram seus métodos bárbaros: foram seus líderes, seus líderes intelectuais. Em parte alguma as massas do povo tiveram voz no preparo da carnificina atual, e menos ainda na criação dos métodos atuais da guerra, que representam uma desconsideração total pelo que julgávamos ser a melhor herança da civilização (KROPOTKIN, 2009, p. 09).

É claro que deve-se considerar que sua análise possui mais de cem anos e que muita coisa foi modificado na instável “era dos extremos”, como diria Eric Hobsbawn sobre o século XX. Ademais, como o próprio Kropotkin (2009) menciona:

Uma ressalva que se pode fazer a este livro é que tanto os animais quanto os seres humanos estão representados de maneira demasiado favorável; que suas características sociáveis são enfatizadas, enquanto seus instintos antissociais e de autoafirmação são apenas mencionados. Mas isso era inevitável (KROPOTKIN, 2009, p.16).

O antagonismo com a ideia de poder centralizado e Estado-nação nestes autores é claro. Não pode-se pensar numa organização profundamente democrática, cooperativa e com recursos coletivizados, pensando na mesma lógica do Estado. Lembra-se que “o município é o espaço econômico e espaço humano, de transformação do grupo quase em corpo político de cidadãos” (BOOKCHIN, 2010, p.44). De igual modo, Chomsky lembra que:

As funções do Estado são repressivas e que sua ação deve ser limitada. O socialismo libertário insiste em que o poder do Estado deve ser eliminado em favor da organização democrática da sociedade industrial, com controle popular direto de todas as instituições por aquelas que participam das operações destas instituições, bem como pelos que são diretamente afetados por ela (CHOMSKY, 2007, p. 28).

Negar a centralização do poder e, conseqüentemente, o Estado é uma das premissas básicas dos pensadores anarquistas. Quanto a isto, percebe-se nas palavras de Kropotkin o rechaço a esta entidade:

Nós vê-se no Estado uma instituição desenvolvida através da história das sociedades humanas para impedir a união direta entre os homens, para entrar o desenvolvimento da iniciativa local e individual, para aniquilar as liberdades que existiam, para impedir a sua nova eclosão e para submeter as massas aos interesses, egoísmos ambições das minorias ociosas e autoritárias (KROPOTKIN, 2000, p. 86).

Conjuntamente, Malatesta lembra que:

Los anarquistas se sirven ordinariamente de la palabra Estado para expresar todo el conjunto de instituciones políticas, legislativas, judiciales, militares, financieras, etc., por medio de las cuales se sustrae al pueblo la gestión de sus propios asuntos, la dirección de su propia seguridad, para confiarlos a unos cuantos que usurpación o delegación se encuentran investidos de la facultad de hacer leyes sobre todo y para todos y de compeler al pueblo a ajustar a ellos su conducta, valiéndose, al efecto, de la fuerza de todos¹⁴⁸ (MALATESTA, 1891, p. 02).

Apesar de que não existe um consenso sobre a conceptualização e definição do Estado, Halliday (2007) lembra que uma este pode ser uma “entidade de duas faces que olha para dentro em direção à sociedade que busca dominar e, para fora, em direção aos outros Estados e/ou sociedades com as quais interage com o objetivo de fortalecer a sua própria posição interna” (HALLIDAY, 2007, p. 154).

¹⁴⁸ Os anarquistas se servem ordinariamente da palavra Estado para expressar todo o conjunto de instituições políticas, legislativas, judiciais, militares, financeiras, etc. por meio das quais se tira do povo a gestão de seus próprios assuntos, a direção de sua própria segurança, para confia-los aos que por meio da usurpação ou da delegação se encontram investidos da faculdade de legislar sobre tudo e para todos e de compelir ao povo à se ajustar a eles em sua conduta, valendo-se, em efeito, da força de todos (tradução nossa).

Ainda refletindo sobre o Estado, Kropotkin (2009), ao descrever a complexa vida nas comunidades medievais, demonstra que esta organização não foi capaz de absorver a complexa vida social da época.

Na comuna, a luta era pela conquista e pela manutenção da liberdade do indivíduo, pelo triunfo do princípio federativo, pelo direito de se unirem para a ação - enquanto que as guerras dos Estados tinham, e têm, por objetivo anular estas liberdades, submeter o indivíduo, aniquilar a livre iniciativa, jungir os homens a uma mesma servidão perante o rei, o juiz, o sacerdote e o Estado (KROPOTKIN, 2000, p. 45).

Neste mesmo sentido Bookchin (2010) lembra que as cidades sempre foram as principais forças de oposição aos Estados imperiais, principalmente porque suas origens são diversas ambos possuem papéis históricos distintos. Assim, o municipalismo libertário (ou comunitarismo) surge como forma de incentivo para a criação de instituições populares descentralizadas. “É um horizonte em desenvolvimento, uma política que busca no final realizar a *comuna das comunas*. Dessa forma, ele tenta proporcionar uma alternativa confederal diretamente democrática ao Estado e à sociedade burocrática centralizada” (BOOKCHIN, 2010, p.69). Deste modo, o municipalismo libertário não é um projeto definido, rígido, um modelo a ser aplicado em qualquer sociedade mas, ao contrário, é um processo de transformação que busca a mudança – radical – das condições atuais de uma sociedade centralizada. Isto tem uma profunda relação com a ideia de que o anarquista fala na espontaneidade social, ou seja, liberar o potencial (por meio da autodeterminação) de cada sociedade, sem permitir que as cadeias biológicas continuem a ser simplificadas. Em sentido parecido Malatesta (2009) destaca a essencialidade de extirpar qualquer força material que encontre-se à serviço de uma classe ou um homem e que faça com que os demais sigam suas ordens mesmo que não as queiram.

Temos que avançar até a construção de uma sociedade ecológica que mude completamente, que transforme radicalmente, nossas relações básicas. Enquanto vivermos em uma sociedade que marcha em busca de conquista, poder, fundada na hierarquia e na dominação, não faremos nada mais do que piorar o problema ecológico, independentemente das concessões e pequenas vitórias que consigamos obter (BOOKCHIN, 2010, p. 171).

O que Bookchin (2010) quer dizer é que a construção deve partir da base e jamais de um modelo organizacional que tem como estrutura central a hierarquia, o domínio e o poder. As mudanças não virão de cima, das elites ou do Estado, ao contrário, estes são os poderes que mais lhes interessam manter o *status quo*. Nesse sentido, lembra-se, novamente, das palavras de Kropotkin quem afirma que:

Em consequência do seu próprio princípio vital, o Estado não podia tolerar a federação livre. É a federação livre o que mais horroriza o legislador: o Estado dentro do Estado. E o Estado não pode reconhecer no seu seio uma união livremente consentida, por esta simples razão: é que o Estado só quer súditos. Unicamente ele e a sua irmã, a Igreja, é que se arrogam o direito de servir de laço, o de vínculo de união entre os homens. (...). Nós vê-se no Estado uma instituição desenvolvida através da história das sociedades humanas para impedir a união direta entre os homens, para entravar o desenvolvimento da iniciativa local e individual, para aniquilar as liberdades que existiam, para impedir a sua nova eclosão e para submeter as massas aos interesses, egoísmos ambições das minorias ociosas e autoritárias (KROPOTKIN, 2000, p. 61 e 86).

Ratificando o que foi dito, não pode-se esquecer-nos das palavras dos clássicos. Bakunin (1999), em seu tempo, muito antes das profundas mudanças dadas com a revolução tecnológica, escrevia que para ser anarquista é preciso ser socialista. Assim afirma que: “en nombre de la libertad, la cual reconocemos como fundamento único y único principio creativo de la organización, económica o política, protestaremos contra todo aquello que remotamente pueda parecerse al Comunismo [o Socialismo] Estatista¹⁴⁹” (BAKUNIN, 1999). Deste modo, pode-se notar que, segundo esta ideia, todo anarquista é um socialista, mas nem todo socialista é, necessariamente, um anarquista. Assim, ser contra a ordem estatal significa não permitir apenas a destruição da propriedade privada, mas ser completamente contra a possibilidade de que uma entidade superior (Estatal) controle os meios de produção, assignando seu controle exclusivamente à comunidade. Neste sentido Chomsky (2007) lembra que o objetivo imediato do trabalhado é livrar-se da exploração e isto só poderá ser feito quando os próprios trabalhadores tomarem o controle da produção. Se considerarmos que a máquina estatal é altamente controlada pela burguesia e pelos interesses das elites, não faz o menor sentido retirar a propriedade privada das mãos de certos grupos sociais e concentrá-la na mão do Estado que, ao ser controlado por estas elites, continuarão a controlar a produção. Deste modo, é essencial que “Una vez abolida la propiedad individual, el gobierno, que es un defensor, debería desaparecer, y si sobreviviese se vería continuamente obligado a reconstruir, bajo una forma cualquiera, una clase privilegiada y opresiva¹⁵⁰” (MALATESTA, 1891, p. 12).

¹⁴⁹ Em nome da liberdade, a qual reconhecemos como único fundamento e único princípio criativo da organização, econômica ou política, protestaremos contra tudo aquilo que remotamente possa se parecer ao Comunismo [ou Socialismo] Estatista (tradução nossa).

¹⁵⁰ Uma vez que seja abolida a propriedade individual, o governo, que é um defensor, deveria desaparecer e, se sobrevivesse, se veria continuamente obrigado a reconstruir, por uma reforma qualquer, uma classe privilegiada e opressiva (tradução nossa).

Em relação ao socialismo de Estado ou o comunismo, Bakunin (1999) uma diferenciação clara nos métodos de ação, como, de igual modo, Chomsky (2007) falava a respeito. Desse modo:

De ahí la existencia de dos métodos diferentes. Los comunistas creen que es necesario organizar las fuerzas de los trabajadores para tomar posesión del poder político estatal. Los socialistas revolucionarios las organizan con vistas a destruir, o si preferís una expresión más refinada, a liquidar el Estado. Los comunistas son partidarios del principio y la práctica de la autoridad, mientras los socialistas revolucionarios sólo ponen su fe en la libertad¹⁵¹ (BAKUNIN, 1999).

Neste mesmo sentido, não pode-se deixar de salientar as palavras do anarquista norte-americano quando explica que “Com o aparecimento do Estado-nação e da Revolução Industrial, a economia adquiriu proeminência sobre a comunidade, não só na ideologia capitalista (...) [mas] no conceito marxista de emancipação humana através da dominação da natureza (...)” (BOOKCHIN, 2010, p.43).

Não pode-se perder o foco da análise do Confederalismo Democrático. Contudo, não pode-se deixar de fazer uma revisão sobre os principais elementos que o ajudaram a construir. É certo que muitos elementos foram adaptados por Öcalan e que os princípios anarquistas de Bakunin, Proudhon, Kropotkin, Chomsky e Bookchin encontram-se sob as bases da revolução sem, necessariamente fazer parte dela. Deste modo, não pode-se esquecer das particularidades da questão curda e do processo político e social que tem se desenvolvido, sobretudo, nos últimos anos. Deve-se lembrar também que o modelo proposto pelo líder curdo possui elementos bem definidos e sólidos, contudo, é embasado nas decisões democráticas locais e que são construídas de forma independente e autônoma. Bookchin propõem um modelo de produção regional, ecológica e descentralizada tendo como base a dissolução da hierarquia, elementos resgatados no Confederalismo Democrático e, sobretudo na Revolução em Rojava. Todos os autores mencionados possuem vários pontos comuns, a questão da dissolução da hierarquia encontra-se presente em quase todos eles, de forma direta ou indireta.

Bookchin (1982) define a ecologia social como um conceito completamente diferente do ambientalismo. Este último, para o autor, faz referência a uma perspectiva mecanicista e instrumental da natureza como um habitat passivo, um mero objeto que deve ser usado de

¹⁵¹ Dai a existência de dois métodos diferentes. Os comunistas acreditam que é necessário organizar as forças dos trabalhadores para tomar à posse do poder político estatal. Os socialistas revolucionários as organizam com vistas à destruir, ou se você prefere uma expressão mais refinada, liquidar o Estado. Os comunistas são partidários do princípio e da prática da autoridade, enquanto que os socialistas revolucionários só colocam fé na liberdade (tradução nossa).

forma consciente pelo homem. Assim, o ambientalismo, reconhece a natureza como uma fonte de recursos vivos, naturais (BOOCKHIN, 1982, p. 21). Deste modo, o ambientalismo tende a usar conceitos do ecologismo para propor um projeto que vise alcançar uma relação harmoniosa entre a humanidade e a natureza. Como já foi registrado, o projeto ecologista tende a harmonizar e entrelaçar todos os elementos vivos e inanimados conformando um modelo equilibrado e harmonioso que garanta a subsistência de ambos os elementos.

A definição de sociedade ecológica é a soma de todos esses elementos:

An ecological society presupposes that the notion of a universal humanitas, which "civilization" has imparted to us over the past three millenia, has not been lost. It also assumes that the strong emphasis on individual autonomy (...) will acquire unsurpassed reality-but without the loss of the strong communal ties enjoyed by organic societies in the past. Hierarchy, in effect, would be replaced by interdependence, and consociation would imply the existence of an organic core that meets the deeply felt biological needs for care, cooperation, security, and love. Freedom would no longer be placed in opposition to nature, individuality to society, choice to necessity, or personality to the needs of social coherence¹⁵² (BOOKCHIN, 1982, p. 318).

Continua o autor definindo a sociedade ecológica:

An ecological society would fully recognize that the human animal is biologically structured to live with its kind, and to care for and love its own kind within a broadly and freely defined social group. These human traits would be conceived as not merely attributes of human nature but also as constituting and forming it-indeed, as indispensable to the evolution of human subjectivity and personality. Such traits would be regarded not simply as survival mechanisms or social features of the biological human community, but as the very materials that enter into the structure of an ecological society¹⁵³ (BOOKCHIN, 1982, p. 318).

Para Bookchin (1982) a democracia é a forma mais avançada de ação direta sendo o meio mais eficaz para que possam ser expressadas as reivindicações da comunidade em busca de

¹⁵² Uma sociedade ecológica pressupõe que a noção universal de humanidade, que a "civilização" nos transmitiu últimos três milênios, não foi perdida. Também assume que a forte ênfase na autonomia individual (...) irá adquirir insuperável realidade mas sem a perda dos fortes laços comunitários usufruídas por sociedades orgânicas no passado. Hierarquia, em efeito, seria substituída pela interdependência e a livre associação implicariam a existência de um núcleo orgânico que atenda as necessidades biológicas profundamente sentidas para o cuidado, a cooperação, segurança e o amor. A liberdade deixaria de ser colocada no lado oposto da natureza, a individualidade da sociedade, a escolha da necessidade ou a personalidade para as necessidades da coerência social.

¹⁵³ Uma sociedade ecológica iria reconhecer plenamente que o animal humano é biologicamente estruturado para viver com seu semelhante, e para cuidar e amá-lo e cuidá-lo dentro de um grupo social de forma ampla e livremente definido. Estes traços humanos podem ser concebidos não apenas como atributos da natureza humana mas também como sendo constituídos e formados, de fato, como elementos indispensáveis da evolução da subjetividade humana e de sua personalidade. Tais traços seriam considerados não apenas como mecanismos de sobrevivência ou características sociais da comunidade humana biológica, mas como os próprios materiais que entram na estrutura de uma sociedade ecológica (tradução nossa).

autonomia, autogestão e atividade. Para isso é essencial que haja descentralização para que possa haver sustentabilidade. Ao dissolver o Estado-nação e implementar em seu lugar um modelo de democracia participativa haverá uma mudança coletiva bastante significativa começando pela desestruturação da divisão internacional do trabalho (BOOKCHIN, 1989).

O comunitarismo, para Bookchin (1989) é uma forma de perpetuar a interdependência que deve existir entre as comunidades e/ou regiões buscando a manutenção da autonomia e independência de cada uma delas. É uma forma de manter suas identidades ao mesmo tempo em que participam e partilham com as demais formando um todo equilibrado. Uma confederação é um conjunto descentralizado, autossuficiente mas interdependente, guiado pelo princípio da liberdade e, ao mesmo tempo, da participação onde a relação entre uns e outros seja algo coletivo e natural. Ademais, Bookchin (2000) indica que este modelo busca o desenvolvimento social longe da propriedade privada, bancos ou sistemas industriais individuais abrindo espaço a empresas e valores de propriedade coletiva. Nesse sentido, adverte que o capitalismo vai ceder espaço a este modelo de forma fluida e natural sem precisar criar um centro de poder para derrubar esse modo de produção. Assim, o comunitarismo é uma prática mais do que uma política.

Tanto no modelo municipalista proposto por Bookchin como no Confederalismo Democrático de Öcalan a educação possui um papel ímpar na consolidação do desenvolvimento humano na comunidade.

If citizens are to be competent to replace the State, then education for citizenship must be rigorous and involve the building of character and ethical integrity as well as gaining knowledge. This is even more the case when it comes to eliminating hierarchy. Rigorous education and training, in turn, involve a systematic, carefully planned, organized learning process. Citizens cannot be produced if the education and training of the young occur in contexts where the student—usually an inchoate self that has not yet been formed—is called upon to “let everything hang out” in the name of “self-expression.” It is precisely this concern for paideia that made Greek political philosophy so great: it included educational ideas for the making of competent citizens, who would not only think systematically but learn to use weapons in their own defense and in defense of the democracy¹⁵⁴ (BOOKCHIN, 2000).

¹⁵⁴ Se os cidadãos vão substituir completamente o Estado, então a educação para a cidadania deve ser rigorosa e deve envolver a construção do caráter e integridade ética do mesmo modo quanto adquirir conhecimento. Isto é, ainda mais no caso de quando se trata de eliminar a hierarquia. Educação e treinamento rigoroso, por sua vez, envolvem uma organização cuidadosamente planejada do processo de aprendizagem sistemática. Os cidadãos não podem ser produzidos se a educação e formação dos jovens ocorrem em contextos onde o aluno –geralmente incipiente que ainda não foi formado – é deixado ao “deixa que tudo saia” em nome da “expressão individual”. É precisamente esta a preocupação da paideia que fez a filosofia grega tão grande: incluiu ideias educacionais para a fabricação de cidadãos competentes, que não só pensam sistematicamente, mas que aprendem a usar armas em defesa própria e em defesa da democracia (tradução nossa).

É claro que, neste sentido, deve-se sinalizar o péssimo tratamento dado aos escravos e as mulheres na democracia ateniense. Não pode-se considerar esta comparação como um elemento completo do pensamento de Bookchin e, neste sentido, deve-se considerar a grande importância que a emancipação da mulher tem dentro da formulação do Confederalismo Democrático curdo. Sendo assim, pode-se notar uma evolução e complementação das ideias. Partindo do anarquismo de Proudhon, passando pelos conceitos de Bakunin e Kropotkin, Bookchin e Öcalan readéquam os elementos essenciais dessa linha de pensamento e propõem o modelo que hoje está sendo implementado, com grande sucesso, no Curdistão Sírio.

3.3 Jineology, a ciência social das mulheres.

Antes de tudo, deve-se resgatar as considerações feitas no início deste trabalho em que propomos uma conceptualização sobre as categorias “gênero” e “mulheres”. Joan Scott (1989) estabelece o gênero como uma das mais importantes categorias de análise estabelecendo-a como uma das formas primárias das relações e estruturas sociais que determinam as o poder. Assim, evidenciando que os conceitos de homem e mulher estão muito além das determinações biológicas, mas que são meras construções sociais que circulam em uma intrincada relação de poder que gira entorno ao sexo.

Sendo a jineology uma teoria completamente independente torna-se essencial destacar que as comparações realizadas neste trabalho cumprem uma função limitadamente didática não tendo a pretensão de servirem de comparativos ou bases para a compreensão do processo criado dentro da jineology. Sendo assim, lembramos das palavras da comandante da YJA-Star, Evren Kocabiçak (2014), quem destaca que a jineology é um conceito muito mais amplo do que os encontrados dentro do feminismo ocidental e, dadas as limitações encontradas dentro do movimento feministas elas preferem voltar-se à um movimento dentro das ciências sociais do que propriamente dentro do movimento feminista. O objetivo central desta ciência é repensar a posição das mulheres dentro da história e compreender a natureza das mais diversas explorações.

De igual modo, sendo representante das categorias pós-estruturalistas do fim da década de 1980, reforça que o conceito de gênero é uma importante categoria que deve ser considerada, principalmente, em análises históricas. Assim, a categoria gênero vai muito além do caráter meramente descritivo sendo essencial para compreender elementos como a linguagem, simbologia e instituições de poder dentro de uma sociedade o que nos leva a sair do binômio

homem e mulher. Por estarmos inseridas em uma sociedade patriarcal, obviamente, o centro é a masculinidade, o androcentrismo. Assim, tais concepções referentes aos papéis sociais não são igualitárias e deixam as mulheres em uma situação desigual aos homens. Vale fazer essa ressalva porque, para o movimento de libertação das mulheres curdas, teorias ocidentais como a “Teoria Queer” ou teorias mais específicas que propõem uma ressignificação do gênero não tem acolhimento ou semelhança com o debate proposto na jineology. Pelo menos, não agora. Nesta acepção, em consonância com o pensamento de Scott (1989), o uso da categoria mulher denota uma visão mais crítica sobre o processo revolucionário, dando especial ênfase no papel e visão feminina do processo, deixando mais claras as desigualdades sociais entre homens e mulheres.

Assim, para a autora usar o termo “história das mulheres” é uma forma clara de demonstrar a desigualdade dando visibilidade à parte lesada (SCOTT, 1989). Em resumo pode-se dizer que, o uso da palavra gênero, está estreitamente ligada à designação das relações sociais, dos papéis que são criados para ambos os sexos enquanto que, de maneira mais específica, a categoria mulheres, envolve uma visão particular que destaca a experiência histórica deste grupo social que, dentro de nosso sistema é absorvido pela visão androcêntrica.

Aqui, a proposta não é fazer uma análise binária sobre a história dos homens e a história das mulheres, mas permitir dar voz as participações e impressões invisibilidades no processo histórico e alertar para a necessidade de uma construção social igualitária e que permita que seja criado um processo autêntico e não sexista, acredita-se que este não seja apenas um dos objetivos deste trabalho mas, também o papel da jineology. Fazemos este esclarecimento quanto à conceptualização e o uso destas categorias de análise porque acredita-se na essencialidade deste debate no marco do feminismo pós-colonial e, de igual modo, acredita-se ser de importância impar considerar estas visões para que possamos compreender o processo de Rojava da forma mais autêntica possível.

Spivak (2010) deixa uma dura crítica de que os subalternos, ou seja, os indivíduos que encontram-se historicamente emudecidos (como as mulheres), não podem falar. Isto nos brinda uma série de elementos que reflexões que deve-se ter, tanto no processo revolucionário objeto deste trabalho como para debates mais aprofundados sobre a ligação dos distintos movimentos feministas. Aqui, questionamos quem fala por quem? Na história, quem conta os fatos? Sob qual ótica?

É este silenciamento das mulheres das mais diversas ciências é o que incentiva e constrói a jineology. As propostas de descolonização do indivíduo e das sociedades implementadas em Rojava vão ao encontro com o que escreve Aime Cesaire (1978), por

exemplo, expondo o processo de descolonização como a necessidade de rompimento com a relação de dependência entre metrópole e colônia (países do norte e países do sul) mas, também, com o rompimento das relações de poder que se manifestam por meio de hierarquias raciais, econômicas e políticas. Segundo Yasar (2015b) uma das bases ideológicas atuais da revolução e um elemento essencial da jineology é, sem dúvidas, o processo de descolonização que deve ser levado adiante pelos agentes locais.

As questões de gênero nas Relações Internacionais somente começaram a surgir na década de 1980, muito atrasadas se vamos comparar com outras ciências sociais. Halliday (2007) destaca quatro dimensões na abordagem de gênero das RI. A primeira delas tem a ver com a relação gênero-política; a segunda aborda à questão transnacional. Neste sentido, ele destaca que a guerra é um elemento que causa inúmeras implicações na vida das mulheres. O impacto do estupro usado historicamente como uma eficiente arma de guerra, a exploração de mão-de-obra feminina nas fábricas como forma de suprir à escassez de trabalhadores combatentes (trabalho que em época de paz é destinado aos homens), o impacto das migrações, etc. A terceira dimensão abordada por este autor é a falta de representatividade política das mulheres. Desde 1960 há uma grande emergência de organizações de mulheres. Contudo, nenhuma delas é detentora do poder estatal.

Em sentido semelhante, Bahri (2013) destaca que feminismo e pós-colonialismo são temas que devem estar profundamente ligados permitindo uma melhor capacidade de compreensão do mundo levando em conta os sujeitos e o meio nos quais estão inseridos. Igualmente Curiel (2009) faz uma interessante análise sobre os processos de descolonização no movimento feminista latino-americano e caribenho nos últimos anos. Pode-se traçar uma similitude com o processo do movimento de mulheres curdas dadas as semelhanças históricas destes grupos. A autora define a descolonização como um processo amplo que tem como objetivo a independência dos povos e territórios que haviam estado submetidos a processos de dominação política, econômica, social e cultural. Lembra que estes processos ganharam força por todo o mundo colonial em diferentes períodos históricos.

Como foi mencionado anteriormente, no Oriente Médio estes processos ganham força, sobretudo na década de 1960 e 1970. Estes processos intelectuais e políticos tem como base o questionamento da relação entre saber e poder que colocam como centro a Europa deixando estes territórios condicionados à periferia deixando em evidência a exploração e dominação sofrida por estas populações em todos os aspectos da vida política, social e cultural. Said (2002), por exemplo, destaca a criação da ideia central de que o ocidente deve ser a matriz

civilizatória dos povos do mundo pautando uma clara diferença entre ambas as civilizações. Como não poderia ser diferente, este pensamento marcou o movimento feminista permitindo que mulheres do então chamado “terceiro mundo” fossem retratadas se forma homogênea como um objeto, ao invés de ser-lhes concedido o caráter de sujeito capaz de desenvolver seu próprio pensamento e teorizações. Deste modo, em consonância com o que é proposto pelas ativistas curdas, Curiel (2009) destaca que o processo de descolonização é uma posição política que atravessa o pensamento e a ação, tanto individual quanto coletiva, criando práticas sociais e construindo pensamento do sujeito próprio, de acordo as experiências concretas, negando a ideia do sujeito único, ocidental, eurocêntrico. Deste modo, cria-se um feminismo que emerge das bases populares, diverso, heterogêneo o construído coletivamente, diferente daquele pensamento branco, ilustrado, institucional, estatal e que, muitas vezes, desconsidera questões como o racismo, capitalismo, chauvismo, ou qualquer outra matriz de dominação. O incentivo à construção autônoma torna-se um processo essencial neste modelo feminista defendido pela *jineology*.

Jineology presents a proposal for radical intervention in the patriarchal mindset and the patriarchal paradigm. In this sense, jineology is an epistemological process. The aim is the direct access to women and society in the realm of knowledge and science, which is currently controlled by the rulers. The aim is to pave the way to the roots and identity of women and society, which have been detached from their truth. Women should create their own disciplines, reach their own interpretations and meanings, and share these with the whole society¹⁵⁵ (FIRAT NEWS, 2013).

Compreender as influências externas que permeiam nossa educação e nossa sociedade é essencial para que seja realizada à desconstrução das estruturas de dominação, tanto as que surgem do imperialismo ocidental quanto aquelas oriundas do patriarcado.

Como esperado, a crítica feminista enfatiza a importância das questões de gênero na história, na política e na cultura. Inerentemente interdisciplinar, o feminismo examina os relacionamentos entre homens e mulheres e as consequências dos diferenciais de poder para a situação econômica, social e cultural das mulheres (e dos homens) em diferentes lugares e períodos da história. Perspectivas feministas têm sido centrais para os estudos pós-coloniais desde seu momento inicial, compartilhando muitas das preocupações gerais do pós-colonialismo, mas também revisando, questionando e complementando-as (BAHRI, 2013).

¹⁵⁵ *Jineology apresenta uma proposta de intervenção radical na mentalidade e paradigma patriarcais. Nesse sentido, Jineology é um processo epistemológico. O objetivo é o acesso direito das mulheres e da sociedade em um âmbito de conhecimento e ciência, que atualmente é controlada pelos governantes. O objetivo é levar ao caminho até as raízes das mulheres e da sociedade, que tem sido segregado das suas verdades. As mulheres devem criar suas próprias disciplinas, chegar às suas próprias interpretações e significados e compartilhar isto com toda a sociedade (tradução nossa).*

Isto ocorre em todos os aspectos da sociedade e propõem a inclusão de novas categorias em todos os processos educativos e científicos. Este processo não ocorre simplesmente como uma “nova visão do mundo” como base estruturante de uma educação libertária e crítica. Consideremos que “aqueles que têm o poder de representar e descrever os outros claramente controlam como esses outros serão vistos. O poder de representação como uma ferramenta ideológica tradicionalmente faz dele um espaço disputado” (BAHRI, 2013), ou seja, a representação política, cultural e científica de todas os grupos sociais é de vital importância dentro desta visão e, como não poderia ser diferente, dentro da *jineology* e do processo revolucionário em Rojava. É por esta razão que o movimento preza, incentiva e fomenta a participação de todos os grupos étnicos que habitam a região e, de modo central, a participação das mulheres. Um dos papéis da *jineology* é decifrar o paradigma do poder e, ao mesmo tempo, empurrar as mulheres para uma solução. Não bastasse somente criticar e reconhecer as limitações do sistema existente é essencial libertar-se internamente. Nesse sentido a *jineology* é um resultado e uma continuação das experiências e esforços de outros movimentos feministas.

Ao desmembrar o papel da mulher na sociedade, para definir a sua existência e compreender a sua realidade, é capaz de traçar linhas que auxiliam a criar um modo para sua libertação. Buscando tornar o conhecimento acessível, mantêm as conexões com todas as camadas sociais e aproximando-se da sociedade. Este é o objetivo da *jineology*, aproximar o conhecimento da sociedade.

It is necessary to draw women out of the “holy mother, principle of honor, indispensable and irreplaceable wife” statuses, and investigate the reality of women as a subject-object sum. As a matter of fact, one of the most important aspects of such an investigation would be exposing the great whitewashed villainy that masquerades as love (rape, murder, violence, unending swearing being the foremost). The list continues to being exploited as; the mother of all labours, owner of free labour, worker with bottom wage, being the most unemployed, a source of the endless desires and oppression of men, a birth giving and child rearing machine for the system, an instrument of advertisement, sex-porn etc. Being a system of exploitation, Capitalism has developed more mechanisms for the exploitation of women than all of those that came before it¹⁵⁶ (KOCABIÇAK, 2014).

¹⁵⁶ É necessário chamar as mulheres pra fora dos *status* de “mãe santa, principio de honra, esposa indispensável e insubstituível” e investigar a realidade das mulheres como a soma de sujeito-objeto. Por uma questão de fato, um dos aspectos mais importantes de uma investigação seria expor a vilania que se disfarça de amor (estupro, assassinato, violência, palavrões intermináveis, etc). A lista de explorações continua com a mãe de todos os trabalhos, proprietária do trabalho livre, trabalhadora com salario baixo, sendo as mais desempregadas uma fonte dos desejos de dominação infinitos dos homens, parideira, maquina de criação de crianças para o sistema, um instrumento de propaganda, sexo, pornografia, etc. Sendo um sistema de exploração, o capitalismo desenvolveu mais mecanismos para a exploração das mulheres do que para todos os demais que vem depois (tradução nossa).

A representação tem um aspecto dual: a representação interna (aquilo que construímos e que falou-se sobre nós mesmos) e externa (aquela imagem que criam de nós). Said (2002) escreve brilhantemente sobre isso criticando duramente as representações que se fazem sobre o oriente pelo colonialismo ocidental. Para este autor, formulam-se políticas baseadas nestas representações e, estas, possuem duras consequências para os envolvidos. De igual modo, pode-se traçar o mesmo paralelismo quanto à representação feminina na história das mulheres, dentro de um sistema patriarcal.

Falou-se anteriormente que as mulheres sempre estiveram presentes no processo revolucionário dentro da guerrilha e do PKK. Também, foi mencionado o processo que levou a criação de organizações e movimentos autogestionados por mulheres como o Kurdistan Women's Community (KJK). A mobilização e resistência das mulheres curdas se dão há aproximadamente 30 anos, tendo como mais importante passo a construção da *jineology*, a ciência das mulheres. Esta ciência é descrita como a "criação do paradigma da mulher" por meio da luta pela libertação das mulheres curdas, representando uma nova etapa desde a perspectiva do movimento curdo. Contudo, pode-se dizer que é desde 1987 começaram os trabalhos de organização autônoma e específica às mulheres. Depois deste desenvolvimento muitas mudanças foram desenvolvidas no Curdistão.

The people's uprisings against the colonization of Kurdistan (in Kurdish: "Serhildan"), which started after 1989, were led by women. From the viewpoint of Kurdish society, this was the beginning of a national resistance phase with a new women-focused character. In this sense, the women's movement advanced its theoretical and practical work in fields such as intellect, politics, society, culture, and self-defense. The following key stages were: 1993 - formation of the women's army, 1996 - theory and practice for the emancipation from the patriarchal system, after 1998 - women's liberation ideology, 1999 - party formation, from 2000 on - construction of a democratic social system within the framework of a democratic, ecological, and gender-egalitarian societal paradigm¹⁵⁷ (KAYA, 2014).

O termo *Jineology* foi usado pela primeira vez nos escritos de Abdullah Öcalan no ano de 2003 em seu trabalho denominado "The Sociology of Freedom"¹⁵⁸ onde:

¹⁵⁷ A emergência dos povos contra a colonização do Curdistão que se iniciaram após 1989 foram conduzidos pelas mulheres. Desde o ponto de vista da sociedade curda, este foi o começo de uma fase de resistência nacional com um novo ator orientado pelas mulheres. Neste sentido, o movimento de mulheres havia avançado em seu trabalho teórico e prático em campos como a intelectualidade, política, sociedade, cultura e defesa. As seguintes etapas essenciais foram: em 1993 a formação do exército de mulheres; 1996 teoria e prática para a emancipação do sistema patriarcal; depois de 1998, ideologia de libertação feminina; 1999 formação do Partido, a partir dos anos 2000, construção de um sistema social e democrático no marco de um paradigma social democrático, ecológico e com igualdade de gênero (tradução nossa).

¹⁵⁸ A sociologia da Liberdade (tradução nossa).

Öcalan expressed that women and all individuals, societies, and peoples that are not carriers of power and the state need to develop their own and free social sciences, that these sciences could be called Sociology of Freedom, that these in turn could be based on jineology, because movements that aim at a free, equal, and democratic communal society have a strong need for jineology¹⁵⁹ (KAYA, 2014).

A palavra tem origem curda. *Jin* é a palavra curda que denomina "mulher"; "logy" deriva do termo grego "logos" que está relacionado ao conhecimento. *Jin*, ao mesmo tempo, deriva do termo curdo *Jiyan* que significa "vida", incrementando ainda mais a relação entre os vocábulos. Por esta razão a jineology se relaciona não somente com as mulheres, mas, também, com a vida. O grande problema é que em nossa sociedade essa conexão se dá de maneira distorcida. O patriarcado utiliza dessa relação entre o corpo feminino e a vida para elevar ao máximo a opressão e o controle sobre nossos corpos. A razão pela qual se detêm na centralidade da libertação das mulheres surge pelo reconhecimento da exploração sistemática das mulheres.

Afirma Öcalan (2010) que a história das mulheres pode ser definida com o processo histórico de perdas, não só para as mulheres, mas, principalmente delas, como resultado de uma sociedade machista. O sexismo é a máxima expressão do abuso, exploração e violência psicológica e física das mulheres que nos transforma em obedientes escravas, uma valiosa mercadoria que é capaz de construir (e reproduzir) as bases sobre as quais os homens podem exercer seu poder de violência. A denominada “cultura do estupro”, tão denunciada nos movimentos feministas é tida, para Öcalan (2010) como a representação da história da civilização nos últimos 5000 anos. Deste modo, afirma Öcalan (2010^a), o capitalismo faz uso do sexismo como uma ferramenta essencial de obtenção de lucros. Enquanto o homem só pode vender seu trabalho, as mulheres somos vendidas como a maior –e melhor – das mercadorias. Esta comercialização das mulheres encontra-se diretamente vinculada ao poder. Nesta sociedade, como falou-se anteriormente, mulheres não são sujeitos, mas, meros objetos à serviço da sociedade.

Knowledge structures require free discussions. But if we look at the relationship between knowledge and power, this is difficult to detect. In this context, the questioning of patriarchal, power-centered structures is necessary. Likewise, starting with an epistemology in favor of humans, women, nature, and society, there is a

¹⁵⁹ Öcalan expressa que as mulheres e todos os indivíduos, grupos e povos que não são portadores do poder e do Estado, devem desenvolver suas ciências sociais de forma própria e livre. Estas ciências poderiam denominar-se Sociologia da Liberdade que estas poderiam estar embasadas na jineology, porque os movimentos que tem como objetivo uma sociedade livre, igualitária e democrática comunal tem uma forte necessidade de Jineology (tradução nossa).

need for a new investigation, interpretation, renewal, and awareness. The principles, hypotheses, and results of the existing social sciences must be re-discussed and critically examined. Correct and incorrect information must be separated from each other. It is of great importance that we reach a truthful interpretation of historical society¹⁶⁰ (KAYA, 2015).

Nesse sentido, vamos recordar a interessantíssima análise de Bourdieu (2002) quem discorre sobre a as estruturas de dominação masculina em nossa sociedade. Ao falar sobre a construção dos corpos explica sobre a socialização dos mesmos e sobre a significação social que lhes são atribuídos criando uma rede de papéis e simbologias típicas a cada categoria (macho ou fêmea). Existem outros elementos¹⁶¹ em Bourdieu que podem ser analisados, contudo, em face da objetividade requerida pelo presente trabalho, usam-se apenas os conceitos centrais da obra deste autor.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho. Dado o fato de que é o princípio de visão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída que se torna o fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que alicerça, caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob forma de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas (...)

Os princípios antagônicos da identidade masculina e da identidade feminina se inscrevem, assim, sob a forma de maneiras permanentes de se servir do corpo, ou de manter a postura, que são como que a realização, ou melhor, a naturalização de uma ética (BOURDIEU, 2002, srp).

É essa estrutura patriarcal que garante uma visão androcêntrica do mundo e que, segundo Bourdieu (2002) e em total sintonia com o debatido por Öcalan (2013) é a responsável por um preconceito desfavorável contra o feminino e, a partir daí a consolidação da estrutura patriarcal com todas as suas implicações sociais, políticas e econômicas.

A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas

¹⁶⁰ As estruturas do conhecimento requerem discussões livres. Mas, se olhamos as relações entre conhecimento e poder é difícil de detectar as estruturas de poder que ali se encontram. Neste contexto, é necessário o questionamento das estruturas patriarcais. Desse modo, a partir de uma epistemologia a favor dos seres humanos, das mulheres, na natureza e da sociedade, se forma a necessidade de uma nova investigação, interpretação, renovação e consciência. Os princípios, hipóteses e resultados das ciências sociais existentes devem ser discutidos novamente e examinados criticamente. A informação correta e incorreta deve estar separada entre si. É de grande importância que alcancemos uma interpretação verdadeira na sociedade histórica (tradução nossa).

¹⁶¹ Recomendamos a leitura de: “A dominação masculina” e “Economia das trocas simbólicas”.

em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*. Moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como um senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade, particularmente, às relações de poder em que se veem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fundantes da ordem simbólica. Por conseguinte seus atos de reconhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que “faz”, de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (BOURDIEU, 2002, srp).

Deste modo, o que o autor afirma é que a violência sofrida pelas mulheres é tão estruturada e instrumentalizada em todos os aspectos da sociedade que faz com que seja muito difícil de ser percebida de forma espontânea. A naturalização da opressão se encontra estreitamente vinculada à divisão social do trabalho e aos antagonismos biológicos que fazem com que estes papéis opostos e complementares sejam vistos como um destino, uma condição natural da vida dos seres humanos. Neste sentido, lembra-se que Öcalan (2013) concede a centralidade ideológica do Confederalismo Democrático à libertação das mulheres, à destruição do patriarcado e, conseqüentemente, ao fim do capitalismo, como requisitos essenciais para que possa ser criada uma sociedade verdadeiramente livre e igualitária. Para tanto, segundo estes autores, o primeiro passo para desarticular estas estruturas envolve a reflexão e consciência das mulheres como forma de desvincular-se do ciclo da opressão.

Öcalan (2010) lembra que a naturalização da inferioridade da mulher e de sua complementariedade ao ser masculino é um paradigma que se encontra presente há milênios, moldando pensamentos e comportamentos coletivos.

It was slavery of women throughout society that paved the way for all other forms of hierarchy and state structures. (...). One of the most important building-blocks of this system is the family as an institution. The family is a small state conceived by men. The meaning of the family throughout the whole history of civilisation lies in the strength bestowed on it by the rulers and the state apparatus. The orientation of the family towards male dominance and, through that, its successfully-attained function as nucleus for statist society guarantee that women carry out limitless, unpaid work. At the same time they raise children, meeting the state requirement for a sufficient population and serve as role models for the spread of slavery right across society.¹⁶² (ÖCALAN, 2010).

¹⁶² Foi a escravidão das mulheres em toda a sociedade que pavimentou o caminho para todas as outras formas de hierarquia e as estruturas do Estado. (...). Um dos mais importantes blocos de construção deste sistema é a família como uma instituição. A família é um pequeno Estado concebido por homens. O significado da família ao longo de toda a história da civilização está na força do agraciado pelos governantes e do aparelho do Estado.

Como se falou anteriormente o movimento feminista tem feito um excelente trabalho de desconstrução do paradigma sexista dentro das ciências. O incremento dos debates e da participação ativa de teóricas feministas dentro das mais variadas ciências faz com que cada vez mais a história deixe de lado o androcentrismo e passe a colocar as mulheres como uma categoria relevante que é capaz de interpretar os processos sociais e históricos trazendo importantes considerações e perspectivas para o desenvolvimento de novos saberes. Deste modo, este é um dos principais objetivos da jineology: estabelecer academias e centros de estudos feministas capazes de abrir espaço à novas perspectivas onde as mulheres sejam sujeitos ativos na construção do conhecimento.

jineology presents a proposal for radical intervention in the patriarchal mindset and the patriarchal paradigm. In this sense, jineology is an epistemological process. The aim is the direct access to women and society in the realm of knowledge and science, which is currently controlled by the rulers. The aim is to pave the way to the roots and identity of women and society, which have been detached from their truth. Women should create their own disciplines, reach their own interpretations and meanings, and share these with the whole society¹⁶³ (KAYA 2014).

Pode-se dizer que a construção da jineology começa aproximadamente no ano de 2011, e hoje se expressa num expressivo sistema educativo voltado para a formação de toda a sociedade tendo sido criadas significativas academia de mulheres.

Zilan, combatente curda das YPJ, entrevistada pela agência de notícias Jihna lembra que:

What is being experienced here in the emergence of women's representation and their will. This is the principal along which we wage our struggle. The war that has been waged against the YPJ here is in fact the same way war which is being waged against women all over the world. The ISIS attacks which have taken place here are designed to break the will of women. We too are struggling against this¹⁶⁴ (The Rojava Report, 2014).

A orientação da família no sentido de dominação masculina e, por isso, a sua função com sucesso alcançado como núcleo para garantia sociedade estatista que as mulheres realizar sem limites, o trabalho não remunerado. Ao mesmo tempo em que criar os filhos, cumprindo a exigência do Estado para uma população suficiente e servir como modelos para a propagação da escravidão direito em toda a sociedade (tradução nossa).

¹⁶³ Jineology apresenta uma proposta de intervenção radical na mentalidade e paradigma patriarcais. Nesse sentido, Jineology é um processo epistemológico. O objetivo é o acesso direito das mulheres e da sociedade em um âmbito de conhecimento e ciência, que atualmente é controlada pelos governantes. O objetivo é levar ao caminho até as raízes das mulheres e da sociedade, que tem sido segregados das suas verdades. As mulheres devem criar suas próprias disciplinas, chegar às suas próprias interpretações e significados e compartilhar isto com toda a sociedade (tradução nossa).

¹⁶⁴ Nossa experiência aqui é a do surgimento da representação e vontade das mulheres. Este é o principal motivo pelo qual travamos a nossa luta. A guerra travada contra o YPJ aqui é de fato a mesma travada contra as mulheres em todo o mundo. Os ataques do EI, ocorridos aqui foram projetados para destruir a vontade das mulheres. Nós também estamos lutando contra isso (Tradução nossa).

Deste modo, fica perfeitamente evidente a essencialidade e importância do processo de libertação das mulheres levado adiante em Rojava e de que, mais do que nunca, qualquer sociedade que busque a real igualdade entre seus habitantes deve dar como primeiro passo aquele em direção à emancipação e reconhecimento do papel da mulher na sociedade.

No lo hemos estudiado el colegio, pero aquellos grandes principios con los que la Ilustración y la Revolución francesa cambiaron la historia –libertad, igualdad y fraternidad- no tuvieron nada que ver con las mujeres. Todo lo contrario, las francesas y todas las europeas salieron de aquella gran revuelta peor de lo que entraron¹⁶⁵ (VARELA, 2015).

Na citação acima, a autora lembra que foram poucos – ou quase nenhum – processos revolucionários que consideraram a libertação da mulher como um elemento essencial ou válido. Claire (2002) faz uma análise do papel da mulher como combatente na história e, apesar de limitar-se exclusivamente à esfera militar demonstra sua participação em exércitos do mundo. Seja no papel de combatentes aviadoras, ou entre a inteligência, o autor reconhece que sua participação é um fenômeno generalizado e que cada vez mais se expandirá no futuro. Dentro dos movimentos socialistas, isto também aconteceu.

Marx y Engels describen la opresión de la mujer como una explotación económica. A Marx, la emancipación de las mujeres no le lleva ni tiempo ni espacio en su obra y cuando lo trata, tan sólo es un apéndice de la emancipación del proletariado. Engels sí lo intentó y fruto de sus esfuerzos es la obra El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado. En ella, Engels señaló que el origen de la sujeción de las mujeres no estaría en causas biológicas, la capacidad reproductora o la constitución física, sino sociales. En concreto, en la aparición de la propiedad privada y la exclusión de las mujeres de la esfera de la producción social¹⁶⁶ (VARELA, 2015).

Como modo de contextualização, lembra-se que houve teóricas que se debruçaram na análise da relação entre a emancipação das mulheres dentro do movimento socialista. Contudo, na maioria das vezes, estas pesquisadoras são ignoradas ou esquecidas até mesmo dentro dos movimentos de esquerda. Clara Zetkin, uma das pioneiras no estudo do movimento socialista feminino já falava que os problemas das mulheres não estavam somente ligados à luta de

¹⁶⁵ Não estudamos no colégio, mas aqueles princípios falados no Iluminismo e na Revolução Francesa e que mudaram a história –liberdade, igualdade e fraternidade – não tiveram nada a ver com as mulheres. Muito pelo contrário, as francesas e todas as europeias saíram daquela revolta pior do que entraram (tradução nossa).

¹⁶⁶ Marx y Engels descrevem a opressão da mulher como uma exploração econômica. Para Marx, a emancipação das mulheres não tem tempo nem espaço em sua obra e, quando fala sobre, é somente como um apêndice da emancipação do proletariado. Engels tentou e com fruto de seus esforços surgiu a obra "A origem da família, da propriedade privada e do Estado". Nela, Engels assinalou que a origem da submissão das mulheres não estaria em causas biológicas, capacidade reprodutiva ou na constituição, mas na sociedade. Concretamente, na aparição da propriedade privada e a exclusão das mulheres da esfera da produção social (tradução nossa).

classes, mas antes disso, à desigualdade no tratamento entre homens e mulheres. De igual modo, temos Heidi Hartmann e Alejandra Kollontai, na vertente socialista e a ilustre Emma Goldman como uma das mais famosas representantes do anarcofeminismo. Esta última lembra que a destruição do sistema patriarcal não viria do Estado, muito menos sobre formas jurídico-legais, mas somente por meio da autogestão das mulheres e da formação de grupos que buscassem a reivindicação do poder. Apesar de não serem autoras contemporâneas e de suas análises serem, além de anacrônicas, frutos de um contexto completamente diverso ao enfrentado pelas mulheres em Rojava. Deve-se salientar a importância destas teóricas para a consolidação do movimento feminista. Por mais que não encontremos vinculações diretas entre o Movimento de Mulheres curdas e estas teóricas, suas ideias se interconectam formando uma rede teórica que tem como objetivo comum: a destruição do patriarcado e a construção de uma sociedade livre em que mulheres e homens possam compartilhar suas vidas sem que um tenha que dominar o outro.

Retomando a análise da *jineology*, reconhece-se que outra de suas propostas básicas é a compreensão do poder e de suas relações. Não nos basta com reconhecer as estruturas opressivas e as limitações que o sistema impõe às mulheres, mas, ao mesmo tempo, é essencial que sejam criadas soluções oriundas desses processos reflexivos. Primeiro é essencial que exista uma libertação interna para, coletivamente, se possa construir uma solução que seja capaz de desarticular as estruturas vigentes. Partindo da análise da mulher na história, na política e na sociedade é capaz de criar as linhas para uma reflexão mais profunda que promova soluções efetivas.

Ao mesmo tempo, outro elemento importante de ser considerado é o vínculo criado entre a mulher e nacionalismo. Isto é algo que tanto Halliday (2007) quanto Dirik (2014) apontam como mais um elemento revelador da construção da desigualdade na ótica das relações internacionais. Originalmente o termo “mãe pátria” estava profundamente vinculado com a figura maternal, no sentido de “mãe” ou “fonte de algo”. Com o tempo, esta associação foi alterada ao sentido ideológico, mas continua sendo referência à origem e uma pessoa (HALLIDAY, 2007, p. 176). Deste modo, os movimentos nacionalistas reafirmam os papéis sociais atribuídos a cada gênero, subordinando as mulheres à cumprir com valores e papéis definidos, basicamente, pelos homens. “O nacionalismo está longe de ser neutro de gênero. Ele busca mobilizar as mulheres para apoiar seus objetivos: a independência e a consolidação de um regime pós-independência especificamente definido” (HALLIDAY, 2007, p. 177).

Melike lembra que a sociedade curda é duplamente oprimida. Tanto pelas estruturas feudais da região quanto pela perseguição sistemática do Estado (YASAR, 2015b). No caso das mulheres, a opressão é ainda mais forte, pois além da sociedade feudal e islâmica é consolidada sobre as bases do sexismo e do sistema patriarcal. Por isso que a educação desenvolve um papel essencial no movimento. A educação tem que ser libertadora, ofertada a toda a população, de forma igualitária e não elitizada. Deve-se entender que o processo de descolonização é um elemento fundamental dentro da jineology. A mulher tem sido a maior dominada pelo colonialismo. Deve-se reconhecer que o movimento feminista é, de fato, um dos maiores movimentos anti-sistêmicos que já foram desenvolvidos. A obtenção da igualdade jurídica é um passo muito importante que deve ser reconhecido, contudo, esta igualdade não ocorre de fato (KOCABIÇAK, 2014). É este passo à realidade que o movimento de mulheres curdas tenta alcançar, a ênfase no empoderamento e na consolidação de mecanismos de autogestão são essenciais para a obtenção dessa igualdade real dentro das relações sociais, políticas e econômicas.

Researching the colonization history of women will require the re-writing of the history of humanity and will have an enlightening character in this way. Together with the extensive and profound evaluation of the deep enslavement of women, the solution of the ciphers of her drummed enslavement will also be possible. jineology will make it possible for us to restore links between knowledge and freedom which have been torn apart from each other. For, there is an important relationship between knowledge and freedom. Knowledge requires freedom, freedom in turn requires knowledge and wisdom. The participation of the woman in societal life will be judged by her degree of freedom. The woman's desire for knowledge and freedom is also an aspiration for truth¹⁶⁷ (KAYA, 2014).

Sendo assim Dilar Dirik (2015b) lembra que as mulheres curdas sempre foram muito rechaçadas, inclusive dentro do movimento feminista turco. Para ela as ativistas feministas turcas consideravam as mulheres curdas muito atrasadas e jamais como parte da sociedade. Assim, as curdas primeiramente deveriam fazer parte da sociedade turca para, logo, poderem reivindicar direitos, sempre em pé de desigualdade. Deste modo, foi assim que emergiu o movimento de mulheres curdas, de base popular, formado por mulheres que desafiavam a tradição e a sociedade em busca de independência e espaço. Dilar lembra que Abdullah Öcalan,

¹⁶⁷ Investigar a história da colonização das mulheres requer que se reescreva a história da humanidade e terá um esclarecedor. Somado à extensa e exaustiva avaliação da profunda escravidão das mulheres, uma solução à altura será possível. Jineology permitirá que possamos reestabelecer os vínculos entre conhecimento e a liberdade que nos tem sido arrancadas. Há uma importante relação entre conhecimento e liberdade. Conhecimento requer liberdade, e esta requer, por sua vez, conhecimento e sabedoria. A participação da mulher na vida social será julgada pelo seu grau de liberdade. O desejo da mulher por conhecimento e a liberdade é também uma aspiração da verdade (tradução nossa).

o líder ideológico do PKK declara explicitamente que o patriarcado atua conjuntamente com o capitalismo e o Estado buscando legitimar as estruturas de dominação. Assim:

All the power and state ideologies stem from sexist attitudes and behaviour [...]. Without women's slavery none of the other types of slavery can exist let alone develop. Capitalism and nation-state denote the most institutionalized dominant male. More boldly and openly spoken: capitalism and nation-state are the monopolism of the despotic and exploitative male. Nothing in the Middle East is as gruesome as the social status of the woman. The enslavement of the woman is similar to the enslavement of the peoples, except it is even older. The project of women's liberation goes far beyond the equality of the sexes, but moreover describes the essence of general democracy, of human rights, of harmony with nature and communal equality¹⁶⁸ (Öcalan, 2010, p.267 in DIRIK, 2015b).

Deste modo, como se pode perceber, a contribuição das mulheres para o movimento de libertação curdo e para a consolidação da revolução em Rojava tende a ser um pilar básico que toma pra si o fio condutor do processo e se encarrega de acender o farol de esperança não só para o Oriente Médio, mas, também, para os movimentos feministas, sobretudo os que emergem nas periferias do mundo lutando para conseguir espaço sem serem absorvidos pelos feminismos liberais e eurocêtricos.

Complementando este raciocínio lembra-se que:

Such analyses are more than just theoretical observations, because they possess existential meaning for the Kurdish struggle for liberation. The freedom of the Kurdish people can be viewed as inseparably bound to women's freedom, which is why we organised ourselves accordingly. (...) In our opinion there can be no free Kurdistan without free women¹⁶⁹ (ÖCALAN, 2010).

A jineology representa o coração do movimento, a base da revolução. Sem esta forma de repensar a história das mulheres e das sociedades muita coisa não poderia ter sido levada adiante e, se fosse, é possível que jamais tivesse conquistado a simpatia e a adesão de tantas

¹⁶⁸ Toas as ideologias de estatais e de poder provêm das atitudes e comportamentos sexistas (...). Sem a escravidão das mulheres nenhum outro tipo de escravidão teria sido desenvolvida. O capitalismo e o Estado-nação apresentam a maior institucionalização do macho dominante. Falando de forma mais audaz e aberta: o capitalismo e o Estado-nação são o monopólio do macho despótico e explorador. Nada no oriente médio é tão horripilante quanto o status social da mulher. A escravidão da mulher é similar a escravidão dos povos, exceto que é mais antiga. O projeto de libertação das mulheres vai muito além da igualdade entre os sexos, por outro lado ele descreve a essencial da democracia em geral, dos direitos humanos e da harmonia entre a natureza e a igualdade comunal (tradução nossa).

¹⁶⁹ Tais análises são mais do que apenas observações teóricas, porque elas possuem significado existencial para a luta de libertação curda. A liberdade do povo curdo pode ser vista como inseparavelmente ligada à liberdade das mulheres, que é por isso que nos organizamos em conformidade a isso (...). Em nossa opinião, não pode haver um Curdistão livre sem mulheres livres (tradução nossa).

peçoas. Deste modo, não poderemos compreender a Revolução em Rojava sem a compreensão do movimento de libertação das mulheres e da formação da jineology.

4 A REVOLUÇÃO EM ROJAVA

O processo revolucionário em Rojava é resultado de um longo processo que se inicia com a formação do PKK e, de forma muito mais densa, a partir da virada do milênio e da transformação ideológica levada adiante por Öcalan. Pode-se dizer que este processo é o resultado de mais de 30 anos de luta por independência, ressignificada através da busca pela autonomia. Zizek (2015) lembra que a criação de fronteiras artificiais pelo ocidente impactou de forma profunda sobre a vida dos curdos, assim como em outros povos do Oriente Médio. Para este autor os curdos exercem um papel chave no Oriente Médio, assim, quando à questão curda for resolvida, muito dos problemas desta região serão resolvidos, também. “In short the Kurds are not just people fighting in the mountains, but the region’s most progressive and democratic nation group¹⁷⁰” (ZIZEK, 2015). Depois da guerra civil na Síria os curdos em Rojava optaram por uma chamada “terceira via” que busca se manter distante do conflito entre a oposição e Assad e, ao mesmo tempo, implementar a política ideológica criada pelo líder do PKK, Abdullah Öcalan.

Este projeto começou, de forma mais definida, com a chamada Primavera Árabe. Em 2011 as revoltas que alteraram a política do Oriente Médio chegaram até a Síria. Nesse tempo a população local, apoiadas pelo PYD e PKK, decidiram formar o TEV-Dem¹⁷¹ (*Tevgera Civaka Demokratîk*)¹⁷². Rapidamente o movimento ganhou força e popular na região principalmente porque, em decorrência do abandono da região pelas tropas sírias, a situação política e social ficou extremamente caótica. Assim, o TEV-Dem decidiu se organizar de forma rápida e coesa para evitar maiores problemas. O programa desenvolvido pelo TEV-Dem foi bastante inclusivo principalmente quanto à participação de populações não curdas. Deste modo, yazidis, assírios, curdos, muçulmanos, cristãos e chechenos foram envolvidos na nova proposta político-social. O primeiro passo foi a criação de grupos, comitês e comunas nos mais variados espaços como ruas, bairros e cidades. Os grupos formavam agrupações menores que separam temas aos quais devem ser realizados debates, reuniões e proposições. Esses grupos se reúnem frequentemente para debater os problemas que a população

¹⁷⁰ Resumidamente, os curdos não são apenas as pessoas que lutam nas montanhas, mas nação mais progressista e democrática da região (tradução nossa).

¹⁷¹ Para saber mais sobre o TEV-Dem sugerimos a leitura do item 2.4 deste trabalho.

¹⁷² Movimento de uma Sociedade Democrática.

enfrenta, ao mesmo tempo em que tem suas representatividades nas chamadas “Casas do Povo”.

Deste modo, as forças de Assad, tendo que enfrentar a oposição, em meio à guerra civil, abriram mão de exercer o controle da região cedendo espaço aos curdos, deixando um vácuo de poder sobre a região. Pouco mais de um ano após o início da guerra civil síria, em 2012, a região de Rojava se declara autônoma. Aqui há uma tomada do poder por parte da guerrilha que suprime a figura do Estado e, deste modo a organização e administração da região é feita de forma direta pelas organizações de base. Nesta lógica pode-se dizer que a Revolução curda em Rojava cria expectativa de uma das mais significativas revoluções socialistas do nosso tempo.

Em entrevista a revista Caros Amigos, Zagros Hiwa, atual líder do KCK, informou que:

Não estamos de acordo com o regime político atual, mas também não aprovamos a intervenção militar estrangeira. Essa terceira via é representada pelo Partido da União Democrática (PYD), o Movimento da Sociedade Democrática (TEV-Dem) e a YPJ/YPG. O nosso dever patriótico e nacional é apoiar esses movimentos em sua luta por democracia e contra o Estado Islâmico (RODRIGUES, 2015).

Em sua visita a Rojava no mês de maio de 2014, Baher (2014) explica suas experiências e analisa modelo social e político implementado na região. Ele conta que existem mais de 20 partidos¹⁷³ desde curdos até cristãos dos quais alguns estão na Autoadministração Democrática (DSA) ou Autogerenciamento democrático (DSM) na região da Al Jazera, um dos três cantões. Conta que entrevistou e conversou com pessoas de alguns partidos curdos e cristãos que não estão dentro do DSA ou DSM, assim como membros de diferentes comitês e comunas, comerciantes, trabalhadores, pessoas que conheceu enquanto andavam nas ruas.

Depois de muito trabalho duro o TEV-DEM concluiu que era preciso implementar o DSA em todos os cantões de Rojava (Al Jazera, Kobanê e Efrin). Em janeiro de 2014 as pessoas das assembleias elegeram seu próprio DSA, seu modo de implementar as decisões das “Casas do Povo” e levá-las até as autoridades locais, municipais e departamentos de educação. O DSA é composto por 22 pessoas, sempre homens e mulheres (respeitando a lei

¹⁷³ Neste sentido, o autor narra que a maioria desses partidos são de oposição ao TEV-Dem e dão apoio a Masoud Barzani, presidente de do KRG (Governo Regional do Curdistão), o partido que governa o Curdistão iraquiano. Vale lembrar que, como falou-se anteriormente, há um afastamento muito grande entre os partidos curdos de Rojava e os do Iraque dado o intenso conflito que vivenciaram os curdos na década de 1990 quando o PKK e o KRG se enfrentavam de forma direta. As disputas ideológicas entre Barzani e Öcalan são essenciais para compreender essa cisão e o tensionamento e, assim, compreender a conjugação dos partidos na oposição em Rojava. Destacamos, também, a intensa aproximação entre o Líder iraquiano e a Turquia, o que torna o embargo econômico e a travessia para chegar ao Curdistão Sírio seja algo bastante complicado.

das cotas de 40% e o copresidencialismo), 44 deputados (sendo 22 mulheres). Essas pessoas provêm das mais diversas etnias, nacionalidades e religiões (BAHER, 2014). Zurutuza (2014) fala sobre o sistema de autogoverno na Síria que é capaz de estabelecer uma ordem política sem desafiar a unidade territorial deste país. É neste laboratório a céu aberto que tem se desenvolvido uma das maiores revoluções progressistas dos últimos cem anos.

Assim, sua função organizativa e coordenadora permite que se crie uma estrutura mais sólida que é capaz de gerenciar as demandas e necessidades locais de maneira mais eficaz que a do antigo regime sírio. Deste modo, destaca-se que “The TEV-DEM didn't function as a catalyst of the Rojava revolution, but rather it canalized the already existing revolutionary spirit, directing the energy of the people towards the construction of a new society, rather than the destruction of the old¹⁷⁴” (LEVERINK, 2015).

Devido à guerra não temos como ter uma noção exata quanto à quantidade populacional na região, em 2014, segundo Baher (2014), somente em Al Jazera a população ultrapassava um milhão de pessoas, sendo que 80% composta por curdos. Contudo fazem parte: árabes, cristãos, muçulmanos, chechenos, yazidis, caldeus, armênios, entre outros que conformam o que Biehl (2014) chama de “Rojavarianos¹⁷⁵”. Para se ter uma ideia o tamanho do cantão de Al Jazera supera as dimensões de Israel e o território Palestino, juntos. Al Jazera, no caso, é responsável por 70% da produção de trigo da Síria, sem contar nos poços de petróleo e gás natural que se encontram na região. Não pode-se esquecer que as zonas curdas são as mais férteis da Síria, lembremos que a Mesopotâmia foi o berço da revolução neolítica que criou a agricultura e sedentarizou às sociedades humanas. A região também é rica em petróleo, principalmente na região de Rimenlan. Contudo, o regime sírio garantiu que Rojava não tivesse refinarias transportando-as para outras regiões da Síria. De todo modo, os rojavarianos conseguem criar refinarias rústicas de óleo que permitem a obtenção de diesel para os geradores que alimentam os cantões. A produção de óleo só é suficiente para garantir a suficiência dessa região (BIEHL, 2014).

¹⁷⁴ O TEV-Dem não funcionou como um catalisador da revolução do Curdistão sírio, mas sim canalizando o espírito revolucionário já existente, direcionando a energia das pessoas para a construção de uma nova sociedade, ao invés da destruição do velho [regime político sírio] (tradução nossa).

¹⁷⁵ Biehl (2014) prefere usar o termo “rojavarianos” para se referir a população da região considerando, principalmente, que ao se referir somente ao curdos significaria ignorar todas as demais populações que, por mais que sejam minorias, vivem e ajudam à contruir a revolução. O critério de classificação é geográfico, chamando deste modo à todas as populações contempladas na região, independente de religião, grupo étnico ou qualquer outra categoria.

Grande parte da população encontra-se dedicada à agricultura e a vida no campo. O autor pode notar que a vida na região é bastante simples e baseada na agricultura, mas, sem pobreza ou miséria. Óleo e pão são distribuídos gratuitamente pelo ‘governo’, mas, o grande problema que o autor pode notar é a falta de eletricidade. O TEV-Dem tenta distribuir diesel a um baixo preço para alimentar os geradores em função de que a energia elétrica é produzida em áreas controladas pelo *daesh* e, no momento, a região está desabastecida. Um fato curioso que é destacado pelo autor é que as linhas telefônicas estão sob o controle do TEV-Dem e DSA e parecem funcionar de forma correta e gratuita. Assim o autor narra vários elementos do cotidiano demonstrando que a vida se passa de uma forma normal (dentro das limitações da guerra) e considerando, antes de qualquer coisa, o bem estar da população, suprimindo suas necessidades.

De igual modo, Ross (2015) conta para chegar até a região de Rojava é bastante complicado, não só pela distância e pela guerra, mas, principalmente porque suas fronteiras encontram-se fechadas, impedindo até mesmo que ajuda humanitária chegue até lá. Como falou-se anteriormente, a Turquia – que aparenta desejar prejudicar ao máximo o desenvolvimento da região – fechou suas fronteiras enquanto que os curdos do Iraque, governados pelo KRG, não contribuem para tornar o acesso mais fácil. Pelo contrário, dificultam ao máximo a passagem das pessoas, principalmente jornalistas – especialmente se simpáticos à causa – e desestimulam visitas reiteradas. Assim, além do embargo econômico que prejudica o desenvolvimento da região, temos a tentativa de isolamento físico de Rojava.

Enquanto seus habitantes, TEV-Dem e PYD encontram grandes desafios em sua administração, os curdos tentam manter o pragmatismo em suas relações com os demais atores do conflito na região. Apesar de ser um ato que está causando polêmica, as forças do YPG e YPJ recebem um pouco de ajuda dos EUA, que lhes enviou armamento e munições para que as milícias curdas possam continuar combatendo o *daesh*. De igual modo, o pragmatismo curdo se expande frente ao governo de Assad. Ross (2015) lembra que existe uma espécie de acordo, que faz com que Assad permita aos curdos manterem o controle da região, em face da retirada de seu exército em 2012.

Entre as conclusões de Baher (2014) há uma lista com uma série de benefícios da implementação desse sistema na região:

1. They have stopped fighting the government and this has protected their land and property (...), this has created an opportunity for everybody to live in peace and without fear when running their own business.

2. The government still pays the wages of its old employees although almost all of them, at present, are working under the control of the DSA. This obviously helps the economic situation there.
3. This situation has allowed people to manage their own lives and make their own decisions. It also means that people are allowed to live under the authority of the Tev-Dem and DSA. (...)
4. This gives the People's Defence Units and Women's Defence Units opportunities to fight terrorist groups, especially Isis/IS, as and when necessary¹⁷⁶ (BAHER, 2014).

Ao analisar-se o Contrato Social de Rojava deve-se destacar alguns elementos essenciais como: a declaração de autonomia dos cantões respeita a unidade territorial síria, não expressando qualquer interesse em independência ou criação de um novo Estado; a separação entre Estado e religião; democracia radical de base; equidade entre homens e mulheres; não discriminação entre os diferentes povos, etnias e grupos religiosos, tendo como a pluralidade e diversidade. Ao longo do capítulo discorreremos mais sobre estes aspectos, e outros.

Estas transformações ganham um espaço muitíssimo relevante, principalmente após o incremento da guerra civil síria que cria um vácuo de poder na região controlada pelos curdos, onde foi possível implementar o modelo da autonomia democrática, apesar da guerra. O processo dado nesta região é muito particular e é resultad de um processo único. Öcalan (2013) enfatiza o fato de que a Mesopotâmia é o berço das civilizações. Lembra, também de que as formas iniciais de sacerdócio tiveram suas origens na suméria dando início à concentração de poder, centralização e os primeiros passos para a formação do Estado. Bookchin (1982) destaca que foi na Suméria que, pela primeira vez, foi usado o conceito de liberdade¹⁷⁷. Este escrito foi encontrado em vestígios arqueológicos desta civilização e que relatam uma revolta popular contra a realeza (BOOKCHIN, 1982, p. 168).

É esta interação entre história local e as teorias de Bookchin, que Öcalan (2013) utiliza para traçar a sua própria linha de pensamento, afirmando que a sociedade curda ainda conserva boa parte dos elementos característicos das sociedades comunais mais antigas.

Pode-se lembrar de alguns conceitos como a da guerra revolucionária em que:

¹⁷⁶ 1. Eles pararam de lutar contra o governo e isso tem protegido as terras e as propriedades (...), criando oportunidades para que todos possam viver em paz e sem medo durante a execução de seus próprios negócios. 2. O governo ainda paga os salários e seus antigos empregados, embora quase todos eles, neste momento, estão trabalhando sob controle do DSA. Isto, obviamente, ajuda na situação econômica. 3. Esta situação permitiu que as pessoas possam gerenciar suas próprias vidas e tomar suas próprias decisões. Isto também significa que as pessoas estão autorizadas a viver sob a autoridade do TEV-Dem e do DAS (...). 4. Isto permite que as Unidades de Proteção ao Povo e as Unidades de Defesa das Mulheres possam combater melhor os terroristas, especialmente o ISIS sempre e quando for necessário (tradução nossa).

¹⁷⁷ *Amargi*.

A guerra revolucionária é uma forma peculiar de luta armada que compreende as ações no campo militar de um fenômeno político-nacional bem mais amplo, de cunho extremista, destinado à conquista do poder, à transformação violenta da ordem vigente e à implantação de um 'novo' sistema calcado em preceitos ideológicos (VISACRO, 2009: s/p).

Contudo, deve-se lembrar que, neste processo, a conquista do poder não se dá de forma violenta, ainda que radical. Neste caso, o sentido radical se relaciona com a raiz do poder, uma mudança que parta das raízes do sistema atual e seja capaz de destruí-lo abrindo espaço a um novo modelo social e político. O modelo de autonomia democrática é descrito como um modelo de convivência que busca integrar todos os povos, etnias e religiões em prol de uma convivência comunal, pacífica e comum. Vale lembrar que o Contrato Social de Rojava estabelece que a região prese pela manutenção da diversidade étnica e religiosa em primeiro lugar e, de igual modo, a máxima autonomia local. Deste modo, a estrutura descentralizada não se opõe aos Estados que existem na região, simplesmente condena a ideia de Estado-nação e à centralização evidenciada neste modelo criando uma nova forma administração pública, negando-a como uma solução para tal revolução (ZURUTUZA, 2014).

Como se registrou anteriormente, a autonomia democrática é organizada em diferentes grupos sendo as comunas a parte mais ativa de toda a estrutura. Biehl (2011) descreve que as assembleias possuem vários níveis. Inicialmente temos as assembleias locais, de bairro. Um estágio acima, as assembleias das cidades. Depois, As assembleias das aldeias e das cidades organizadas em uma assembleia provincial. Finalmente, o quarto nível é o DTK (Congresso da Sociedade Democrática).

No caso das comunas, seus encontros são semanais e buscam debater os problemas mais comuns do cotidiano das pessoas. Vale lembrar que cada comuna tem um representante, um delegado, que participa das reuniões nas “Casas do Povo”. Biehl (srd) destaca que as comunas abrovem um total de aproximadamente 300 pessoas e em cada uma delas existem aproximadamente seis ou sete comitês ativos sobre assuntos específicos e de interesse local. Deste modo, conforme já ressaltado, o governo não encontra-se acima da população, mas emerge das bases em direção ao topo. Ela conta que, por exemplo, em Qamsislo existem seis distritos, ou seja, elegem 12 representantes (1 presente e uma copresidenta para cada) e as demais pessoas agem direta e conjuntamente com esses representantes. Tudo isto é organizado e coordenado pelo TEV-Dem.

Cizîre canton consists of 12 cities. Delegates to the canton-level people's council are allocated according to population. Qamişlo is the biggest city, so it gets more

delegates than others—it gets 20. They determine it by population numbers. The copresidents are already part of this big council; then Qamislo gets 18 more. Each city people's council elects who's going to go to the cantonwide people's council. At the end you have a canton-wide people's council. It's like a parliament, but the ties between the commune and the councils are not severed¹⁷⁸ (BIEHL, srd).

As assembleias debatem todos os assuntos pertinentes à vida em comunidade, Ross (2015), conta que na reunião que ele participou foram debatidas questões várias que atendem às demandas cotidianas. Nesta ocasião, o jornalista conta que foram debatidas questões como a formação de uma cooperativa de sabão em pó, a falta de suprimentos alimentares e até mesmo a rápida suba de preços de alguns produtos como o pão (ROSS, 2015). Obviamente, nem todas as questões que chegam aos conselhos e assembleias são simples e muitos deles precisam ser trabalhados e discutidos em instâncias mais amplas. Para estas questões, temos as assembleias cantonais, funcionando do mesmo modo como as demais instâncias (copresidência, cotas para mulheres e representação de todos os grupos étnicos que habitam à região). Vale lembrar que todo este sistema de cantões e assembleias deve respeitar o sistema de cotas de 40% de participação das mulheres. Isto ocorre de forma independente dos conselhos e comitês específicos de mulheres, formado exclusivamente por esta parcela da população.

Na visita à Qamishlo, cidade localizada no cantão de Cezire, os visitantes participaram de uma assembleia mista sobre questões locais (no caso, deliberações sobre eletricidade e resolução de conflitos) e uma assembleia de mulheres que discutiam questões relacionadas ao seu gênero (BIEHL, 2014).

Grounding its purpose on the “construction of a democratic transformation and a free society in Syria and West Kurdistan”, Yekitiya Star regards Kurdish people's leader Abdullah Öcalan as the builder and leader of freedom. It bases on the philosophy of a democratic, ecological, gender-libertarian society. [...] Yusuf remarks that women in Rojava have proven their existence as a result of the great struggle they have given and great prices they have paid so far, and adds that they are now leading the construction of a democratic society¹⁷⁹ (FIRAT NEWS, 2013).

¹⁷⁸ O cantão de Cizîre é formado por 12 cidades. Os delegados de cada nível do cantão são alocados de acordo com a população. Qamişlo é a maior cidade por esta razão é a que tem o maior número de delegados, 20 no total. Eles são determinados pela quantidade de habitantes. Os copresidentes já fazem parte deste conselho, por isto Qamişlo recebe mais 18. O conselho de cada cidade elege quem serão os representantes de cada cidade para o conselho de cantões. É como se fosse um parlamento mas os laços entre a comuna e os conselhos não são cortados (tradução nossa).

¹⁷⁹ Crescendo neste propósito de construção de uma transformação democrática e de uma sociedade livre na Síria e em Rojava, Yekitiya Star considera seu líder Abdullah Öcalan como o construtor e líder da liberdade. Se baseiam na filosofia de uma sociedade democrática, ecológica e com igualdade de gênero. [...] Hediye Yusuf [militante da organização] observa que as mulheres em Rojava tem demonstrado sua existência como

Para Ross (2015) uma das mais notáveis características do experimento democrático de Rojava é o sistema de justiça. Por ser um modelo completamente democrático não caberia pensar num modelo de justiça em que o Estado fosse o detentor do uso legítimo da força nem tivesse caráter punitivo. Deste modo, em Rojava, é implementado um sistema de justiça comunitária onde o objetivo é a paz social e não a punição em si mesma.

Como afirma Dilar Dirik (2014), uma das primeiras decisões que foram tomadas com a declaração de autonomia dos três cantões foi a supressão dos crimes de honra, os casamentos forçados e com menores de idade, bem como foram implementadas leis combativas à violência doméstica com a criação de conselhos e assembleias formadas somente por mulheres para garantir a segurança desta população.

I was amazed to find such a widespread consciousness of political ideas barely discussed in the rest of the world. In one town, I found myself debating the finer distinctions of anarchist philosophers — Kropotkin, Bakunin — with a youth organizer who was fluent in the discourse of people power¹⁸⁰ (ROSS, 2015).

Neste mesmo sentido, é importante recordar as palavras de Melike Yasar. Esta afirma que em Rojava as mulheres são as que efetivamente constroem o sistema confederalista, e isto não significa que apenas estejam na luta armada, como muitas vezes são representadas pela mídia internacional: “o mundo só conhece a luta armada das mulheres curdas, mas essa não é a única realidade, o mundo deve saber que as mulheres que têm armas em suas mãos são como se estivessem segurando uma caneta também. A força das mulheres representa uma mudança fundamental do Curdistão” (YAZAR, 2015). Para a representante do movimento de mulheres, é essencial não esquecer que a luta armada faz parte da resistência e que essas mulheres só estão combatendo porque se vêm obrigadas a isso por causa da guerra. Ela lembra que existe uma grande parcela de mulheres atuando diretamente na política e construindo a vida social, política e econômica da região e não somente nas linhas de frente.

consequência da grande luta que tiveram e pelo alto preço que tem pago e inclui que elas estão liderando a construção de uma sociedade democrática (tradução nossa).

¹⁸⁰ Fiquei espantado ao encontrar uma consciência generalizada de tais ideias políticas mal discutidas ao redor do mundo. Em uma cidade, encontrei-me a debater as sutis diferenças entre os filósofos anarquistas – Kropotkin, Bakunin – com um organizador de jovens que era fluente no discurso de poder do povo (tradução nossa).

Pode-se citar como exemplo do funcionamento deste modelo com a recente notícia¹⁸¹, do dia 28 de outubro, em que a assembléia de mulheres do cantão de Kobanê decretaram as leis das mulheres, ou seja, um corpo legal que impede o casamento infantil, arranjado ou simultâneo de mais de uma criança com outra família, e a poligamia. Deste modo, busca-se consolidar estas leis no sistema educativo da região para que a desigualdade social entre homens e mulheres seja extirpada.

Um elemento essencial para compreender esta revolução é considerar que sua luta vai muito além das etnias, religiões ou diferenças sociais. O projeto do Confederalismo Democrático se desenvolve para incluir o máximo possível de pessoas, especialmente às minorias, sem imposições ou dominação, mas, abrindo as portas para todos aqueles que desejem participar. Segundo Aretaios (2015), os Conselhos dos Distritos do Povo decidem em matéria de administração e economia, desde os assuntos mais básicos, como a coleta do lixo na cidade ou a distribuição de recursos entre a população (óleo para o aquecimento das casas, por exemplo), até decisões mais complexas como a distribuição da terra ou a organização das empresas cooperativas.

Como falou-se anteriormente, todo este movimento tem como cerne o rompimento com o modelo de Estado-nação e com a luta de independência das mulheres, uma luta antipatriarcal e libertária que busca acabar com as desigualdades sexistas. Neste sentido, uma grande crítica feita pela representante internacional do Movimento de Mulheres do Curdistão, Melike Yasar, ao marxismo é que não pode-se manter a visão piramidal da divisão de poderes dentro do Estado (YASAR, 2015b). A solução marxista de inverter essa pirâmide deve ser questionada por duas razões: a primeira é porque mantemos a lógica de distribuição de poder de cima para baixo e, segundo, porque o fato de que o povo tome o controle do vértice dessa pirâmide não significará que as mulheres tomariam o controle de forma conjunta, mantendo as desigualdades e opressões sociais que sempre existiram. Deste modo, reafirmamos à centralidade da emancipação feminina no modelo do Confederalismo Democrático, colocando como centro a dominação das mulheres e não somente à luta de classes. Yasar (2015b) lembra, também, que o povo curdo foi sistematicamente islamizado e isto trouxe importantes consequências, principalmente para a reconfiguração social e à vida das mulheres. Deste modo, a luta revolucionária foi um importante passo na libertação dessas mulheres. Os

¹⁸¹ KOBANE CANTON DECLARES WOMEN'S LAWS. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/Kobanê-canton-declares-women-s-laws.html>>. Acesso em 29 out. 2015.

primeiros anos na guerrilha fizeram com que as mulheres percebessem que, por mais que lutassem ao lado dos homens, seu status não era o mesmo. O tratamento desigual dado às mulheres nas montanhas fez com que elas percebessem que precisavam se organizar, não somente em batalhões e grupos autônomos, mas também, de forma democrática. “Era más fácil luchar contra el enemigo que contra los compañeros que se oponían ” (YASAR, 2015b). Assim, o acúmulo de reflexões, conclusões e debates desta reestruturação ideológica levou à formação de uma nova ciência social, a jineology ou, traduzido literalmente, a ciência das mulheres. Esta ciência propõe uma nova análise social, uma nova metodologia, que coloque às mulheres como parte do processo de desenvolvimento social e, mais do que isso, que seja capaz de integrar a sociedade aos processos históricos, como foi falado anteriormente.

O processo de descolonização se dá por meio de debates e cursos de jineology que incentivam as pessoas a conhecer e resgatar suas raízes sociais, culturais e históricas fazendo com que essas populações retomem, muitas vezes, suas origens perdidas. Melike (YASAR, 2015b) lembra que estas mulheres foram (e estão sendo) capazes de mudar a sociedade. Essas mulheres não só tem lutado na guerrilha e nas linhas de frente mas, tomam o protagonismo em várias instâncias e organizações dentro da sociedade.

O movimento de mulheres curdas, chamado União das Mulheres Livres (YJA) mudou seu nome para Komalen Jinen Kurdistan (KJK) com o objetivo de se organizar no sistema confederalista. O objeto maior desta organização é lograr a democratização da sociedade por meio da ideologia de libertação das mulheres incentivando a auto-organização. O papel desta organização é central pois, como já falou-se anteriormente, toda o processo revolucionário em Rojava e, principalmente, a reforma social que é levada adiante é determinada pela libertação da mulher do sistema patriarcal como um eixo central.

A participação das mulheres começou no PKK, que em 1993 teve sua primeira unidade guerrilheira de mulheres (YJA-Star¹⁸²). A luta dos curdos é marcada pela participação ativa das mulheres, diferente do que acontece nos países da região de maioria muçulmana. Dentro do PKK, por exemplo, elas possuem suas próprias estruturas, como a YPJ, e fora as muitas que, como líderes, marcaram o partido. Tanto que nas últimas eleições da União de Comunidades do Curdistão (KCK), as mulheres obtiveram 63% dos votos. Hoje, estima-se que a Unidade de Proteção do Povo (YPG), na Síria, conta com mais de 10 mil guerrilheiras, o que representa um terço do total de combatentes dessa organização. Na cidade de Kobanê,

¹⁸² Yekîneyên Jinên Azad ên Star.

esse percentual é de 60%, segundo informações da própria organização. Isso porque dentro do YPG, foi criada a Unidade de Defesa das Mulheres (YPJ), que funciona como um exército de mulheres. Algo sem precedentes na história. Em entrevista¹⁸³ Evren Kocabiçak, comandante da YJA-Star conta que a unidade adotou esse nome, como já havia-se falado, em 2004, contudo a participação das mulheres na guerrilha é bastante anterior. Neste então a militarização e a organização das mulheres em batalhões de combate se deu de forma muito mais sólida e com maior força. Diz a comandante:

A woman who cannot fold herself into a total reality encompassing the ideological, political and military spheres, becomes a basis for the false sense of power that develops in men which causes the development of a masquerading sense of dominance over women. The armies of men have taken their source from inequality and have become the instruments of deepening for slavery and domination; in contrast with this, the militarization of women is face to face with the duties of abolishing the sources of inequality and exploitation, fighting against the very causes that foment domination and becoming the army of equality and liberation¹⁸⁴ (KOCABIÇAK, 2014).

Deste modo, a comandante expõe aquilo que percebe-se na formação das demais unidades de defesa e proteção das mulheres em todo o território curdo. Por meio desse desafio as mulheres tem logrado obter amplos poderes decisórios política e militarmente construindo as bases da revolução, como pudemos notar no decorrer do capítulo. Kocabiçak (2014) lembra que pode-se perceber o nível de desenvolvimento de uma sociedade dado o nível de liberdade de suas mulheres. Neste ponto, a sociedade de Rojava tem como centro a luta pela libertação das mulheres, por meio da organização e gestão das pessoas desenvolvendo seu caráter emancipatório. O desenvolvimento de um exército não patriarcal, além de ser um marco na história militar mundial significa um importante passo ao processo de democratização. A comandante lembra que em nenhum lugar do mundo foi desenvolvido um exército de mulheres separado e autônomo que forma parte de um exército geral, esta é a principal diferença destes batalhões.

¹⁸³ Entrevista publicada no dia 23 de março de 2014. Disponível em: < <http://isyandan.org/english/interview-with-the-worlds-first-army-of-women-yja-star/>>. Acesso em 15 out. 2015.

¹⁸⁴ Uma mulher que não pode envolver-se em uma realidade total englobando as esferas ideológicas, políticas e militares, torna-se uma base para a falsa sensação de poder que se desenvolve nos homens que fazem com que se crie um sentimento disfarçado de domínio sobre as mulheres. Os exércitos masculinos tomaram a fonte da desigualdade e tornaram-se os instrumentos de aprofundamento para a escravidão e dominação ; em contrate a isso, a militarização das mulheres enfrenta as funções de abolir as fontes de desigualdade e exploração, lutando contra as próprias causas que fomentam a dominação e tornando-se um exército de igualdade e libertação (tradução nossa).

Nos dias atuais muita desta ideologia é construída nas academias e centros de formação da guerrilha. Um exemplo disso é a academia Yekîtiya Star, como já falou-se anteriormente, é onde o processo de debate e construção da jineology é desenvolvido. Este sistema educativo está vinculado à interação dinâmica entre alunos e professores tendo como grande inspiração ao modelo curdo os pensadores Paulo Freire e John Dewey. Para Dilar Dirik (2015a) a Yekîtiya Star, conforma a organização guarda-chuva mais importante da região, sendo responsável por coordenar os movimentos de base das mulheres. Considerando que as mulheres conformam aproximadamente 50% da população, mantê-las escravas de um sistema de dominação e opressão feminina significa um grande impedimento para que possa ser desenvolvida uma revolução real. Ao iniciar o processo revolucionário em 2011, o congresso da Yekitiya Star foi realizado ao ar livre abrindo várias academias e 15 centros de formação para as mulheres e a formação das Unidades de Proteção às Mulheres, YPJ dentro do PYD, sendo uma organização com o mesmo grau de importância da Unidade de Proteção ao Povo, YPG (FIRAT NEWS, 2013).

É fundamental destacar que há uma intensa ênfase na educação política, ideológica e, principalmente, de empoderamento das mulheres. Biehl (srd) lembra que o Estado-nação é um sistema de destruição das mulheres e que a autonomia democrática, ao contrário, é aquele sistema que promove a autonomia e o desenvolvimento pleno das mulheres. Sendo assim, Rojava deve ser reconhecida como a região em que as mulheres, ao que parece, têm a maior participação política no mundo.

As instituições de educação estão abertas nos três cantões em Rojava e oferecem um novo modelo educacional. Os idiomas principais são o curdo, árabe, sírio, entre outros. Este modelo de educação que envolve muitos idiomas tem por objetivo romper com a política linguística monolítica do regime imposto pela Síria. Em entrevista, Dorson Akif (2014), professora de Jineology na Academia de Ciências Sociais da Mesopotâmia no catão de Cizîrê afirma que: "The primary perspectives in education is on the basis of democratic, ecologic-economy and gender emancipatory paradigm"¹⁸⁵, (AKIF, AYDIN, 2014). Deste modo, pelo evidenciado em capítulos anteriores e pelo que expressamos aqui, fica clara a importância central da educação no processo de emancipação e empoderamento das mulheres e da sociedade como um todo. Em Rojava, afirma Akif, é usada a palavra *academia* no lugar da *universidade* principalmente como forma de romper com as estruturas estatais que cercam as

¹⁸⁵ As perspectivas principais na educação são o paradigma das bases da democracia, economia-ecológica e a emancipação de gênero (tradução nossa).

universidades. Assim, ela lembra que há dois tipos de educação em Rojava: uma "pública" que é proporcionada pelas academias, basicamente. E uma "escolar" que é proporcionada pelas instituições estatais, é esta educação monopolista que queremos mudar. Temos criado livros para pré-escolares, creches e primeiro ano do ensino fundamental. As particularidades de cada cantão são respeitadas, principalmente aquelas que têm sociedades mais heterogêneas. Por exemplo, no cantão de Cizîrê é um dos exemplos de coexistência dentro do Oriente médio, as aulas são ministradas em sírio, curdo e árabe. Uma criança árabe receberá aulas em árabe, os demais idiomas serão opcionais, o mesmo vale para cada grupo étnico e linguístico (AKIF, AYDIN, 2014).

Knowledge structures require free discussions. But if we look at the relationship between knowledge and power, this is difficult to detect. In this context, the questioning of patriarchal, power-centered structures is necessary. Likewise, starting with an epistemology in favor of humans, women, nature, and society, there is a need for a new investigation, interpretation, renewal, and awareness. The principles, hypotheses, and results of the existing social sciences must be re-discussed and critically examined. Correct and incorrect information must be separated from each other. It is of great importance that we reach a truthful interpretation of historical society¹⁸⁶ (FIRAT NEWS, 2013)

Biehl (2015) lembra que na medida em que a revolução em Rojava ganha força e popularidade surgem muitas dúvidas à respeito, principalmente, da sua organização econômica. De igual modo afirma que o modelo econômico é o mesmo que o modelo político. É sustentado por uma economia comunitária embasada em cooperativas em todos os setores na educação das pessoas. No momento 70% da produção é investida em recursos bélicos, mas, se orgulham em afirmar que conseguem atender as necessidades básicas de todos (Biehl, 2014). No âmbito econômico deve-se considerar, especialmente, que a região vive um severo embargo aplicado pela Turquia, além da guerra, que faz com que grande parte dos recursos arrecadados sejam destinados à manutenção das Unidades de Proteção, essenciais na resistência frente ao Estado Islâmico. Como afirma o líder curdo: “The Kurds have not struggles against repression by the dominant powers and and for the recognition of their

¹⁸⁶ As estruturas do conhecimento requerem discussões livres. Mas, se olhamos as relações entre conhecimento e poder é difícil de detectar as estruturas de poder que ali se encontram. Neste contexto, é necessário o questionamento das estruturas patriarcais. Desse modo, a partir de uma epistemologia a favor dos seres humanos, das mulheres, na natureza e da sociedade, se forma a necessidade de uma nova investigação, interpretação, renovação e consciência. Os princípios, hipóteses e resultados das ciências sociais existentes devem ser discutidos novamente e examinados criticamente. A informação correta e incorreta deve estar separada entre si. É de grande importância que alcancemos uma interpretação verdadeira na sociedade histórica (tradução nossa).

existence but also of the liberation of their society from the grip of feudalism¹⁸⁷” (Öcalan, 2011b). A economia em Rojava está organizada dentro do sistema de cooperativas. Suas aspirações são de que possa ser construído um sistema de economia social, assim a propriedade dos bens de produção correspondem à toda a sociedade, como um todo. Para tanto, entendemos por cooperativas todas aquelas organizações de pequena escala que são formadas e operadas por um conjunto de indivíduos que tem por objetivo comum a obtenção de vantagens econômicas em face do auxílio mútuo e o trabalho comum. No sistema capitalista, vem na soma desses esforços a chance de ter um ganho na produção, reduzindo os custos e buscando atingir um menor preço, aumentando a sua competitividade. Assim:

Cooperatives are small-scale enterprises that are collectively owned and operated. They may be producers’ cooperatives, or they may be the collectivized and self-managed enterprises such as are advocated by anarcho-syndicalists. Their internal structures of sharing foreshadow the emergence of sharing in the wider society¹⁸⁸ (BIEHL, 2015).

A coletivização dos bens faz com que todos os indivíduos da sociedade tenham acesso aos mesmos tornando-os bens públicos. Neste sentido temos que recordar que este conceito não trata de delegar a propriedade dos bens ao Estado. Tanto Bookchin como Öcalan reconhecem no Estado um instrumento de acúmulo de capital pelas elites. Não se trata de nacionalizar os bens (como ocorreu no caso da União Soviética) mas de que as pessoas possam ter acesso a eles, de forma coletiva.

A truly socialized, alternative economy would be one, then, in profit seeking must be restrained or, better, eliminated. Since economic units are incapable of restraining their own profit seeking from within, they must be subjected to restraint from without. Thus alternative economic units, to avoid assimilation, must exist in a social context that curtails their profit seeking externally. They must be embedded in a larger community that has the power not only to bridle a specific enterprise’s pursuit of profit but to control economic life generally. The expansionist imperatives of capitalism will always try to overturn external controls, will always compete, will always press for expansion¹⁸⁹ (BIEHL, 2015).

¹⁸⁷ Os curdos não lutam somente contra a repressão dos poderes dominantes e para o reconhecimento de sua existência, também lutam pela libertação de sua sociedade do sufoco causado pelo feudalismo (tradução nossa).

¹⁸⁸ As cooperativas são empresas de pequena escala de propriedade coletiva ou operadas pela coletividade. Podem constituir-se como cooperativas de produção ou podem ser empresas autogestionadas que estão coletivizadas. Este modelo é o defendido pelos anarcosindicalistas. Suas estruturas internas favorecem a participação da sociedade (tradução nossa).

¹⁸⁹ Uma economia alternativa socializada seria aquela em que estariam restringidas as buscas dos benefícios por uma elite, ou melhor, eliminadas. Dado que as unidades econômicas são incapazes de conter a sua própria busca pelo lucro internamente, devem ser limitadas externamente. As unidades econômicas alternativas deveriam estar integradas numa comunidade maior que tenha poder não só para frear a busca de uma empresa pelo lucro, mas para controlar a vida econômica de modo geral. Sem um contexto social que permita isso, o capitalismo sempre tentará anular os controles externos (tradução nossa).

Biehl (2012) lembra que seu companheiro Bookchin, viu que o grande problema do marxismo foi desconsiderar a questão ambiental. Para estes autores o capitalismo é um sistema autodestrutivo e falho e que está fadado ao fim, principalmente, dada a sua força destrutiva da natureza.

To create an ecological society, cities would have to be decentralized, so people could live at a smaller scale and govern themselves and grow food locally and use renewable energy. The new society would be guided, not by the dictates of the market, or by the imperatives of a state authority, but by people's decisions. Their decisions would be guided by ethics, on a communal scale¹⁹⁰ (BIEHL, 2012).

Deste modo, todas as instituições criadas deverão ser libertadoras para que não venham a cair no mesmo erro que outras tentativas socialistas da história que não foram fortes o suficiente para combater o capitalismo.

Nevertheless, after the suppression of statist leftist-socialist movements in the Middle East during the 70's and 80's by authoritarian regimes and after the current obstacles neo-liberal political Islamism has placed between the region and democracy, the experiment in Rojava comes to show that there might be a third way. A hybrid political system based on the principles of social and democratic communalism is in stark contrast to the classic nation-state which can no longer manage democratically ethnic and religious diversity in the region. If the idea that this system could be a solution to various comparable situations in the Middle East seems too far fetched, experience having shown that models are rarely successfully "exported", nevertheless the importance of the Rojava experiment seems undeniable¹⁹¹ (ARETAIOS, 2015).

Assim, chegamos às bases do conceito de *municipalismo*, modelo econômico e social criado por Bookchin que se estrutura sobre o conceito de propriedade pública. Deste modo, afirma a autora que: "The economy is neither privately owned, nor broken up into small collectives, nor nationalized. Rather, it is municipalized—placed under community ownership

¹⁹⁰ Para criar uma sociedade ecológica, as cidades teriam que ser descentralizadas, para que as pessoas pudessem viver em uma escala menor e governar a si mesmas produzindo alimentos localmente e utilizando energia renovável. A nova sociedade seria guiada não só pelos ditames do mercado ou pelos imperativos de uma autoridade estatal mas pela decisão das pessoas. Suas decisões seriam pautadas pela ética, em uma escala comum (tradução nossa).

¹⁹¹ No entanto, após a supressão dos movimentos de esquerda socialistas estatistas no Oriente Médio durante os anos 70 e 80 por regimes autoritários e após os atuais obstáculos neoliberais que o islamismo político colocou na região e na democracia, a experiência de Rojava vem para mostrar que pode haver uma terceira via. Um sistema político híbrido baseado nos princípios do comunalismo que está em contraste gritante com o modelo de Estado-nação clássico, o qual já não poder gerir a diversidade étnica e religiosa democraticamente na região. Se a ideia de que este sistema possa ser uma solução para várias situações comparáveis no Oriente Médio parece muito distante, já que a experiência tem mostrado que os modelos exportados raramente tem sucesso. No entanto a experiência em Rojava parece inegável (tradução nossa).

and control¹⁹²” (BIEHL, 2015). Assim, percebe-se que o controle da economia passa ao controle dos cidadãos¹⁹³, das pessoas que habitam aquela comunidade por meio de assembleias onde seriam formuladas as políticas econômicas adequadas à cada comunidade. Estas decisões seriam tomadas respeitando as necessidades dessa comunidade e não por fatores puramente financeiros, de maximização dos lucros, como acontece das empresas.

Assim, afirma Bookchin (1986): “The economy ceases to be merely an economy in the strict sense of the word—whether as ‘business,’ ‘market,’ capitalist, ‘worker-controlled’ enterprises. It becomes a truly political economy: the economy of the polis or the commune¹⁹⁴.” Biehl (2015) complementa o pensamento do autor norte-americano e diz que, neste modelo, a economia seria guiada por normas racionais e ecológicas que valorizaria, antes de mais nada, as pessoas, não pela sua capacidade de consumo mas pela sua contribuição positiva para a vida comunitária.

Amed (2015) complementa as informações trazidas por Biehl, tanto em suas pesquisas quanto em suas diversas visitas à região e, agrega, que o modelo econômico e social implementado em Rojava constitui uma alternativa ao modelo capitalista que tem como base a economia comunal. A proteção dos recursos ambientais é um pilar essencial nesse modelo. Deste modo o modelo busca combinar elementos como anti-liberalismo, a sustentabilidade ecológica e a propriedade comunitária como elementos essenciais capazes de estruturar este modelo. Assim, é por meio da socialização dos diferentes setores (agrícola, pecuário, industrial e de serviços) que as cooperativas vão ganhando forma, sempre em um modelo de economia social.

Em Rojava existe a “Organização para o Desenvolvimento Econômico” que é a responsável por analisar os projetos que estão sendo construídos. Esta organização trabalha entorno à seis principais categorias: comércio, serviços, construção, agricultura, indústria e combustíveis e, finalmente, recursos energéticos.

Deste modo, conseguimos dizer que não existem grandes problemas na compreensão deste movimento. O grande desafio está em ser capaz de coordenar os interesses e vontades da população e ser capaz de resistir à guerra.

¹⁹² A economia não é propriedade privada nem está fragmentada em pequenos coletivos, nem se nacionaliza. Mais bem, está situada no nível municipal, sob a propriedade e o controle da comunidade (tradução nossa).

¹⁹³ Não exclusivamente no sentido jurídico.

¹⁹⁴ A economia deixa de ser meramente tratada no sentido estrito da palavra, seja como um negócio, um mercado ou um modelo de empresas controladas pelos trabalhadores e se transforma em uma verdadeira política econômica, a economia da polis ou da comunidade (tradução nossa).

When our delegation asked a group of Assyrians to tell us their challenges with Democratic Autonomy, they said they had none. In nine days we could not possibly have scoured Rojava for all problems, and our interlocutors candidly admitted that Rojava is hardly above criticism, but as far as I could see, Rojava at the very least aspires to model tolerance and pluralism in a part of the world that has seen far too much fanaticism and repression¹⁹⁵ (BIEHL, 2015).

Sabe-se que a Turquia, com o fim de derrotar Bashar Al-Assad e enfraquecer a soberania síria, apoiou e apoia os extremistas muçulmanos. É fácil achar relatos e depoimentos que afirmam que o exército turco nada faz para conter os jihadistas e ainda permite que seu trânsito seja fluído pelas linhas de fronteira, facilitando o ataque dos extremistas às comunidades curdas da região. Esta estratégia de tentativa de destruição de Rojava pelo exército turco fica evidenciada se analisarmos a hostilidade com que o exército tem atuado na região. Os bombardeios turcos estabelecidos de forma mais intensa a partir de julho pode-se perceber que o alvo principal desta potência não são os jihadistas, mas, vilarejos e bases curdas. A prioridade é destruir Rojava e não o Estado Islâmico, afirma Dirik (2015^a), contrariando contra os acordos de paz firmados com o PKK.

Não pode-se esquecer que os curdos não querem nenhum tipo de intervenção turca na região, apenas querem que este país deixe de apoiar o *daesh* e que permita que ativistas e ajuda humanitária possa atravessar a fronteira turca em direção à Rojava.

Aretaios (2015), conversou com o presidente do Conselho Executivo, Akranes Kamal Chakoun, e ouviu deste que: “We want a democratic Syria and good relations with all our neighbors, Turkey and Iraq. We work to build a democracy here in Rojava. We are still in the beginning, we make mistakes but we are trying to build a democracy from scratch. And we believe that we can succeed (sic)¹⁹⁶”.

Bergikhani (2014) informa que o PYD emitiu um decreto sobre a igualdade no dia 10 de novembro de 2014, insistindo na participação das mulheres no processo de criação das leis e na inclusão das necessidades e aspirações das mulheres dentro das pautas legislativas. Afirma o direito de todas as mulheres de se levantar e segurar todos os tipos de posições políticas

¹⁹⁵ Nossa delegação perguntou a um grupo de assírios que nos contassem um pouco sobre seus desafios na autonomia democrática e eles disseram que não havia. Em nove dias na região não encontramos críticas ao modelo, nossos interlocutores admitiram com franqueza que Rojava poucas vezes é criticada. Pelo que pudemos notar, Rojava aspira criar um modelo de tolerância e pluralismo numa parte do mundo que presencia muito fanatismo e repressão (tradução nossa).

¹⁹⁶ Queremos uma Síria democrática e que tenha boas relações com seus vizinhos, Turquia e Iraque. Trabalhamos para construir uma democracia aqui no Curdistão Sírio. Nós ainda estamos no início, nós cometemos erros, mas estamos tentando construir uma democracia a partir do zero e acredita-se que pode-se ter sucesso (tradução nossa).

participando da governança em co-presidência. As 30 cláusulas estabelecem mais do que princípios de igualdade entre homens e mulheres, buscam com que essas ideias mudem a mentalidade patriarcal tanto nas esferas públicas quanto privadas, criminalizando a poligamia, casamentos forçados ou com meninas e os crimes de honra. As palavras iniciais deste decreto deixam claro esse propósito:

O grau de progresso em qualquer sociedade pode ser medido pelo nível atividade e de participação das mulheres na construção e desenvolvimento da sociedade. Com o objetivo de garantir proteção da sua dignidade e para alcançar a sua liberdade e os direitos, essas mulheres tem lutado... Agora, mulheres não aceitarão a marginalização. O movimento que libera-as é uma necessidade invisível de lutar contra todas as formas de opressão, violência e morte (BEGIKHANI, 2014).

Tudo em Rojava parece ser uma área indefinida, algo em torno à Síria (antigo regime, como eles mesmos denominam) e algo que ainda não foi construído. É um laboratório aberto onde absolutamente tudo está sendo criado. Deste modo, conforme o que foi dito no decorrer do trabalho pode-se considerar quatro elementos essenciais que constituem as bases do TEV-Dem e são a chave para a compreensão da revolução em Rojava. O primeiro diz respeito à construção de um movimento revolucionário de base, em que as decisões sejam tomadas das instâncias locais e sejam conduzidas até os níveis superiores. O segundo elemento diz respeito à libertação das mulheres, sendo esta luta o pilar básico da ideologia, bem como do sistema educativo da revolução. O terceiro elemento está relacionado com a negação do modelo de Estado-nação, considerado como o causador de grande parte dos problemas que existem nas sociedades. Finalmente, como quarto elemento, reconhecemos a essencialidade de se repensar um modelo econômico anticapitalista e voltado à ecologia social. Deste modo, estes grandes elementos pautam as bases do processo revolucionário e trazem consigo outros conceitos tão importantes quanto os mencionados elementos.

4.1 Kobanê e a resistência frente ao Estado Islâmico

A guerra travada em Kobanê durante 100 dias e a resistência curda frente aos sucessivos ataques que buscavam dismantelar seu projeto revolucionário constitui um marco neste processo. O simbolismo que surge deste sucesso é essencial para compreender o ganho de força e o incremento na resistência após a retomada de Kobanê.

María Álvarez (2015), brigadista argentina que esteve em Kobanê recentemente conta que os ataques à Kobanê começaram em setembro de 2014. Durante quase um mês de combate os mercenários conseguiram destruir mais de 80% da cidade. A cidade ficou

completamente destruída e mesmo assim as forças do YPG e YPJ conseguiram garantir o seu controle. Pode-se dizer que foi no cerco à Kobanê que grande parte do mundo conheceu a luta destes homens e mulheres frente a uma das maiores ameaças da região. Aqui não pode-se esquecer de Narin Afrin (Mayssa Abdo), comandante do YPJ, e de Mahmud Barjodan, comandante do YPG, ambos lideraram as tropas contra o *daesh* no ataque à Kobanê e marcaram uma das maiores lutas da história de Rojava. Em nota escrita ao jornal *The New York Times* ela afirma que:

Nós estamos defendendo uma sociedade secular e democrática junto à curdos, árabes, muçulmanos e cristãos que estão frente à um massacre iminente. (...)“Nos nos propusemos à ser a única força efetiva combatendo o Estado Islâmico na Síria. Sempre que enfrentemos eles em igualdade de condições, eles serão derrotados. Se nós tivéssemos mais armas, poderíamos ter mais soldados vindos de todos os lugares da Síria, estando em posição de ataque mortal contra o ISIS, o que nos acredita-se, acabaria por levar à sua dissolução em toda a região como um todo (ABDO, 2015).

A revolução em Rojava, representada em Kobanê (um dos três cantões deste projeto) é algo que, como já se registrou, desafia o *status quo* da região criando um novo paradigma social e político que acende um farol em plena guerra. Para os jihadistas e os Estados ao redor isso não é interessante.

Em um dos tantos emocionantes casos de mártires, Arin Mirkan (Dilar Gencxemis) de apenas 20 anos, mãe de duas crianças, comandante do YPJ, se viu encurralada pelos jihadistas do *daesh* durante o cerco à Kobanê¹⁹⁷. Ao perceber que não haveria outra saída a não ser a sua captura pelos extremistas islâmicos, a jovem envolveu seu corpo com explosivos e detonou-os fazendo uso de seu último recurso: a morte. Casos como esses são repetidos muitas vezes por outras guerrilheiras que sabem que a morte, nesse caso, é sua melhor saída. Expostas aos mais graves riscos, estupros e sequestros, estas mulheres dão sua vida por um sonho muito maior do que suas vidas.

O controle da cidade de Kobanê era – e ainda é – de total importância e essencialidade para a distribuição de poder na região. Segundo Rousset (2014) a batalha de Kobanê foi essencial porque garantiu a manutenção do controle de forma contínua de grande parte da fronteira com a Turquia. De igual modo, o interesse dos jihadistas na região se deve à

¹⁹⁷ No dia 20 de outubro se deu o maior cerco à cidade, em uma tentativa desesperada a jovem Arin tornou-se mais uma mártir da revolução. Durante o cerco à cidade, havia pouquíssimas esperanças de que Kobanê pudesse resistir. Sem nenhum tipo de ajuda das potências internacionais os curdos lutaram bravamente em busca da manutenção do controle da cidade. Como pode-se ler na notícia publicada no dia 09 de outubro disponível em: < <http://www.publico.pt/mundo/noticia/cercada-e-deixada-a-sua-sorte-1672426>>. Acesso em 09 de nov. 2015.

proximidade com o Iraque e pelo fato de ser o cantão central que une Efin com Jazera. Ao tirar Kobanê do controle dos curdos seria perdida boa parte da coezão e poder neste território enfraquecendo a revolução substancialmente.

O atual líder do KCK, Zagros Hiwa lembra, em entrevista, que:

Para o PKK, o Isil não é apenas o inimigo dos curdos, mas de toda a humanidade. O PKK está determinado a lutar contra o Isil onde quer que seja. Nesse momento, o estamos enfrentando em Rojava, na Síria, assim como no Iraque, em cidades como Sinjar, Kirkuk, Makhmur, Celewla e Xanequin. (RODRIGUES, 2015)

Ademais, recorda que a organização terrorista existe desde aproximadamente 2006, mas que tem constituído laços com outras organizações terroristas buscando derrubar Bashar Al-Assad e, de este modo, tem se beneficiado com os financiamentos que países como os EUA e a Turquia tem realizado para a oposição síria.

No dia sete de dezembro de 2014 uma delegação de acadêmicos viajou até Serê Kaniyê onde puderam ter um contato imediato com toda a guerra. Janet Biehl (2015b) conta que não é a primeira vez que os jihadistas do *daesh* e do Al-nusra¹⁹⁸ atacam a região e que a resistência curda frente aos extremistas islâmicos vem desde 2011. Ademais, a autora afirma que o Estado Turco apoiou a ofensiva dos terroristas garantindo seu livre trânsito nas ações que levaram à pilhagem de dezenas de vilas da região.

Cockburn (2014) lembra que demorou um tempo para que os EUA ajudassem os curdos do YPJ e YPG a resistirem frente ao cerco à Kobanê. Os EUA, evitando maiores atritos com a Turquia (segunda maior força bélica da OTAN) evitava coordenar ações por terra enquanto que realizava ataques aéreos destruindo o pouco que ficava da cidade. De modo bastante semelhante os *peshmergas*, soldados curdos do Iraque pouco ajudaram na defesa da cidade. De todos modos, foi montada uma força-tarefa em que os curdos de Rojava, por meio de suas Unidades de Defesa populares (YPG e YPJ) conseguiram resistir frente ao intenso ataque dos terroristas islâmicos e retomar o controle da cidade. A Turquia se opôs tanto ao apoio dos EUA aos curdos de Rojava que, inclusive, como lembra Cockburn (2014), impediu a utilização da base de Incirilik que fica apenas a 160 km de Kobanê mas obrigou aos aviões norte-americanos que viajassem mais de 2000 km em busca de uma base aérea mais próxima.

Este autor lembra que se o governo turco tivesse contribuído com os curdos frente ao cerco em Kobanê o processo de negociação de paz entre o PKK e Erdogan poderia dar um

¹⁹⁸ Célula síria do grupo terrorista Al-Qaeda.

passo significativo o que desagradou o primeiro ministro turco. Deste modo, a hostilidade é retomada com mais força, logo após uma longa tentativa de negociação da paz e de cessar-fogo unilateral por parte dos curdos.

Os ataques do *daesh* ao território de Rojava causaram e tendem a causar grandes transtornos ao desenvolvimento econômico e social da região. Recentemente, o site curdo *Help Kobanê* informou¹⁹⁹ que existem aproximadamente 450 vilarejos e aldeias somente no cantão de Kobanê tendo como principal fonte de subsistência a agricultura. Com a chegada do Estado Islâmico e sua política deliberada de destruir aldeias, vilarejos, plantações e qualquer meio que permita a sobrevivência das populações locais, a vida nessas regiões se tornou um grande desafio. O relatório lembra que antes do início do conflito existiam 2.706 caixas de colmeia nessa região, sendo que hoje, restam pouco mais de 600. O mesmo aconteceu com máquinas e equipamentos agrícolas estimando que mais de 63% desses aparatos foram destruídos pelos terroristas islâmicos. Outra grande preocupação são as minas deixadas com o objetivo de continuar destruindo e matando as pessoas que tentam retomar a suas vidas após a retirada do grupo terrorista. Deste modo, por onde passa o Estado Islâmico deixa um grande rastro de destruição de recursos naturais (queima de árvores, plantações e envenenamento de rios e lagos), infraestrutura (casas, vilarejos e aldeias) e equipamentos que permitam a sobrevivências da população nessas regiões.

Quanto ao papel da Turquia frente ao Estado Islâmico há inúmeras sinalizações que apontam para o Estado como um financiador dos terroristas do *daesh*. Erelle (2015) narra inúmeros fatos que comprovam esta ajuda, principalmente no que tange à livre circulação dos extremistas islâmicos nas fronteiras turcas e o acesso destes indivíduos aos hospitais e centros de tratamento aos feridos localizados na região. Após o seu papel lamentável na batalha em Kobanê, esta representa um ponto decisivo no combate aos jihadistas. David Phillips, observador e professor do Instituto de Direitos Humanos da Universidade de Columbia afirma que a Turquia está provendo apoio militar, logístico, financeiro e médico ao *daesh*. É fácil achar imagens ou relatos disso em uma rápida busca pela internet. Fotos de soldados do Daesh feridos sendo atendidos em hospitais turcos não são segredo e muitos civis narram como os médicos turcos se negam a atender população civil curda, entretanto, recebem os jihadistas feridos em suas unidades. Assim, para Erdogan é mais rentável auxiliar os extremistas islâmicos na destruição dos curdos do que declarar guerra solenemente.

¹⁹⁹ Informações retiradas do relatório de agricultura de Kobanê. Disponível em: <<http://helpKobanê.com/blog/2015/10/29/agricultural-report/>>. Acesso em 06 nov. 2015.

O plano de liquidação turco aparenta ser bastante simples e, a primeira vista, bastante eficiente: ao negar apoio aos curdos, continuar com os ataques ao PKK e incentivar as rivalidades entre o KRG e as milícias em Rojava incrementa a instabilidade, ao mesmo tempo, auxilia os ataques do *daesh* à região. Deste modo, a segunda maior força da OTAN não precisa mobilizar seus exércitos de forma direta e declarada tendo que intervir na Síria.

Phillips (2015) afirma que a batalha em Kobanê é muito significativa por que:

- 1- It's a major setback for Daesh's propaganda campaign. Daesh uses its aura of invincibility to gain recruits. In Kobanê, Daesh was bloodied and beaten.
- 2- It has brought global attention to the Kurds of Syria and their social revolution, which is based on grass-roots democracy, women's empowerment, and environmental sustainability.
- 3- It was a public-relations disaster for Turkey's President Recep Tayyip Erdogan. Turkey sealed its border to cut off Kobanê's defenders. Erdogan demanded that the U.S. impose a no-fly-zone and a security buffer in exchange for Turkey's cooperation with the U.S.-led multinational coalition fighting Daesh. Many observers (including this author) allege Turkey is providing military, logistical, financial and medical support for Daesh and other jihadists.
- 4- It did what no Kurdish leader could do: Kurds from Syria, Turkey, Iraq, and Iran found common cause in forming a united front against terrorism and the Islamic State's fascist nihilism²⁰⁰ (PHILIPS, 2015).

Assim, deve-se considerar que os 100 dias de resistência em Kobanê são um elemento essencial para o desenvolvimento da revolução, não só no aspecto logístico e estratégico, mas, simbólico e ideológico. A retomada de grande parte da cidade no dia 26 de janeiro²⁰¹ representa a retomada do projeto ideológico mais ousado que o Oriente Médio está construindo e se configura como um marco no processo da resistência curda. Para Kenan Kirkaya, ativista encarcerado, “Rojava é o local do modelo revolucionário que desafia nada

²⁰⁰ 1- É uma mancha na propaganda do estado Islâmico. O ISIS usa essa aura de invencibilidade para recrutar pessoas. Em Kobanê, os ISIS foi dessagrado e espancado.

2- Angariou mais atenção para a questão curda, principalmente em Rojava, com sua revolução social que está embasada na democracia radical de base, empoderamento das mulheres e a sustentabilidade ambiental.

3- Representou um enorme desastre para as relações públicas de Erdogan. A Turquia fechou suas fronteiras para tentar impedir que Kobanê pudesse receber ajuda. Erdogan pedir que os EUA criassem uma área tampão para se proteger em troca de cooperação com a potência norte-americana. Muitos observadores (incluindo o autor) alega que a Turquia está oferecendo ajuda militar, logística, financiamento e apoio médico para ajudar o Daesh e outros jihadistas.

4- Fez o que nenhum líder curdo poderia fazer: Curdos da Síria, Turquia, Iraque e Iran se uniram em uma causa comum formando um front contra o terrorismo e contra o ISIS, fascista e niilista (tradução nossa).

²⁰¹ Para saber mais sobre a retomada do controle das cidades: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/539449-os-curdos-comemoram-a-libertacao-de-Kobanê>>. Acesso em 09 nov. 2015.

mais e nada menos do que a hegemonia do sistema capitalista, de estado-nação (...) para curdos, sírios ou para o Curdistão²⁰².

Mahmud Colak Zerdesti, representante do Congresso Nacional do Curdistão no Exílio²⁰³ (KNK²⁰⁴), garante que a contenção do *daesh* está cobrando um alto preço cobrado por meio da vida das mulheres. Em um chamado à solidariedade e ajuda internacional o representante curdo lembra que as mulheres são as principais vítimas dos jihadistas sendo que, atualmente mais de cinco mil encontram-se prisioneiras sendo vendidas diariamente no mercado de escravas sexuais em Raqqa (Síria) ou Mosul (Iraque) e que este problema não é somente dos curdos, mas de toda a humanidade (ZERDESTI, 2015).

Dirik (2015c) lembra o doloroso massacre sofrido pelos yazidis em 2014 onde nem mesmo as forças *peshmergas* foram capazes de defendê-los frente à fúria do *daesh*²⁰⁵. Ela lembra que naquele dia dez mil Yazidis fugiram para as montanhas de Shengal numa marcha mortal na qual eles, especialmente as crianças, morreram de fome, sede e exaustão. Neste massacre, os sobreviventes foram resgatados pelas unidades do YPJ e YPG quem conseguiram formar um corredor seguro que pudesse levar essas populações até Rojava. Em uma dramática tentativa de salvar essas populações, as milícias do YPG E YPJ atravessaram território Sírio, as Montanhas no Iraque e abriram um corredor para poder levar essa população até território seguro. Yvo Fitzherbert (2014) escreveu que a maioria da população Yazidi estava completamente em choque ao ver que as forças dos *peshmerga* os haviam abandonado, principalmente sabendo que, “aqueles que enfrentam à morte” eram, originalmente, rebeldes curdos que resistiram ao terrível regime Baatista, liderado por Saddam Husein por 40 anos. Fitzherbert (2014) destaca que a população yazidi gira entorno de 700 mil pessoas espalhadas por diversos vilarejos no Curdistão Iraquiano e que enfrentam centenas de anos de perseguição, sendo um dos povos mais antigo que ainda existe do Oriente Médio que ainda conserva suas tradições e religião.

²⁰² Entrevista traduzida pelo Cepat: Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/536857-o-misterio-de-Kobanê>>. Acesso em 09 nov. 2015.

²⁰³ O parlamento teve seu início em 1999, com a função de representar os partidos e organizações políticas e sociais do Curdistão. Sua principal função é garantir a unidade e os interesses da população curda. Para saber mais sobre seu funcionamento, recomendamos o acesso ao site: <<http://www.kongrakurdistan.net/en/convention/>>. Acesso em 04 nov. 2015.

²⁰⁴ Kongreya Neteweyî ya Kurdistanê.

²⁰⁵ Para saber mais: GREGORI, Michael. Iraq's Yazidis Face Islamic State or Perilous Mountains. Agosto de 2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/reuters/2014/08/05/world/middleeast/05reuters-iraq-security-yazidis.html?_r=1>. Acesso em 27 de agosto de 2015.

Este ano, no mesmo dia, os yazidis marcharam para as montanhas de Shengal novamente, mas, desta vez, num protesto onde juraram que nunca mais as coisas seriam iguais. A pesquisadora curda continua destacando que durante um ano inteiro, as mulheres Yazidis foram retratadas como vítimas indefesas de estupros pela mídia. Incontáveis entrevistas perguntaram-nas quantas vezes foram estupradas e vendidas, gerando um impiedoso trauma em troca de uma notícia sensacionalista. As mulheres Yazidis foram apresentadas como a materialização da dor, da submissão passiva, as vítimas finais do Estado Islâmico, as mulheres que levantaram uma bandeira branca ao patriarcado.

Contudo, em agosto de 2015, um ano após o massacre as coisas tomaram um rumo bastante diferente. Agora estas mulheres se armaram e se mobilizaram ideológica, social, política e militarmente com as propostas apresentadas por Abdullah Öcalan, líder do PKK, em busca da implementação do sistema de Rojava em território Iraquiano (controlado pelo KRG). O recém-fundado YBŞ²⁰⁶ (Unidade de Resistência de Shengal), o batalhão feminino YPJ-Shengal, e o PKK estão constituindo uma linha de frente contra o *daesh* aqui, sem receber armas dos *peshmerga* ou das forças internacionais. Alguns membros da YBŞ e membros do conselho foram presos no Curdistão Iraquiano.

Este importante acontecimento representa a mudança de paradigmas na região, principalmente no que tange ao empoderamento feminino e ao desejo de reestruturação do poder político e social da região. Dirik (2015c) critica o sistema internacional e sua conduta de despolitização insidiosa das pessoas afetadas pela guerra, especialmente os refugiados enquadrando-os em um discurso que os torna sem vontade, conhecimento, consciência e política.

Em Rojava acontece justamente o contrário, é por meio do empoderamento, da resistência e da autogestão que estas populações ganham força e conseguem reagir frente aos crimes e atentados que são cometidos contra elas. Recentemente, pudemos conhecer as iniciativas²⁰⁷ femininas de reerguer a economia de Kobanê. O empoderamento e a promoção da independência econômica são prioridades levadas muito à sério na retomada da vida nesta cidade devastada pela guerra. Na semana do dia 10 de novembro foi aberto um novo centro de costura e fábrica de roupas incentivando a capacidade das mulheres de serem financeiramente

²⁰⁶ Yekîneyên Berxwedana Şengalê.

²⁰⁷ Para saber mais sobre as cooperativas de produção de roupas em Kobanê: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/rebuilding-Kobanê-through-women-s-initiatives-vina-women-sewing-centre.html>>. Acesso em 15 out. 2015.

autônomas e ajudar na reconstrução da economia da cidade. Atualmente participam da cooperativa cerca de 12 mulheres mas a ideia é expandir o centro e abrigar 50 trabalhadoras. Holdaway (2015) destaca que a nova brigada composta por mulheres yazidis se chama “Sun Girls²⁰⁸” e é liderada pela cantora Xate Shingali, no norte do Iraque. Até o fim de agosto era composta por 123 mulheres que tem entre 17 e 30 anos. Todas as militantes são yazidis e lutam por uma nova vida. Em entrevista ao jornal britânico "Daily mail" publicada no dia 17 de agosto de 2015, Xate conta que apesar de terem apenas treinamento básico e das condições bastante mais precárias dos seus inimigos elas estão preparadas para enfrentá-los (HOLDAWAY, 2015).

Assim, a revolução em Rojava serve de exemplo para mulheres em toda a região, como afirma Dave Holmes em discurso²⁰⁹ de lançamento de seu livro sobre a região, as mulheres em Rojava representam a luta e a própria revolução sendo que em Afrin, por exemplo, elas ocupam 65% dos cargos administrativos e tendo como maior liderança a Hevi Ibrahim. Em entrevista²¹⁰ Hevi afirma que: “we exist and we are here²¹¹”, destacando a participação das mulheres na política da região.

Karman Martin, nascido no Curdistão do Leste, falou com a NEWS CENTER DIHA sobre o desenvolvimento recente do Oriente Médio e os ataques das gangs do *daesh* à Kobanê, cantão de Rojava (Curdistão do Oeste). Nascido no Irã em uma família curda ele experimentou a revolução iraniana desde pequeno, formando assim suas convicções políticas, obtendo seu PhD em Relações Internacionais na Universidade de Sussex. Na entrevista afirma que Kobanê esteve sob ataque por mais de 18 meses. De fato, principalmente depois do avanço do *daesh* no Iraque, eles incrementaram a força dos ataques. Kobanê está no meio de um vasto território controlado pelo *daesh* na Síria e no Iraque. Sem o *daesh* certamente os curdos teriam o controle de um território muitíssimo mais vasto, o que reforça a ideia de que a Turquia, com o objetivo de controlar os curdos e impedir que seu autogoverno se desenvolva, esteja financiando e apoiando o *daesh* para que eles sejam uma importante barreira ao desenvolvimento do modelo social curdo a região.

²⁰⁸ Mulheres do sol (tradução nossa).

²⁰⁹ Discurso disponível em: <<https://resistenciacurda.wordpress.com/2015/10/31/porque-a-luta-curda-e-tao-importante/>>. Acesso em 07 nov. 2015.

²¹⁰ Entrevista completa com a líder curda disponível em: <<http://rudaw.net/english/interview/02022014>>. Acesso em 07 nov. 2015.

²¹¹ Nós existimos e nós estamos aqui (tradução nossa).

Finalmente, de acordo com o que foi apresentado no decorrer deste capítulo pode-se dizer que a guerra em Kobanê expressa a representação da luta e resistência curda e, mais do que isso, expressa a proporção que esta revolução está tomando a região. A resistência em Kobanê possui um valor simbólico de enorme proporção que nos permite compreender o papel de cada ator regional compreendendo seus interesses e papéis dentro do contexto geopolítico, ainda que os EUA demorem o máximo possível em se manifestar e a Turquia habilmente beneficie os extremistas islâmicos. Mesmo assim, o YPG e o YPJ tomaram as rédeas da guerra e conduziram um dos sucessos mais importantes do processo revolucionário em Rojava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante este trabalho buscou-se fazer uma análise progressiva dos principais elementos que constroem a revolução em Rojava. A compreensão do surgimento e desenvolvimento do PKK nos leva até a formação do modelo do Confederalismo Democrático e de sua implementação em Rojava através de uma sociedade autônoma e democrática que tenha como base a libertação das mulheres e a aplicação de um modelo municipalista libertário. Este projeto contraria os ideais extremistas da busca pelo Califado Islâmico ou da manutenção de poder das potências que agem na região desde o início do século passado. Assim, paga-se um alto preço pela inovação e por estar à vanguarda de um sistema opressor e que causa inúmeros problemas para a população local e os curdos aparentam estar bem cientes disso.

A política externa turca busca manter o imperialismo e a má relação com seus vizinhos, incentivando e incrementando as disputas na região ao tempo que desenvolve duras políticas genocidas contra as minorias curdas, especialmente em Rojava onde, publicamente, há um enorme interesse por parte de Erdogan de conseguir sua destruição.

Pode-se dizer, também, que o modelo implementado na região tem vários pontos de contato com movimentos latino-americanos como a revolução zapatista em Chiapas, México e o Movimiento al Socialismo (M.A.S) liderado pelo presidente boliviano Evo Morales. Este modelo de Democracia sem Estado tem como base a participação civil, sempre considerando a inclusão de todos os membros da sociedade, independente de etnia, religião ou nacionalidade e, também, se estrutura num modelo de sociedade ecológica e feminista. São as assembleias as responsáveis pela implementação do plano político. Este aspecto é bastante curioso e demonstra o grande interesse que os revolucionários curdos têm em estreitarem os laços com outros movimentos sociais mundo afora. A interação e similitudes entre o movimento zapatista e a revolução em Rojava é notória, sendo a sua análise, de grande valor para novas pesquisas.

Como se pode perceber, este movimento está sendo construído diariamente, por meio de uma longa e dura resistência por parte da população que habita essas regiões. Investigar mais sobre este processo é presenciar um dos mais relevantes movimentos revolucionários dos últimos tempos e presenciar o poder dos movimentos de base.

Nosso questionamento inicial buscou compreender o papel deste movimento para a libertação destas populações, propondo uma alternativa inovadora na região. Sendo assim, nossa hipótese era de que, de fato, esta construção social representa um marco na região sendo uma terceira via capaz de construir novas soluções para os conflitos que assolam o Oriente Médio.

Portanto, os aspectos aqui analisados tendem a confirmar nossa hipótese a partir de vislumbrarmos que essa revolução constitui, de fato, uma alternativa eficiente aos conflitos que assolam a região, representando uma resposta efetiva à questão curda. O confederalismo democrático constitui uma iniciativa autônoma e autogestionada de busca pela real independência dessas regiões, sendo uma alternativa completamente oposta ao modelo político e social chauvinista e patriarcal que constitui os nacionalismos do oriente médio. Desse modo, a resistência curda faz frente diretamente aos conceitos tradicionais de Estado-nação, à sociedade patriarcal e capitalista, bem como, no *front* de combate, ao Estado Islâmico e Al-Qaeda.

A revolução em Rojava é fruto de um longo e extenso processo que se inicia na década de 1970 e, mais precisamente, no ano de 1978 com a formação do PKK. Este processo representa uma onda mundial de surgimento de novos movimentos sociais de caráter marxista-leninista e de inspiração maoísta. Este processo anda de mãos dadas com o surgimento de debates anti-imperialistas e pós-modernos que buscam resgatar as necessidades e particularidades dos diversos grupos que se encontravam subjugados pelos interesses dos países centrais. Este debate ganhou força e passou a ser evidenciado não só na academia e na produção teórica, mas, de forma mais dura, no recrudescimento da luta armada, sobretudo com a proximidade do desmantelamento da URSS. Nesse mesmo sentido e, de forma paralela e conjunta, emergem na agenda internacional os debates de gênero e a necessidade de se repensar o papel das mulheres nos processos sociais e políticos.

O feminismo ganha mais espaço e força nesta conjuntura emergindo em diversos modos e formas mundo afora, o que pode ser visto, também, nas entranhas do PKK. É certo que a questão curda, em sua especificidade e peculiaridade, não pode ser comparada com a emergência dos debates feministas europeus ou até mesmo latino-americanos. Cada feminismo corresponde a uma realidade, a um processo reivindicatório. Contudo, as mulheres curdas percebem que a revolução não estava sendo feita por elas e que a busca pela independência do Curdistão frente à opressão do sistema não contemplava à vida das mulheres. Sendo assim, inicia-se um processo de autogestão e organização de um movimento

que ganhará tanta força que será capaz de reestruturar o pensamento ideológico do PKK e redefinir a direção da luta.

A mudança de paradigmas levada adiante a partir da prisão de Öcalan e da revisão ideológica desenvolvida pelo líder curdo é essencial. Esta readequação foi o pontapé inicial que transferiu a condução da revolução às mãos das mulheres. Neste mesmo processo, há um rompimento com o modelo de Estado-nação e uma ressignificação da relação com o modo produtivo. Assim, pautam-se as bases para a construção de uma sociedade democrática, libertária, feminista²¹² e ecologista. A partir deste então, Öcalan bebe de fontes anarquistas como o tão mencionado Murray Bookchin, responsável pelo desenvolvimento do municipalismo libertário. De igual modo, as mulheres passam a desenvolver uma ciência própria chamada jineology que tem como objetivo central a revisão histórica dos processos sociais e a construção de um modelo educacional alternativo às estruturas opressoras denunciadas pelo movimento.

Assim, desenvolve-se em Rojava um laboratório a céu aberto que ressignifica as relações sociais, políticas e econômicas da região buscando ser uma terceira via efetiva para a resolução da questão curda e dos demais problemas que assolam o Oriente Médio.

A democracia direta implementada pelo TEV-Dem e que promove a criação massiva de assembleias, conselhos, comitês e comunas é essencial para o sucesso e o funcionamento deste projeto. A criação de cooperativas de trabalhadores facilita a transição para uma nova visão que não se baseie na propriedade privada, mas na administração e produção coletiva. De igual modo, a reforma do sistema educativo e a ênfase que se dá à criação de escolas e centros de ensino são vitais para manter vivo o gérmen revolucionário.

Para quem acompanha e tem expectativas neste processo, nem tudo é tão simples quanto possa parecer. Além da guerra, e dos enfrentamentos diários com os terroristas islâmicos existem grandes desafios a serem vencidos como o embargo econômico e a forte resistência turca que insiste em negar direitos à população curda. Em uma frente reformista, os curdos agem por meio do HDP, partido que atua dentro do cenário democrático turco disputando eleições e conquistando cadeiras no parlamento. Conforme falou-se anteriormente, 2015 foi um ano de grandes tensões no cenário político turco, sobretudo, com as diversas trocas de acusações e ataques por parte do AKP e de Erdogan aos representantes pró-curdos. O sucesso

²¹² Entende-se por feminismo o processo político e social que tem a figura das mulheres como protagonistas no desenvolvimento de uma sociedade que tenha como objetivo rompimento do sistema patriarcal e, com ele, o sistema capitalista.

das eleições de junho trouxe consigo duras represálias e um incremento nas hostilidades turcas frente as comunidades curdas e aos seus representantes no parlamento. Dentre as incontáveis violências causadas pelo sultão turco estão à prisão arbitrária de manifestantes, pesquisadores e ativistas bem como a retirada de prefeitos e representantes do HDP dos municípios localizados nas regiões curdas do território da Turquia. De modo muito mais violento, presenciaram-se os bombardeios e ataques do exército de Erdogan às bases do PKK, YPG e ataques a civis em vilarejos e aldeias habitadas por maioria curda.

Os atentados foram tão violentos que, inclusive, levaram à supressão da campanha eleitoral do HDP na segunda metade do mês de outubro, buscando dar fim à escalada de violência levada adiante pelo governo turco²¹³.

Em face desta instabilidade política e, em busca de conquistar a maioria absoluta do parlamento, o governo turco realizou novas eleições no dia primeiro de novembro que As eleições deste primeiro de novembro significaram uma perda importante para o HDP. O Partido conseguiu 10,5% dos votos perdendo 2,6% em comparação²¹⁴ com as eleições anteriores significando a perda de 21 lugares no parlamento. É claro que isto reflete os últimos acontecimentos, a marcada perseguição do AKP aos militantes curdos e pró-curdos, bem como a campanha eleitoral extremadamente difícil se viu refletida nas urnas.

Ozzano (2015) lembra que, desde a perda da maioria absoluta no parlamento, o governo AKP tem proferido duros ataques aos seus opositores, especialmente, vinculando o HDP ao PKK e realizando uma ostensiva campanha nas regiões curdas, bem como realizando ataques militares pesados nessas regiões.

Esta atmosfera de medo e caos levou a campanha eleitoral ao chão. Neste sentido, temos que lembrar dos ataques a Suruç e Ankara, recentemente, e todas as vezes que as redes sociais e o acesso à internet foram cortados pelo governo turco como meio de impedir a transmissão dos fatos e a mobilização de atos por meio virtual. Os ataques em Ankara em outubro foram decisivos para que o AKP ganhasse mais votos. O medo da população de que a escalada de violência fosse acentuada e a insegurança frente à relação entre o PKK e o exército turco fez com que o HDP perdesse eleitores na esperança de garantir estabilidade e segurança. Outro elemento essencial que deve-se levar em consideração foram os ataques terroristas à cidade de

²¹³ Para assistir à resposta de Selahattin Demirtas à Davutoglu em face das acusações sobre o atentado Ankara ver o vídeo disponível no link: < https://www.youtube.com/watch?v=_npd0UCbF00>. Acesso em 03 nov. 2015.

²¹⁴ Dados anunciados pelas principais agências de notícias mundiais. Mais informações disponíveis em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150607_turquia_eleicoes_resultado_rb>. Acesso em 11 dez. 2015.

Paris na sexta-feira 13 de novembro. Estes ataques tratão importantes consequências políticas e militares para a Síria, colocando os curdos de Rojava em destaque intenacional, mais uma vez, em face de sua atuação na guerra civil síria e na região.

Nota-se, na ampla maioria das leituras, que não se pode - ainda - traçar uma projeção efetiva quanto ao futuro desse movimento. Harvey (2015) destaca que o Oriente Médio está no centro do furacão, além de ser uma parte crucial do mundo geopolítico é uma região que está há muito tempo em conflito. Deste modo é uma região repleta de oportunidades, bem como de catástrofes. Notícias como a tomada²¹⁵ de Sinjar²¹⁶ ou o controle de importantes estradas²¹⁷ que conectam a região são inspiradoras vitórias que consolidam ainda mais o poder curdo na região. Por outro lado, com o avanço da esquerda curda na região e o recuo dos terroristas sunitas vê-se um rastro de destruição deixado pelos jihadista incentivando à população a se organizar autonomamente, seguindo o exemplo de Kobanê. Recentemente, foram achadas valas coletivas²¹⁸ oriundas da matança desatada pelo Estado Islâmico durante suas invasões à região.

É muito difícil prever qual será o caminho que esta Revolução tomará, principalmente devido ao seu caráter altamente democrático e dinâmico. Esta região se transforma, conforme já se registrou, em um grande laboratório, uma experiência viva de inúmeros conceitos e a construção de novos outros. Seu sucesso depende de incontáveis variáveis, algumas internas, outras externas e do jogo de forças que atuam na região, algo que só se verá com mais clareza com o tempo. Independente do que possa acontecer daqui pra frente, em um futuro (distante ou próximo), percebe-se o poder da resistência e da democracia direta na construção de novas alternativas sociais e políticas para os problemas da região o que nos motiva e intriga a dar continuidade a novas pesquisas e buscar respostas ao universo de questionamentos que surgem da análise de um movimento revolucionário completamente inovador, pioneiro e radical.

²¹⁵ O HPG anunciou neste dia 13 de novembro a retomada da cidade de Sinjar conjuntamente com as unidades YBŞ. Esta vitória é um importante passo em direção ao combate do ISIS. Para saber mais recomendamos a leitura do comunicado disponível no link: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/south-kurdistan/kurdish-forces-liberate-shingal.html>>. Acesso em 13 de nov. 2015.

²¹⁶ Sinjar ou Shingal (em árabe) é uma importante cidade localizada no distrito de Sinjar, localizado no Curdistão Iraquiano. Fica localizado na fronteira com Rojava o que torna a região estratégica para a revolução em Rojava. A região é palco de uma das maiores perseguições do ISIS ao povo Yazidi que habita majoritariamente a região.

²¹⁷ Para saber mais sobre a tomada da Estrada 47, recomendamos o acesso ao link: <http://www.nytimes.com/2015/11/13/world/middleeast/sinjar-isis-iraq-syria.html?_r=0>. Acesso em 13 nov. 2015.

²¹⁸ Notícia disponível em: < <http://www.dw.com/pt/vala-coletiva-de-mulheres-yazidis-descoberta-no-iraque/a-18851039>>. Acesso em 15 de nov. 2015.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDO, Meysa. **A town shouldn't fight the Islamic Stat Alone. Turkey's Obstruction of Kobanê's Battle against ISIS.**2014. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2014/10/29/opinion/turkeys-obstruction-of-Kobanês-battle-against-isis.html?_r=1>. Acesso em: 21 ago. 2015.

ABDULLAH, Jamal Jalal. *The Kurds: A nation on the Way to Statehood.* Bloomington: Author House, 2012.

ABDULLAZADA, Sakar. **Now Kurds are in charge of their fate: Syrian Kurdish oficial.** 2012. Disponível em: <<http://ekurd.net/mismas/articles/misc2012/7/syriakurd563.htm>>. Acesso em 10 out. 2015

AKIF, Dorsin. AYDIN, Derya. **Education in Rojava: Academy and Pluralistic versus University and Monism.** Jan.2014. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/education-system-in-rojava/538-education-system-in-rojava.html>> Acesso em 24 ago. 2015. Tradução Gizen Şahin.

ÁLVAREZ, María. **Habla María Álvarez, brigadista argentina.** Principio Esperanza: 08 jun. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BrzJuX1XVXI>>. Acesso em 15 ago. 2015.

AMED, Özgür. **Kurdistán: Comprendiendo la Revolución de Rojava.** 2015. Disponível em: <<http://kaosenlared.net/kurdistan-comprendiendo-la-revolucion-de-rojava/>>. Acesso em 16 out. 2015.

ARETAIOS, Evangelos. **The Rojava Revolution.** Março 2015. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/arab-awakening/evangelos-aretaios/rojava-revolution>> Acesso em 26 ago 2015.

ARMANIAN, Nazanin. **Kurdistán en el huracán de Medio Oriente.** 2015. Disponível em: <<http://www.resumenmediooriente.org/2015/09/25/kurdistan-en-el-huracan-de-medio-oriente/>>. Acesso em 12 out. 2015.

BAHER. Zaher. **The experiment of West Kurdistan (Syrian Kurdistan) has proved that people can make changes.** Julho 2014. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/27301>>. Acesso em 14 ago. 2015.

BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no pós-colonialismo.** In: Rev. Estud. Fem. vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200018&script=sci_arttext>. Acesso em 20 out 2015.

BAKUNIN, Mikhail. **Socialismo sin Estado: Anarquismo.** Marxists Internet Archive. 1999. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/bakunin/socsinestado.htm>>. Acesso em 19 out. 2015.

BARTOS, Otomar J.; WEHR, Paul. **Using Conflict Theory.** United States Of America: Cambridge University Press, 2002. 233 p.

BEGIKHANI, Nazand. **Why the Kurdish Fight for Women's Rights Is Revolutionary.** 2014. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/dr-nazand-begikhani/kurdish-women-rights-fight_b_6205076.html> Acesso em 22 de agosto de 2015.

BIEHL, Janet. **Bookchin, Öcalan, and the Dialectics of Democracy.** 2012. Disponível em: <<http://new-compass.net/articles/bookchin-%C3%B6calan-and-dialectics-democracy/>>. Acesso em 25 out. 2015.

_____. **Municipalization of the Economy.** 2015. Disponível em: <<http://www.biehlonbookchin.com/municipalization-economy/>>. Acesso em 16 out. 2015.

_____. **ROJAVA'S COMMUNES AND COUNCILS.** Srd. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/rojawa-s-communes-and-councils.html>>. Acesso em 24 out 2015.

_____. **Impressions of Rojava: a report from the revolution.** Dez. 2014. Disponível em: <<http://roarmag.org/2014/12/janet-biehl-report-rojava/>> Acesso em 24 ago. 2015

_____. **The First Kobanê.** Feb. 2015b. Disponível em: <<http://www.biehlonbookchin.com/first-Kobanê/>>. Acesso em 07 nov. 2015.

BOOKCHIN, Murray. **Libertarian Municipalism: An Overview.** 2015. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/gp/perspectives24.html>. Acesso em 20 out. 2015.

_____. **MUNICIPALIZATION: Community Ownership of the Economy.** 1986. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/gp/perspectives2.html#1>. Acesso em 16 out. 2015.

_____. **The Ecology of Freedom: The emergence and dissolution of Hierarchy.** Palo Alto: Cheeshire Books. 1982.

_____. **The Meaning of Confederalism.** 1989. Disponível em: <http://dwardmac.pitzer.edu/Anarchist_Archives/bookchin/gp/perspectives20.html>. Acesso em 19 out. 2015.

_____. **Thoughts on Libertarian Municipalism.** 2000. Disponível em: <<http://social-ecology.org/1999/08/thoughts-on-libertarian-municipalism/>>. Acesso em 19 out 2015.

_____. **Ecologia Social e outros ensaios.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2010. 180 p. Tradução: Antônio Cândido Franco, J. P. Oliveira, Sérgio Garcia e Silva, Et. al.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertland Brasil. 2ª ed. 2002. 160 p. Disponível em: <<https://colunastortas.wordpress.com/2015/08/03/pierre-bourdieu-download/>>. Acesso em 23 out. 2015.

BOZARSIAN, Hamit. **Radicalismos, violências e integração política na Turquia**. 2001. Publicado em: Tempo soc. vol.13 no.1 São Paulo May 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000100006&lang=pt>. Acesso em: 30 ago. 2015.

BRANDON, James. **The PKK and Syria's Kurds**. 2007. Disponível em: <[http://www.jamestown.org/programs/tm/single/?tx_ttnews\[tt_news\]=1014&tx_ttnews\[backPid\]=182&no_cache=1#.VhRLjvIViko](http://www.jamestown.org/programs/tm/single/?tx_ttnews[tt_news]=1014&tx_ttnews[backPid]=182&no_cache=1#.VhRLjvIViko)>. Acesso em: 06 out. 2015.

ÇAĞLAYAN, Handan. **From Kawa the Blacksmith to Ishtar the Goddess: From Kawa the Blacksmith to Ishtar the Goddess: Gender Constructions in Ideological-Political Discourses of the Kurdish Movement in post-1980 Turkey**. 2012. Traduzido por Can Evren. Disponível em: <<https://ejts.revues.org/4657#text>>. Acesso em: 30 ago. 2015.

CARVALHO, Giane Carmem Alves. Lutar pelo quê? Reflexões sobre os rumos dos movimentos anti-sistêmicos.. In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.13, n.25, p.153-169, 2008. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/1150>>. Acesso em 24 out 2015.

CELIK, Banu. **Turkish-Kurdish Conflict: An Ethno-Symbolist Exploration of Turks' and Kurds' Territorial Homeland Claims**. 2008. 70 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Virginia Polytechnic Institute And State University, Blacksburg, 2008. Disponível em: <<http://scholar.lib.vt.edu/theses/available/etd-09252008-040005/unrestricted/thesis.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

CEPIK, Marco et al (Ed.). **Segurança Internacional: práticas, tendências e conceitos**. São Paulo: Hucitec, 2010. 279 p.

Charter of the Social Contract. **Contrato Social de Rojava**. Publicado no dia 29 de janeiro de 2014. Disponível em: <<http://peaceinkurdistancampaign.com/charter-of-the-social-contract/>>. Acesso em 01 de agosto de 2015.

CHATTY, Dawn. **Displacement and Dispossession in the Modern Middle East**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. 350 p.

CHOMSKY, Noam. **O governo do futuro**. Rio de Janeiro: Record. 2007. 61 p.

CLAIRE, Raymond. **A mulher militar: das origens aos nossos dias**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002. 336 p.

CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. 1984. Tradução: Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Disponível em <<https://www.egn.mar.mil.br/arquivos/cepe/DAGUERRA.pdf>>. Acesso em 15 out. 2015.

COCKBURN, Patrick. **A Civil War Without End**. 2014. Disponível em: <<http://www.counterpunch.org/2014/10/30/a-civil-war-without-end/>>. Acesso em 30 out 2015.

COLOMA, Javier Pardo de Santillana y. **La adhesión de Turquía a la Unión Europea**. 2007. 246 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Centro Superior de Estudios de La Defensa Nacional, Ceseden, España, 2007. Disponível em: <<http://www.portalcultura.mde.es/Galerias/publicaciones/fichero/Monografia91.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2015.

CURIEL, Ochy. **Descolonizando el feminismo: una perspectiva desde America latina y el Caribe**. 2009. Disponível em: <http://feminismos.cursosimpetu.org/wp-content/uploads/2015/10/Ochy_Curiel-Des.pdf>. Acesso em 27. out 2015.

DIRIK, Dilar. **Dilar Dirik na Cúpula do Novo Mundo em Bruxelas**. Setembro 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kHX-3dKfb-k>> Acesso em 05 de fevereiro de 2015.

_____, Dilar. Women, Resistance and the Kurdish Questions in 21st Century. 2014(b). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oQFTPZ2YKSY>>. Acesso em 17 nov. 2015

_____. **Mulheres Curdas: “A resistência é a vida”**. 2015(a). Disponível em: <<http://feminismoaesquerda.com.br/tag/rojava/>> Acesso em: 23/06/2015. Tradução para português de Luis Leiria.

Disponível em: <<http://www.freedom-for-ocalan.com/english/hintergrund/schriften/ilmanifesto.htm>>. Acesso em 22 out. 2015.

_____. **Dissecting Capitalist Modernity–Building Democratic Confederalism**. Discurso da Conference at Hamburg University, April 3-5th, 2015(b). Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/insight-research/feminism-and-the-kurdish-freedom-movement/836-feminism-and-the-kurdish-freedom-movement.html>>. Acesso em 27 out. 2015.

_____. Entrevista para a Radio Topo. Zaragoza. Postado em 19 de abril de 2015(c). Disponível em: <<http://rojavanoestasola.noblogs.org/post/2015/04/19/radio-entrevista-a-dilar-dirik-en-radio-topo/>>. Acesso em 10 de junho de 2015.

_____. **From Genocide to resistance: Yazidi Women fight back**. 2015(d). Disponível em: <<http://www.telesurtv.net/english/opinion/From-Genocide-to-Resistance-Yazidi-Women-Fight-Back-20150821-0014.html>>. Acesso em: 21 ago. 2015.

DOGAN, Mehmet. **Kurdistán: ¿Otra Revolución es posible?** 13 de agosto de 2015. Organizado por Comité Solidario con los Pueblos de Kurdistán. Montevideo, Uruguay.

DRYAZ, Massoud Sharifi. **Las Mujeres Kurdas: una lucha femenina más allá de Kobané**. Maio de 2015. Disponível em: <<http://www.unitedexplanations.org/2015/05/01/la-mujer-guerrillera-en-el-kurdistan/#>> Acesso em 20 de agosto de 2015.

ECCARIUS-KELLY, Vera. **The Militant Kurds: A Dual Strategy for Freedom**. Santa Bárbara, California: Praeger, 2010, p. 102 – 114.

EIGALD, Eirik. **The Communalist Alternative to Capitalist Modernity**. Hamburgo. Fevereiro de 2012. Disponível em <<http://new-compass.net/articles/communalist-alternative-capitalist-modernity>> Acesso em 10 de abril de 2015

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 1884. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/marcos/hdh_engels_origem_propriedade_privada_estado.pdf>. Acesso em 29 out. 2015.

ERELLE, Anna. **Na pele de uma jihadista**. São Paulo: Paralela. 1ª Edição, 2015.

FACHIN, Odila. **Fundamentos de Metodologia**. Brasil: Editora Saraiva. 5ª Edição, 2006.

FERNÁNDEZ, David Pérez. **El problema Kurdo em Turquía: uma cuestión de permanente actualidad**. 2007. Disponível em: <<https://rojavaazadimadrid.files.wordpress.com/2015/04/el-problema-kurdo-en-turquia.pdf>>. Acesso em 10 out. 2015.

FINLEY, Eleanor. **Epistemologies of Freedom: Interview with a young Kurdish revolutionary**. Agosto 2015. Disponível em: <<http://social-ecology.org/wp/2015/08/interview-with-a-young-kurdish-revolutionary/>> Acesso em 12 de setembro de 2015.

Firat News. **Women of Rojava building a free society in Syrian Kurdistan**. Março 2013. Disponível em: <<http://ekurd.net/mismas/articles/misc2013/3/syriakurd758.htm>> Acesso em 20 de abril de 2015.

FITZHERBERT, Yvo. A new kind of freedom born in terror. Agosto de 2014. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/arab-awakening/yvo-buxton/new-kind-of-freedom-born-in-terror>> Acesso em 27 de agosto de 2015

GUNTER, Michael M.. **Historical Dictionary of the Kurds**: Historical Dictionaries of Peoples and Cultures. 2. ed. Scarecrow Press, 2010. 457 p. Kindle Edition.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 2006. São Paulo: DP&A EDITORA . 10ª edição.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as Relações Internacionais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. 308 p.

HALLIDAY, Fred. **The Middle East in International Relations: Power, Politics and Ideology**. New York: Cambridge University Press, 2005. 388 p.

HARTMANN, Heidi. **The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a more Progressive Union**. 1979. Disponível em: <http://faculty.ycp.edu/~dweiss/phl380_feminist_thought/hartmann%20unhappy%20marriage.pdf>. Acesso em 12 out. 2015.

HARVEY, David. **David Harvey vê a revolta curda e o pós-capitalismo**. 2015. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/david-harvey-ve-a-revolta-curda-e-o-pos-capitalismo/>>. Acesso em 30 out. 2015.

HASAN, Cemal. **Karayilan: Barış Umudumuz Var**. Milliyet. 2009 In: YANAROCAK, Hay Eytan Cohen. **The Ceaseless Conflict in Anatolia: The Kurds of Turkey and the Ethnic Turkish State**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculty Of Social Sciences, Security Studies M.a Program, Tel-aviv University, Tel-aviv, 2009. Disponível em: <http://www.dayan.org/sites/default/files/HAY_EYTAN_COHEN_YANAROCAK_MA_THESIS.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

HEYDTE, Friedrich von der. **A guerra irregular moderna: em política de defesa e como fenômeno militar**. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1990. In RODRIGUES, Thiago. **A guerra além do Estado**. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/verve/article/viewFile/5204/3737>> Acesso em 22 de setembro de 2015.

HOLDAWAY, Owen. **'They rape us. We kill them': Yazidi singer forms all-female fighting unit to take revenge on daesh for forcing their sisters into sexual slavery and beheading their brothers**. Ago. 2015. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-3197565/They-rape-kill-Yazidi-singer-forms-female-fighting-unit-revenge-daesh-forcing-sisters-sexual-slavery-beheading-brothers.html>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Group Denial: Repression of Kurdish Political and Cultural Rights in Syria**. 2009. Disponível em: <http://www.hrw.org/sites/default/files/reports/syria1109webwcover_0.pdf> Acesso em 15 de setembro de 2015.

HUNSICKER, Harry. **Understanding International Counter Terrorism: A Professional's Guide to the Operational Art**. N/i: Universal Publishers, 2006. 476 p. Kindle Edition.

IMSET, Ismet. **PKK Ayrılıkçı Şiddetin 20 Yılı (1973-1992)**. Ankara, Turkish Daily News Yayınları, 1993, pp.155-157. In: YANAROCAK, Hay Eytan Cohen. **The Ceaseless Conflict in Anatolia: The Kurds of Turkey and the Ethnic Turkish State**. 2009. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculty Of Social Sciences, Security Studies M.a Program, Tel-aviv University, Tel-aviv, 2009. Disponível em: <http://www.dayan.org/sites/default/files/HAY_EYTAN_COHEN_YANAROCAK_MA_THESIS.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

JONG, Alex de. **¿De apisonadora estalinista a mariposa libertaria? La evolución ideológica del PKK**. 2015. Disponível em: <http://vientosur.info/IMG/pdf/V5140_A_de_Jong_La_evolucion_ideologica_del_PKK-2.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.

KALDOR, Mary. **New and Old Wars: Organized violence in a global era**. Stanford: Stanford University Press, 1999. Disponível em: <[https://blackboard.angelo.edu/bbcswebdav/institution/LFA/CSS/CourseMaterial/SEC6302/Readings/Lesson_6/Kaldor - New and Old Wars - 1999.pdf](https://blackboard.angelo.edu/bbcswebdav/institution/LFA/CSS/CourseMaterial/SEC6302/Readings/Lesson_6/Kaldor_-_New_and_Old_Wars_-_1999.pdf)>. Acesso em: 22 set. 2015.

KARAVELI, Halil. **Kobanê and the Future of Turkish Democracy: Why the Military May Get the Upper Hand.** 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2014-10-08/Kobanê-and-future-turkish-democracy>>. Acesso em 16 out. 2015.

KAYA, Gönül. **Why jineology? Re-constructing the sciences towards a communal and free life.** S/d. Disponível em: <<http://www.kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/north-kurdistan/why-jineology/533-why-jineology.html>> Acesso em 03 de abril de 2015.

KAYA, Zeynep N. **Maps into Nations: Kurdistan, Kurdish Nationalism and International Society.** 2012. 210 f. Tese (Doutorado) - Curso de Filosofia, Relações Internacionais, The London School Of Economics And Political Science, Londres, 2012. Disponível em: <http://etheses.lse.ac.uk/645/1/Zeynep_Maps_into_Nations.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

KOVEN, Barnett S. **El Resurgimiento de Sendero Luminoso (SL).** 2010. Disponível em: <http://www.airpower.maxwell.af.mil/apjinternational/apj-s/2010/2010-2/2010_2_04_koven.pdf> Acesso em 12 de setembro de 2015.

KOCABIÇAK, Evren. **Interview with the World's First Army of Women: YJA-STAR.** 2014. Disponível em: <<http://isyandan.org/english/interview-with-the-worlds-first-army-of-women-yja-star/>>. Acesso em 15 nov. 2015.

KROPOTKIN, Piotr, **Ajuda mútua: um fator de evolução.** São Sebastião: A Senhora editora. 2009. 271 p.

_____. **O Estado e seu papel histórico.** São Paulo: Imaginário, 2000. 95 p. Tradução de Alfredo Guerra.

LAQUEUR, Walter. **Posmodern terrorism: New Rules for an Old Game.** 1996. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/1996-09-01/postmodern-terrorism-new-rules-old-game>>. Acesso em 16 out. 2015.

LEVERINK, Joris. **The Revolution Behind the Headlines: Autonomy in Northern Syria.** Fev. 2015. Disponível em <<http://www.telesurtv.net/english/opinion/The-Revolution-Behind-the-Headlines-Autonomy-in-Northern-Syria-20150222-0011.html>>. Acesso em 01 de setembro de 2015.

MACEDO, Paulo Emílio Borges de. Clausewitz e a guerra na política. In: CARVALHO, Leonardo Aquimimo de. **Geopolítica e Relações Internacionais.** 2002. ed. Curitiba: Juruá, 2011. p. 95-113.

MAGRÃO, Alex. **Kobanê, Rojava e a luta das mulheres curdas.** 2014. Disponível em: <<http://www.anovademocracia.com.br/no-140/5648-Kobanê-rojava-a-luta-das-mulheres-curdas>> Acesso em: 23/06/2015.

MALATESTA, Errico. **Anarquismo e Anarquia.** 2009. Faísca Publicações Libertárias. Disponível em: <http://www.geipafloripa.libertar.org/wp-content/uploads/2009/10/malatesta_anarquismo.pdf> Acesso em 29 de agosto de 2015.

MALATESTA, Errico. **La Anarquía**. 1891. La Biblioteca Anarquista. Disponível em: <<http://theanarchistlibrary.org/special/index>>. Acesso em 03 de junho de 2015.

NAPOLEONI, Loretta. **A Fênix Islamista: O Estado Islâmico e a Reconfiguração do Oriente Médio**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1ª Ed. 2015. Tradução Milton Chaves De Almeida.

NEWS CENTER DÎHA. **Prof. Matin: Kobanê democratic experience has a strong potential for being model in region**. 2014. Disponível em: <<http://www.diclehaber.com/en/news/content/view/426456?from=3534286294>>. Acesso em: 20 ago. 2015.

ÖCALAN, Abdulla. **The Revolution is Female**. 2010a. Tradução por David Macdonald, 12 february.

_____. *Jenseits von Staat, Macht und Gewalt*. Cologne: Mesopotamien Verlag, 2010. IN: DIRIK, Dilar. **Dissecting Capitalist Modernity—Building Democratic Confederalism**. Discurso da Conference at Hamburg University, April 3-5th, 2015(b). Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/insight-research/feminism-and-the-kurdish-freedom-movement/836-feminism-and-the-kurdish-freedom-movement.html>>. Acesso em 27 out. 2015.

_____. **Al pueblo Curdo y a la comunidad internacional**. 20 de março de 2005. Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/xdeeqh3zb4z0yil/Al-Pueblo-Kurdo-y-La-Comunidad-Internacional.pdf>>. Acesso em 02 de abril de 2015.

_____. **Confederalismo Democrático**. Primeira Ed., International Initiative Edition, 2012.

_____. **Democratic Modernity: Era of Woman's Revolution**. Srd. Disponível em: <<http://www.pkkonline.com/en/index.php?sys=article&artID=235>>. Acesso em 24 out. 2015.

_____. **Guerra y paz en el Kurdistan**: Perspectivas para una solución política de la cuestión kurda. Primeira ed. International Initiative Freedom for Abdullah Öcalan. 2008.

_____. **I am withdrawing because I could not find an interlocutor**. 2010. Disponível em: <<http://www.kurdishaspect.com/doc052910KI.html>>. Acesso em 22 out. 2015.

_____. **Ocalan: My real role in Kurds' struggle for freedom**. 2014. Disponível em: <<http://peaceinkurdistancampaign.com/2014/01/21/ocalan-my-real-role-in-kurds-struggle-for-freedom/>>. Acesso em 22 out 2015.

_____. **Prison Writings II: The PKK and the Kurdish Question in the 21st Century**. Londres: Transmedia Publishing, 2011. Kindle Edition. Traduzido por Klaus Happel.

_____. *Savunmalarım (My Defences)*. 1999. *Weşanên Serxwebun*, Köln. In: ÖZCAN, Ali Kemal. **Turkey's Kurds: A theoretical analysis of the PKK and Abdullah Öcalan**. Londres: Routledge, 2006. 282 p. Kindle Version.

_____. Translation of Abdullah Öcalan Defence Argument in 1999. 2011b. Disponível em: <<http://ekurd.net/mismas/articles/misc2011/2/turkey3139.htm>>. Acesso em 22 out 2015.

_____. **Liberating Life: Woman's Revolution.** Cologne: International Initiative Edition, 2013.

OZZANO, Luca. **Il ruolo del partito filo-curdo nel nuovo quadro politico turco.** 2015. Disponível em: <<https://www.aspeninstitute.it/aspenia-online/article/il-ruolo-del-partito-filo-curdo-nel-nuovo-quadro-politico-turco>>. Acesso em 04 nov. 2015.

PADECEME; Escola de Comando e Estado-Maior do Exército Escola Marechal Castello Branco. **A aplicabilidade da teoria da guerra de Clausewitz para conflitos contemporâneos: A visão científica sobre a controvérsia.** 2014. Disponível em: <http://www.eceme.ensino.eb.br/eceme/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=307&Itemid=89&lang=pt>. Acesso em: 21 set. 2015.

PAKER, Evren Balta. **Autonomy and Conflict: Looking Into the Kurdish Question In the Light of Different Experiences.** Srd. Disponível em: <http://www.hyd.org.tr/staticfiles/files/article_-_autonomy_and_conflict_-_evren_balta_paker.pdf>. Acesso em 23 out. 2015.

PARKER, Sarah. **Turquia reanuda su guerra contra los kurdos.** 2015. Disponível em: <<http://www.resumenmedioriente.org/2015/10/07/turquia-reanuda-su-guerra-contra-los-kurdos/>>. Acesso em 12 out. 2015.

Partya Karkerên Kurdistan (PKK). **Declaration On The Democratic Solution Of The Kurdish Question.** Disponível em: <<http://www.pkkonline.com/en/index.php?sys=article&artID=21>>. Acesso em: 30 de ago. 2015

_____. **PKK Party Program.** 1995. <<http://212.150.54.123/documents/documentdet.cfm?docid=27>>. Acesso em 22 out. 2015.

_____. **Yeniden İnşa Bildirgesi.** 2005. Disponível em: <<http://archive.today/zFTt4>>. Acesso em 10 ago. 2012. IN: YARKIN, Güllistan. The ideological transformation of the PKK regarding the political economy of the Kurdish region in Turkey. 2015. Disponível em: <<http://tplondon.com/journal/index.php/ks/article/viewFile/450/394>>. Acesso em 21 out. 2015.

PECEQUILO, Cristina. **Manual do Candidato: Política Internacional.** 2 ed. Brasília: FUNAG, 2012. 354 p.

PHILLIPS, David L. **Liberation of Kobanê: A turning point in the war against ISIS.** Janeiro de 2015. Disponível em: <<http://www.cnbc.com/2015/01/27/liberation-of-Kobanê-a-turning-point-in-the-war-against-isis-commentary.html>> Acesso em 27 agosto de 2015.

PINHEIRO, Alvaro de Souza. **O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular.** 2007. Disponível em: <<http://www.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/view/258/227>>. Acesso em: 21 set. 2015.

PROUDHON, Pierre Joseph. **Do princípio Federativo.** São Paulo: Editora Imaginário. 2001.

_____. **O que é a Propriedade?** Lisboa: Editorial Estampa. 1985.

REBELLO, Luiz Felipe. **O Conceito de Guerrilha e o Debate sobre a Transformação da Guerra.** Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/rbed/article/viewFile/48987/30691>>. Acesso em: 21 set. 2015.

REIS, Claudio Ricardo Martins dos. **Socialismo e Anarquia na concepção de Errico Malatesta.** srd. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/16_claudioricardomartinsdosreis.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2015.

RODRIGUES, Fania. **Curdos: a nação sem país.** Caros Amigos, São Paulo, ano XIX, nº 220, p.10-13, jul. 2015. Mensal.

ROSS, Carne. **Power to the people: a Syrian experiment in democracy.** 2015. Disponível em: <<http://www.ft.com/cms/s/2/50102294-77fd-11e5-a95a-27d368e1ddf7.html#axzz3pSZ64njj>>. Acesso em 24 out. 2015.

ROUSSET, Pierre. **The Battler of Kobanê. Aleppo and the relearning of solidarity.** 2014. Disponível em: <<http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article3775>>. Acesso em 24 out 2015.

SAID, Edward W. **Orientalismo.** Barcelona: Random House Mondadori, 2002. 510 p.

SANTOS, Waldeir Eustáquio dos. **A Geopolítica da Turquia: da Guerra Fria aos dias atuais.** 2012. Disponível em: <http://novo.more.ufsc.br/homepage/inserir_homepage>. Acesso em: 15 maio 2015.

SAPOHR, Alexandre; ANDRIOTTI, Luiza; SOARES, Josué Gihad. **A situação dos curdos na Turquia e no Iraque.** Revista Perspectiva: Reflexões sobre a temática internacional, Porto Alegre, Ano 04, Nº 06, p.95-107, Fevereiro/Março. 2011. Semestral.

SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses.** Gender and the politics of history. New York: Columbia University Press. 1989.

SERHAT. Rojda, SERVAN, Sevin. **Rewriting Women's History in Rojava (Part 1).** Março de 2015. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/rewriting-women-s-history-in-rojava-part-1/692-rewriting-women-s-history-in-rojava-part-1.html>>. Acesso em 14 de abril de 2015.

SIDKI, Bakr. **The Kurds and the Syrian Revolution: Statehood & Participation.** 2014. Disponível em: <http://lb.boell.org/sites/default/files/downloads/Bakr_Sidqi-The_Kurds_and_the_Syrian_Revolution.pdf>. Acesso em: 06 out. 2015.

SOUZA, Marcelo Bastos de. **Guerra Irregular no contexto da Estratégia da Resistência.** 2014. 131 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Militares, Escola de Comando e Estado-maior do Exército, Rio de Janeiro, 2014.

SPIVAK, Gayatri C. **The Post-Colonial Critic: Interviews, Strategies, Dialogues.** Edited by Sarah Harasym. New York: Routledge, 1990 IN: BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. In: Rev. Estud. Fem. vol.21 no.2 Florianópolis May/Aug. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2013000200018&script=sci_arttext>. Acesso em 20 out 2015.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 133 p.

STRACHAN, Hew. **Sobre a guerra:** de Clausewitz. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 231 p. Tradução maria Luiza X. de A. Borges.

TANCHUM, Micha'el. **Rojava'a Witness:** The Kurds and Ankara's Real Strategic Nightmare. 2015b. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2015-08-05/rojavas-witness>>. Acesso em 16 out. 2015.

TANCHUM, Micha'el. **The kurdish Consolidation:** Amassing Power at Ballot Box on the Battlefield. 2015. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2015-06-29/kurdish-consolidation>>. Acesso em 16 out. 2015.

TAŞTEKIN, Fehim. **KRG trench divides Syrian, Iraqi Kurds.** 2014. Traduzido por Timur Göksel.. Disponível em: <<http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2014/04/kg-trench-divides-syrian-iraqi-kurds.html#>>. Acesso em: 14 out. 2015.

TAYLOR, Rafael. **O surpreendente Curdistão libertário.** .Net, São Paulo, 03 dez. 2014. Seção Geopolítica, Mundo. Traduzido por: Leonardo Griz Cavalheira. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/posts/o-surpreendente-curdista-libertario/>>. Acesso em: 18 fev. 2015.

TEJEL, Jordi. **Syria's Kurds:** History, politics and society. New York: Routledge, 2009. 190 p.

The Rojava Report. **YPJ-Star: Today Is Our Day, Organize!** 2014. Disponível em: <https://rojavareport.wordpress.com/2014/11/21/ypj-star-today-is-our-day-organize/>. Acesso em 12 de setembro de 2015.

Tratado de Lausanne, 24 de julho, 1923. Disponível em: <http://wwi.lib.byu.edu/index.php/Treaty_of_Lausanne> Acesso em 13 de setembro de 2015.

Tratado de Sèvres. 1920. Disponível em: <http://wwi.lib.byu.edu/index.php/Section_I_Articles_1_-_260> Acesso em 13 de setembro de 2015.

TRUTHHUGGER. **Female PKK Warriors, “won't stand for male dominance”.** 7 out. 2008. Disponível em: <<http://truthhugger.com/2008/10/07/female-pkk-warriors-wont-stand-for-male-dominance/>>. Acesso em 22 out. 2015.

VARELA, Nuria. **Feminismo para Principiantes.** In: Curso online: Feminismo para principiantes. 2015. Disponível em: <<http://feminismos.cursosimpetu.org/wp-content/uploads/2015/10/NurivaVarela.pdf>> Acesso em 15 out. 2015.

WALLERSTEIN, Immanuel. **Capitalismo histórico & Civilização capitalista.** Rio de Janeiro: Contraponto. 2001. 144 p.

_____. **El moderno sistema mundial**. 4.ed. México: Siglo Veintiuno, 1988.

WHITE, Paul J. **Ethnic Differentiation among the Kurds**: Kurmancî, Kizilbash and Zaza. 1995. *Journal of Arabic, Islamic & Middle Eastern Studies* 2. páginas 67–90. Disponível em: < http://members.tripod.com/~zaza_kirmanc/research/paul.htm>. Acesso em 12 de setembro de 2015.

_____. **The PKK**: Coming Down from the mountains. Londres: Zed Books. 1° Ed. 2015. Kindle edition.

WHITTAKER, David J. **Terrorismo**: um retrato. Rio de Janeiro: Bibliex, 2005 In: VISACRO, Alessandro. **Guerra Irregular**: terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história. São Paulo: Contexto, 2009. Kindle Version.

WOOD, Anna. **The Narration of Nationality and Identity among Anatolian Kurds, 1908-1938**. 2010. 92 f. TCC (Graduação) - Curso de História, University Of Columbia, Columbia, 2010. Disponível em: <http://history.columbia.edu/undergraduate/theses/Wood_thesis.pdf>. Acesso em: 12 set. 2015.

YASAR, Melike. Entrevista realizada pela autora deste trabalho no dia 17 de setembro de 2015 na cidade de Montevideo – Uruguai.

_____. **Mujeres revolucionarias: la experiencia de las mujeres kurdas**. Montevideo. 16 de setembro 2015(b). Transcrição disponível nos anexos.

YPG Media Center. **Internal System**. Disponível em <<http://www.ypgrojava.com/en/index.php/ypg>>. Acesso em 09 out. 2015.

_____. **YPG STATEMENT IN REACTION TO AMNESTY REPORT**. 2015. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/kurdistan/west-kurdistan/ypg-statement-in-reaction-to-amnesty-report.html>>. Acesso em 17 out 2015.

YPJ HEADQUARTERS LEADERSHIP. **Women’s Defense Units (YPJ) Internal System**. Disponível em: <<http://www.ypgrojava.com/en/index.php/ypj>>. Acesso em 09 de outubro de 2015.

ZAHER, Baher. **The experiment of West Kurdistan (Syrian Kurdistan) has proved that people can make changes**. Julho 2014. Disponível em: <<http://www.anarkismo.net/article/27301>>. Acesso em 14 ago. 2015.

ZALEWSKI, Piotr. **Contentious Kurds**: Is Turkey Right to Fear the PKK in Kobanê? 2014. Disponível em: <<https://www.foreignaffairs.com/articles/turkey/2014-11-02/contentious-kurds>>. Acesso 16 out. 2015.

ZERDESTI, Mahmud Colak. **“Más de 5.000 mujeres y niñas kurdas están en manos del Estado Islámico”**. 2015. Disponível em: < http://www.eldiario.es/desalambre/mujeres-ninas-kurdas-manos-Islamico_0_447955950.html>. Acesso em 04 de out. 2015.

ZIZEK, Slavoj. **SLAVOJ ZIZEK: KURDS ARE THE MOST PROGRESSIVE, DEMOCRATIC NATION IN THE MIDDLE EAST**. 2015. Disponível em: <<http://kurdishquestion.com/index.php/insight-research/slavoj-zizek-kurds-are-the-most-progressive-democratic-nation-in-the-middle-east.html>>. Acesso em 30 out. 2015.

ZURUTUZA, Karlos. **A democracia é “radical” no norte da Síria**. 2014. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/dossier/democracia-e-radical-no-norte-de-siria/34845>>. Acesso em 30 out. 2015.

_____. **Entrevista a Sauas Amed (Consejo de Comunidades del Kurdistan):** “Si no hay diálogo, implantaremos el modelo de Rojava em Turquía.” 14 de setembro de 2015. Disponível em: <<http://vientosur.info/spip.php?article10470>>. Acesso em 10 out. 2015.